

REVISTA DA SEMANA

Nº 48

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

30 - 11 - 46





Ponsance Bennett

UM LINDO ESTOJO
COM MAGNÍFICOS
PRODUTOS FEITOS
PARA DAR MAIOR
REALCE ÀS

mulheres belas!



D I S T R I B U I D O R E S

C I V I L A, S. A.

• Av. Rio Branco, 311 — 2.º and.



R I O



A FRANÇA continua a condenar os seus colaboracionistas. Antonio Cousteau e Lucien Reaulet vão morrer, não sabemos bem se fusilados, na forca ou na guilhotina. Claude Jeantet foi condenado à prisão perpétua... Na Itália, foi descoberta uma conspiração monarquista, da qual faziam parte alguns oficiais que colaboraram com Mussolini. Isso vem dar grande atualidade ao artigo "Conde de Pollenzo, para servi-lo", publicado na página 20 desta edição da REVISTA DA SEMANA, sobre a vida do ex-rei Victor Emmanuel no Egito... Voltou a circular mais valente do que nunca o matutino carloca "Resistência", que prossegue na sua veemente campanha anti-fascista... Por falar em anti-fascismo, continuam os protestos contra o caudilho espanhol, general Francisco Franco y Bahamonde... Na Polónia, foi condenado um padre, Ziegmunt Jarkiewicz sob a acusação de chefiar um "complot" para derrubar o governo. E, na mesma semana, causou sensação em São Paulo o padre Arnaldo de Moraes Arruda, que falou num comício da extrema esquerda, em nome para recusar a deputação estadual que lhe era oferecida... Venceram as resistências do governo os monopolizadores do fósforo, que obtiveram do ministro Morvan Dias de Figueiredo uma portaria elevando o preço dessa utilidade de cinquenta por cento, ou seja, de vinte para trinta centavos... João Severino Felix, servidor do Ministério da Guerra, foi preso e remetido para uma fortaleza, porque estava abeindo e lendo a correspondência secreta entre aquela Secretaria de Estado e de Departamento Federal de Segurança Pública... A greve dos mineiros nos Estados Unidos está dando dôr de cabeça ao presidente Truman... Duzentos mil operários abandonaram o trabalho, exigindo melhores salários e outras vantagens. Na Argentina, o Sr. Levi Carneiro, membro da Academia Brasileira de Letras, se recusou a receber o título de "doutor honoris causa" da Universidade de La Plata por estar a mesma controlada por um interventor do governo Perón, com violação da liberdade de cátedra, e por terem sido dali afastados sumariamente os professores que lhe haviam conferido aquela honra, em reunião da congregação... Continua a onda em favor da candidatura de Gilberto Freyre ao prêmio Nobel de Literatura de 1947... A propósito: esse prêmio em 1946, foi conferido ao escritor de língua alemã, Herman Hesse... O coronel Raul de Albuquerque, diretor geral dos Correios e Telégrafos, foi nomeado para fazer sindicância em torno das denúncias contra o diretor do SAPS, Dr. José Evangelista... O ano de 1946 está findando e ainda não se realizou o Salão de Belas Artes, por culpa da intransigência do Sr. Osvaldo Teixeira, que fez aprovar um regimento ditatorial, contra o qual se insubordinaram os artistas plásticos, com carradas de razão... Fez noventa anos a Sociedade Propagadora de Belas Artes, que mantém o Liceu de Artes e Ofícios, uma biblioteca e um conjunto de amadores teatrais. O empresário Luis Iglesias, que andou afastado porque os críticos teatrais não haviam dado o prêmio de interpretação de 1946 à atriz Eva Todor, pelo seu trabalho em "Cândida", ainda tem interessante, voltou atrás em suas opiniões precipitadas para dizer que a preñada, Sra. Henriette Risner Morineau, "merece todos os prêmios e todas as medalhas do mundo" (sic) pelo seu trabalho em "Frenesi". Declaro também, nesse rigo de bom senso, que havia depois dessa quatro atrizes a serem consideradas: Dulcina, pela sua criação em "Ana Christie"; Susana Negri, pela interpretação de "Ciúmes"; Maria Sampaio, por suas diversas criações; e Olga Navarro, pelo seu trabalho em "Desejo"... Isso já é outra maneira de falar... Impressionante, a reportagem do jovem jornalista Daniel Caetano, no "Diário de Notícias", sobre o Hospital de Jesus... São verdadeiramente sinistras as revelações dessa reportagem... O crítico Olivio Montenegro ocupou-se, domingo, em rodapé, no "Diário de Notícias", da peça do Sr. Nelson Rodrigues, "Album de Família", subscrivendo as conclusões da excelente crítica de Alvaro Lins, que já proclamou que a nova obra de Susana Flag não é tragédia... Tragédia, de verdade, foi o que se deu há pouco na França, onde um ex-diplomata, a mulher e os filhos, no total de nove pessoas, puseram termo à vida num sensacional suicídio coletivo... Bem dizia Shakespeare que o mundo é um palco... E nele há tragédia, mas há comédia também. É este caso do Sr. Isaac Benobiel, que esteve num hospital e foi dado por morto, em razão de uma troca de papeletas... O mais curioso é que seu próprio irmão reconheceu um cadáver como sendo o dele... Quando o falso defunto teve vida e deixando o Hospital do Pronto Socorro encontrou a família de luto, com ramalhetes de flores, aguardando o saimento do cortejo fúnebre... Continua a corrida armamentista, nos Estados Unidos e na Rússia... E, sem a menor dúvida, parece que o mundo marcha, mas para uma nova guerra...

De quem é a culpa?

Si V. S. sofre de dôr de cabeça, tonturas, pêsso, calor e mal-estar na cabeça, empachamento, dôres e outras perturbações do estômago, certas coceiras e irritações da pele, falta de apetite, preguiça e moleza geral, língua suja, quentura na garganta, mau gôsto na bôca, mal-estar depois de comer, indigestão, mau hálito, arrôtos, gases, dôres, cólicas e outros desarranjos do ventre, azias, ânsias e vontade de vomitar, nervosismo e outras alterações da saúde provocadas pela prisão de ventre, a culpa é sua porque não se trata como deve.

Estas moléstias quasi sempre são causadas por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos, que invadem o sangue e prejudicam o organismo.

Para evitar e tratar êstes sofrimentos, use **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre limpa o estômago e intestinos das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosas doenças.

Use **Ventre-Livre**

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre

em casa **Ventre-Livre**

OS NOSSOS CONCURSOS LITERÁRIOS

CONCURSO DE CONTOS — São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — O contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, pndendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — O contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo officio, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

CONCURSO DE ROMANCES — Foram recebidos os seguintes originais: "Eterno estribilho", de Raul Vital; "Alvaro Gonçalves", de Paulo Lício Rizzo; "O destino é que nos leva", de Graciema P. Genofre; "Angustiado estou por ti", de Henrique Consoni Junior; "Heróis e pecadores", de Jary Gomes; "Vereda luminosa", de Leda S. de Andrade; "Paixão e sensualismo", de Antonio Tibiriçá; e "Alvorada", de Betina Diniz, além de um romance sem nome de autor e sem título, que começa com a frase: "Eram sete horas menos dois minutos". Ao autor desse trabalho, rogamos a gentileza de se identificar. Todos os originais já foram por nós distribuídos à comissão julgadora, constituída pelos escritores João Luso, Otávio Tavares e Berilo Neves.

CONCURSO DE TEATRO — A comissão julgadora ainda não nos entregou o seu parecer.

CARTAS À DIREÇÃO

Do professor Roberto das Neves, presidente do Esperanto Klubo, recebemos a seguinte carta:

Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro (Kristana Asocio de Junuloj en Rio de Janeiro) Esperanto-Klubo — "Rio de Janeiro: 1946, Novembro, 10. — Ilmo. Sr. Director-secretario da REVISTA DA SEMANA. — Rio de Janeiro.

Tenho a honra de comunicar-lhe que, na última reunião do Esperanto-Klubo, foi aprovada por calorosa aclamação de todos os associados presentes uma homenagem a essa revista, a V. S. e ao repórter Ney Machado: a revista e a V. S. pela iniciativa da larga e bem documentada reportagem, que a REVISTA DA SEMANA inseriu, em seu ultimo numero, sobre o movimento esperantista no Brasil e particularmente no nosso clube, e ao repórter Ney Machado, pelo interesse e pela invulgar compreensão do profundo sentido humanitário e social do Esperanto e ainda pelo brilho literário com que realizou a missão a ele confiada. Rogo por isso o obséquio de aceitar os nossos mais colorosos agradecimentos e de transmiti-los também aos seus excelentes colaboradores srs. Ney Machado e Arnaldo Vieira, aos quais, assim como a essa revista e a V. S., desejamos que continuem conquistando êxitos brilhantes, como o agora alcançado numa reportagem em que tão profunda e carinhosamente se aborda um dos mais elevados ideais da humanidade: o da comunhão linguística, como condição indispensável para o estabelecimento da paz mundial.

Seu admirador, amigo e muito grato. — Roberto das Neves presidente do Esperanto-Klubo da A.C.M. do Rio de Janeiro"

O PINCE-NEZ DE OURO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

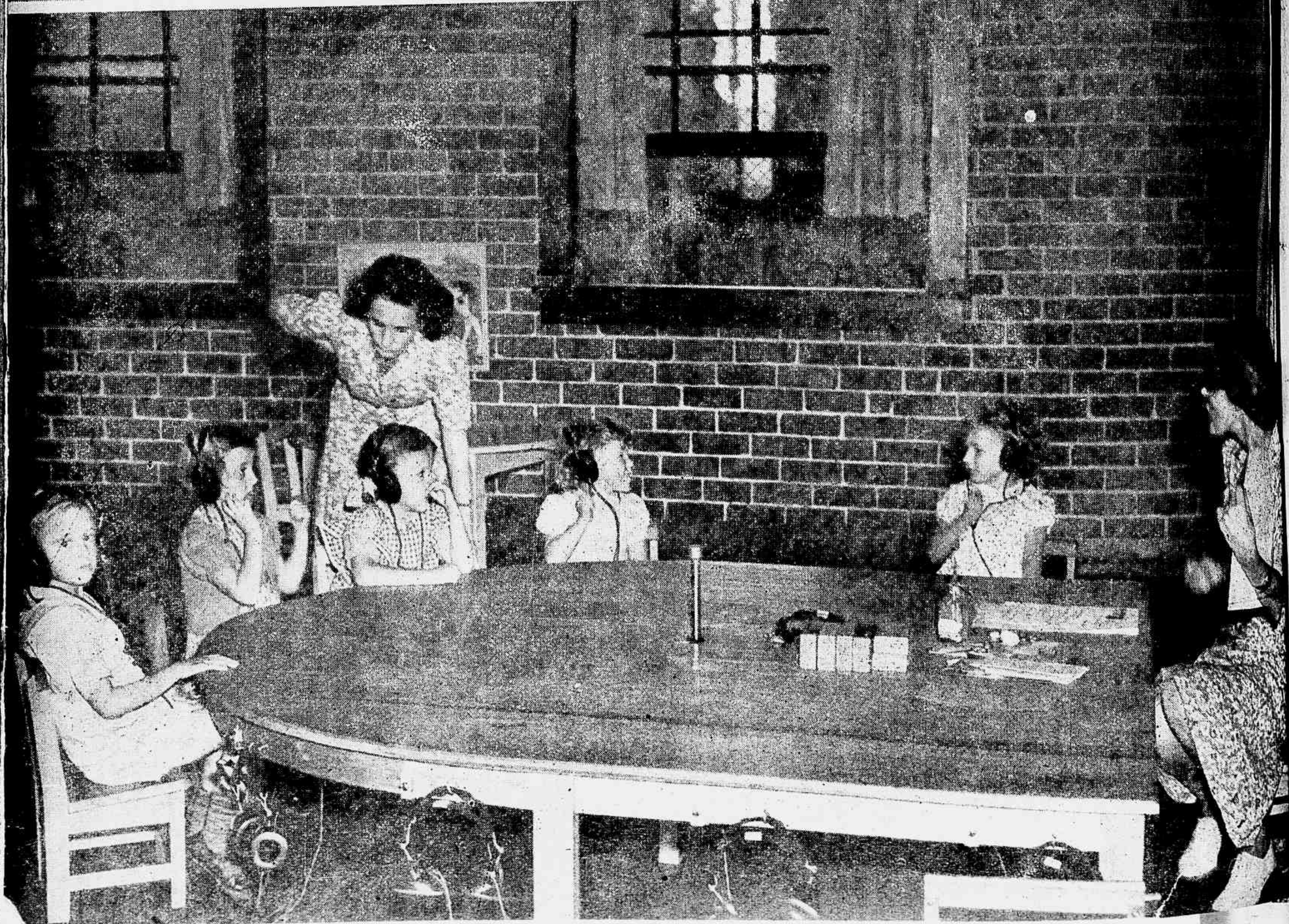
R. CARIOCA N.º 28

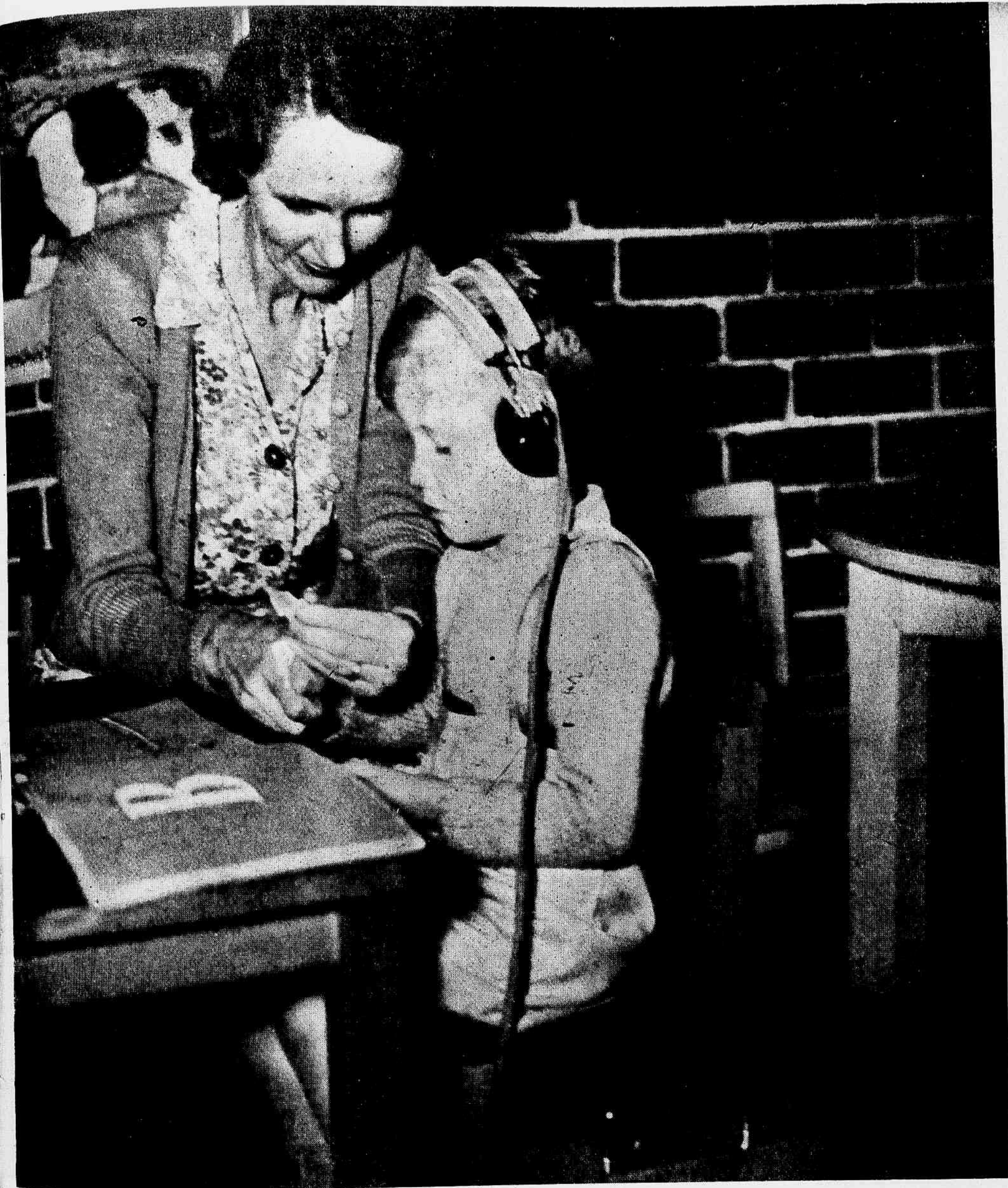
Joalheria

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES





Aparelhos auditivos portáteis funcionando com baterias elétricas, experimentados pela primeira vez por estas três meninas nascidas surdas. Com este tipo de aparelho, crianças surdas podem ocupar seu lugar na escola com crianças normais.

INVENÇÃO DA GUERRA QUE AJUDA CRIANÇAS

INCAPAZES de ouvir qualquer som até há seis meses atrás crianças de 4 e 5 anos de idade agora assistem aulas num jardim de infância de Sydney, na Austrália, onde as experiências para ensiná-las a ouvir e a falar podem ter resultados benéficos para centenas de crianças atingidas pela mesma enfermidade.

Têm despertado grande interesse os esforços incansáveis do engenheiro N. E. Murray, especializado em física e assistido por um grupo de dez psicólogos e ajudantes de laboratório. Durante a guerra esse técnico aperfeiçoou um dispositivo de inter-comunicações para a RAF australiana e os soldados do exército, vítimas de surdez temporária causada pelo ruído de aviões, tanques ou canhões. Usou depois a experiência adquirida construindo um possante aparelho de ajuda para crianças surdas. Um maior desenvolvimento do sistema de ensino pelo rádio portátil.

400 crianças surdas em consequência de uma epidemia de sarampo, estão aprendendo a ouvir e a falar graças a um aparelho cujo ponto de partida foi o rádio portátil.

Por MARY EVANS-JONES
Especial para a REVISTA DA SEMANA

diz ele, poderia salvar 90% das crianças nascidas surdas em consequência da epidemia de sarampo-alemão, ou rubéola, e 50% das crianças surdas devido a outras razões transformando-as em seres normais e úteis.

O engenheiro N. E. Murray tem também a esperança de ver as crianças, hoje recolhidas a um internato, habilitadas um dia a tomar seu lugar no mundo, quando novas invenções forem aperfeiçoadas e mais fáceis de obter.

Centenas de crianças nasceram surdas em 1940-41, porque suas mães contrairam sarampo-alemão durante a gravidez, sendo as mais moças as vítimas mais frequentes dessa moléstia. Em muitos casos, só um ano depois do nascimento das crianças os pais verificaram que algo não corria bem. Seus filhos não faziam esforço para falar. Pouco a pouco, a triste herança da epidemia se revelou. O número das crianças surdas em consequência da rubéola, tinha quase duplicado. Algumas, atingidas mais gravemente, nasceram com o coração fraco, com cegueira parcial ou completa e órgãos internos defeituosos. Na maioria dos casos, porém, só a audição sofreu. No mais,

Na página ao lado, ao alto: — Aparelho de audição em grupo, usado pelas crianças nascidas surdas porque suas mães contrairam "rubéola" (sarampo alemão), durante a gravidez. As crianças usam fones com amplificadores semelhantes aos usados pelos pilotos de avião para inter-comunicações. O microfone no centro da mesa registra a voz da professora e as crianças respondem.



Usando um audiômetro especialmente adaptado, o engenheiro N. E. Murray mede o grau de surdez de uma das 400 crianças australianas nascidas surdas.

as crianças eram sãs. Como em muitos casos de surdez congênita, a mudez total ou parcial é secundária. Não são mudas por não terem o poder de falar, mas sim porque nunca puderam ouvir.

O método-padrão para curar a mudez secundária consistia em medir a deficiência com certas frequências definidas ou percorrer a escala focal, afim de que fosse obtida uma boa indicação do grau de surdez geral ou da incapacidade particular de ouvir palavras. Isto era relativamente fácil em soldados, que, capazes de falar por não terem sido sempre surdos, podiam prontamente indicar até que ponto ouviam. O problema era inventar um método que tornasse possível a uma criança surda informar similarmente que tinha ouvido um som.

O engenheiro N. E. Murray raciocinou assim: se um animal pode ser treinado para dar uma resposta estipulada, não via razão nenhuma pela qual crianças não pudessem ser treinadas do mesmo modo. Se um cachorro acaba ficando tão acostumado a receber a comida quando se toca um sino de tal sorte, que a água lhe vem à boca, ao ouvi-la, por que não experimentar um método similar com as crianças?

Medindo e pesando cuidadosamente, obteve uma reação apropriada com crianças de 3 e meio anos. Primeiramente, foram elas ensinadas a dar uma resposta estipulada pela associação de sinais, como colocar uma ficha colorida numa caixa, ou fazer uma marca a lapis quando um apito muito forte soava perto delas. Primeiro aprenderam pela vista do apito, mais do que pelo som, que quase não ouviam; depois, aprenderam a colocar a ficha na caixa ao ouvir o som fraco.

Por esta associação foi possível medir pelo "radiômetro" o ponto onde principiavam a ouvir. O radiômetro é o instrumento-padrão comumente usado pelos distribuidores de aparelhos auditivos. O engenheiro Murray desenvolveu um aparelho especial para medir perda de audição fora do comum. Primeiro, ligava a na força necessária para a criança ouvir, munida de fones nos ouvidos. Depois, baixava-se o som até a criança não ouvir mais nada, e então ia-se subindo gradualmente até que a criança, ao primeiro som ouvido, colocasse a ficha na caixa. Isto se dava geralmente a uma intensidade e altura de som que pareciam bem fortes a um ouvido comum, mas eram apenas audíveis para a criança.

Pelo fato de descobrir as reações da criança à intensidade e alturas de som variadas, foi possível completar audiogramas que ajudariam eficientemente a construção de aparelhos auditivos mais potentes, aptos a treinar a criança a falar, ouvindo melhor. O primeiro parêntese auditivo desenhado para crianças pelo engenheiro Murray foi um aparelho de grupo com dez ramos separados, ajustados individualmente ao "audiograma" de cada criança.

Com esse dispositivo, as crianças, sentadas à roda duma mesa em forma de ferradura, tiveram uma aula sobre o assunto "trens". Agora, principiam a ser usados aparelhos individuais portáteis, ajustados às necessidades particulares de cada criança. O primeiro aparelho deste tipo foi experimentado, pela primeira vez, em abril de 1946. Aparelhos portáteis têm duas grandes vantagens: crianças surdas não necessitam ser agrupadas à roda duma mesa para suas aulas. Podem sentar-se numa classe junto a crianças normais, e o microfone, em vez de se achar no centro da mesa, fica escondido no dispositivo que cobre a cabeça. Como geralmente um ouvido é pior que o outro, os receptores do fone contêm um amplificador no lado melhor e um microfone no pior, sem divergir, todavia, quanto à forma externa.

Esse sistema é muito mais eficaz do que outros, no tocante ao microfone, porque simula a chegada das ondas de som ao ouvido. Os aparelhos portáteis funcionam com baterias elétricas que não necessitam ser recarregadas durante meses a fio.

No decorrer deste ano, espera-se fornecer um aparelho portátil a toda criança que não seja irremediavelmente surda.

Os dois principais progressos obtidos pelo engenheiro Murray são, na sua opinião, o estabelecimento do contato com crianças surdas numa idade particularmente precoce, e o fato de os mesmos se poderem juntar a outras crianças e levar uma vida familiar normal.

Elas frequentam jardins de infância e escolas primárias com crianças normais e têm aulas especiais com o aparelho de grupo dois dias por semana.

Naturalmente crianças surdas requerem mais atenção individual do que seus companheiros de brinquedos, mas é surpreendente como correspondem à expectativa dos professores especializados e aprendem a seguir o exemplo das crianças normais em sua volta.

A capacidade auditiva é medida com audiômetro, a intervalos de algumas semanas, pois muitas vezes tem sido descoberto que as crianças já podiam usar um amplificador menos potente.

As crianças foram acostumadas, no princípio, a barulhos comuns, tais como o bater de palmas, o som de campainhas de objetos caindo na madeira da mesa, tambores e cagarolas batidas com colheres.

Ao chegarem às palavras, foram encorajadas a falar. A aula da manhã consiste numa sessão pré-primária adaptada especialmente; de tarde, as crianças têm sessões de música e ritmo, de que gostam muito. Já aprenderam palavras simples e seus próprios nomes escritos, para acostumar-se à relação entre a palavra falada e escrita, pois a parte visual preencherá um grande papel na sua vida.

Naturalmente, entendem muita mais do que ainda podem dizer, uma vez que seu progresso na fala só pode ser comparado com o de um bebê, poucos meses depois de ter começado a falar.

Mau grado serem às vezes acanhadas demais para tentar muito quando estão em volta da mesa, ensaiam novas palavras em casa, surpreendendo muitas vezes os pais. O engenheiro Murray diz que nunca esquecerá o sorriso das crianças quando travaram conhecimento pela primeira vez com o aparelho auditivo de grupo e, pela primeira vez, ouviram, há seis meses atrás. "Dava vontade de segregar-se do mundo, e trabalhar 24 horas por dia para fazer tudo quanto pudesse por elas, o mais depressa possível", disse ele.

Como se considera estar ainda o tratamento numa fase experimental, os pais não têm que pagar o equipamento usado, nem as aulas. Os aparelhos portáteis usados atualmente vão ser substituídos pelos rádios portáteis que podem ser carregados às costas, de modo a deixar liberdade de movimento.

Nas aulas, cada criança usa um fone (similar aos que os pilotos aviadores usam nas inter-comunicações) fixado na mesa. Olham intensamente para a professora que se acha à cabeceira. Ela liga a corrente e principia a falar. Um microfone no centro da mesa registra sua voz:

— Hoje temos uma aula sobre trens.

Ela puxa um brinquedo de madeira através da mesa, em frente dela.

— Isto é um trem; agora digam isso.

— Trem! — exclamam as crianças em coro. Uma delas produz um som mais parecido com "rê".

— Digam novamente, — diz a professora, "e deixamos correr o trem a roda da mesa".

O tremzinho corre de mão em mão, em volta da mesa, enquanto as crianças repetem a palavra, primeiro juntas, depois uma após a outra.

— Muito bem, Judite. Não, Paulina. Você deve experimentar outra vez. Diga: trem!

Depois, a professora lhes mostra uma locomotiva num quadro de cores alegres, recortado de uma revista. Desta vez, ela não precisa dizer-lhes o que é. As crianças mesmo dizem. Depois ela, pergunta:

— Que faz o trem?

— "Tchu-tchu-tchu" ou "poff-poff-poffâ", respondem as crianças, imitando como podem, movendo os bracinhos, o movimento da locomotiva.

Poucas pessoas que conheçam a história poderiam observar esta cena sem sentir um nó na garganta ou lágrimas nos olhos, pois, há seis meses, essas crianças nunca tinham ouvido o som da voz humana.

CONDE DE POLLENZO, PARA SERVI-LO...

No seu exílio egípcio, o ex-rei Vitor Emanuel III, da Itália, recorda-se com saudade de seu belo país, escreve suas memórias e pesca à linha... — Vítima, também da crise de habitações.

Por CHARLES CARRY (Da Presse France)

Direitos exclusivos de REVISTA DA SEMANA

A ESTRADA DO DESERTO, que vai de Alexandria a Ikingi-Mariout, cintila sob o sol ardente... Um auto rola, rápido. Nas almofadas, mais estendido que sentado, a cabeça coberta com um capacete colonial cinzento, os olhos protegidos por óculos pretos, vê-se um velho senhor, com a semblante abatido cercado por um bigode esbranquiçado... O passageiro como que cochila...

E' o Conde de Pollenzo.

E quem é o Conde de Pollenzo? E'... ou, melhor, foi outrora Sua Majestade Victor Emanuel III, que hoje vive no Egito, desde que foi forçado a abdicar do trono da Itália.

Exilados nômades...

A crise de alojamentos, que não poupa parte nenhuma do mundo, causou muitos aborrecimentos aos ex-sobranos da Itália. Após o desembarque em Alexandria, residiram eles no Palácio de Antoniares reservado aos reis e príncipes quando em visita oficial à Corte. Todavia, quando se abriu a conferência anglo-egípcia, o palácio foi requisitado pelos delegados, e os dois hóspedes reais foram cortemente solicitados a evacua-lo... A Providência, felizmente, veio em seu socorro. Um judeu italiano, o engenheiro Ambron, que fez fortuna no país dos faraós, pôs sua propriedade à disposição dos exilados.

Os dois marido e esposa, estão agora instalados em uma vila moderna da cidade balneário de Smouha, perto

do hipódromo do Novo Desporto Club. E' uma vasta construção quadrada e branca, com imenso jardim cercado de um muro bem alto e que nos quatro cantos tem uma guarda vigilante de policiais egípcios.

NOSTALGIA...

A 11 de Novembro, sem a pompa dos aniversários do tempo em que figurava como um dos vencedores, Vitor Emanuel festejou seus 77 anos de idade.

Não sabemos, ao certo, se nesse dia o ex-rei se mostrou menos agitado, menos inquieto, menos nervosamente deprimido que de costume, desde que abdicou...

Pode-se entanto, imaginar que sim.

A despeito das atenções do rei Faruk, que procura amenizar as tristezas do seu exílio, o Conde de Pollenzo deixa-se dominar pela nostalgia e pela saudade de Roma. A um amigo italiano que, recentemente, foi cumprimentá-lo Victor Emanuel disse, em confiança: "Preferia a tudo a felicidade de poder estar ignorado, num cantinho de minha terra natal".

O ex-rei sofre de insônia. De noite, redige suas memórias. Nestas ele se propõe a restabelecer a verdade sobre os acontecimentos históricos nos quais tomou parte, no curso de seu longo reinado de 43 anos. Todavia, o trabalho cerebral o fatiga. Um tremor incessante agita sua mão direita. Logo que garatuja algumas linhas tem que

Victor Emmanuel, quando em pleno fastígio. Nessa época, ele sonhava com tudo, menos em vir a ser o conde de Pollenzo...

desistir e chamar em seu auxílio seu secretário, o sr. Alim Bey, que continua então, a redação, sob ditado...

Frequentemente, Victor Emanuel faz longas excursões pelo deserto, em torno de Alexandria.

Um oasis situado a 50 quilômetros da cidade é o objetivo de suas excursões. Um italiano construiu ali um hotel, confortável, cercado de grande pomar, para os amadores de descanso e de solidão. Sua Majestade, o rei Faruk, frequentemente vai a esse hotel para almoçar, incognito, em companhia de sua irmã, a imperatriz do Irã. Victor Emanuel conversa, de boa mente, com os donos do hotel. Interessa-se muito pela cultura da vinha e pelos laranjais. Um dos seus passatempos favoritos é a pesca à linha. Várias vezes por semana seu auto o leva ao famoso Hiate Club. Em certos dias instala-se numa ponta do porto e ali fica durante horas, esperando pacientemente... Quando o sol desaparece, o modesto pescador ainda está no seu posto, imóvel, pensando talvez...

DÔR MATERNA

Quanto à ex-rainha Helena, é uma pessoa que nunca sai. Fica sempre sózinha, no seu quarto, pensando na sua infeliz filha, a princesa Matilda, de Hesse, que morreu em um campo de concentração alemão, em consequência de torturas que lhe impuseram os carrascos nazistas.

EM FAMÍLIA...

Todas as noites, depois, depois do jantar, como fazia em Roma, na Vila Saboia, a família real gosta de se reunir na intimidade, da qual não obstante não está abolido por inteiro o protocolo. O monarca destronado evoca as lembranças do passado com sua filha mais velha, a linda condessa de Calvi di Bergolo, com o marido desta e com seus três filhos, e também com outras pessoas, membros de seu círculo íntimo, por exemplo a condessa Jacarino, o comandante Olivieri e o secretário, Alim Bey...

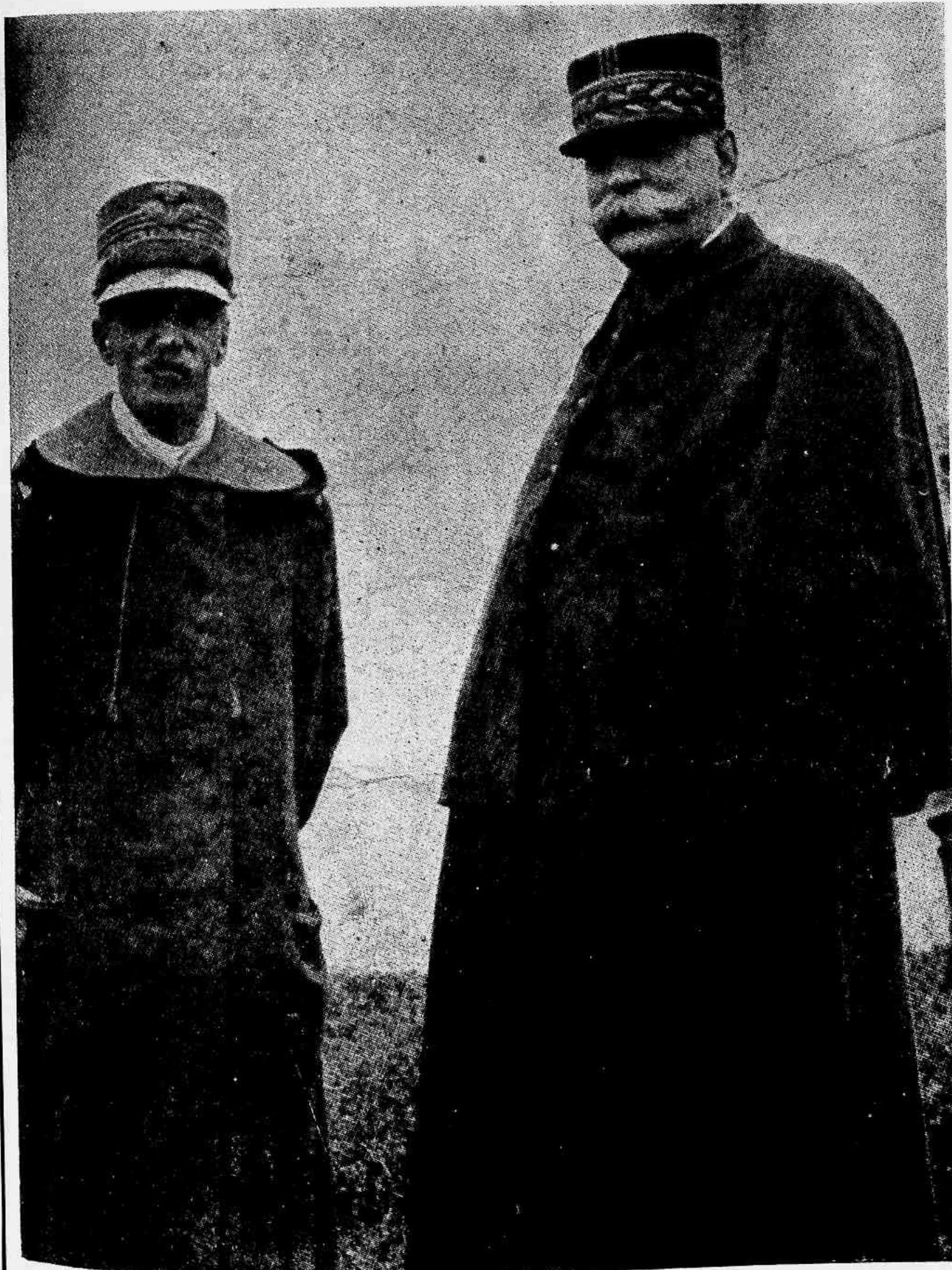
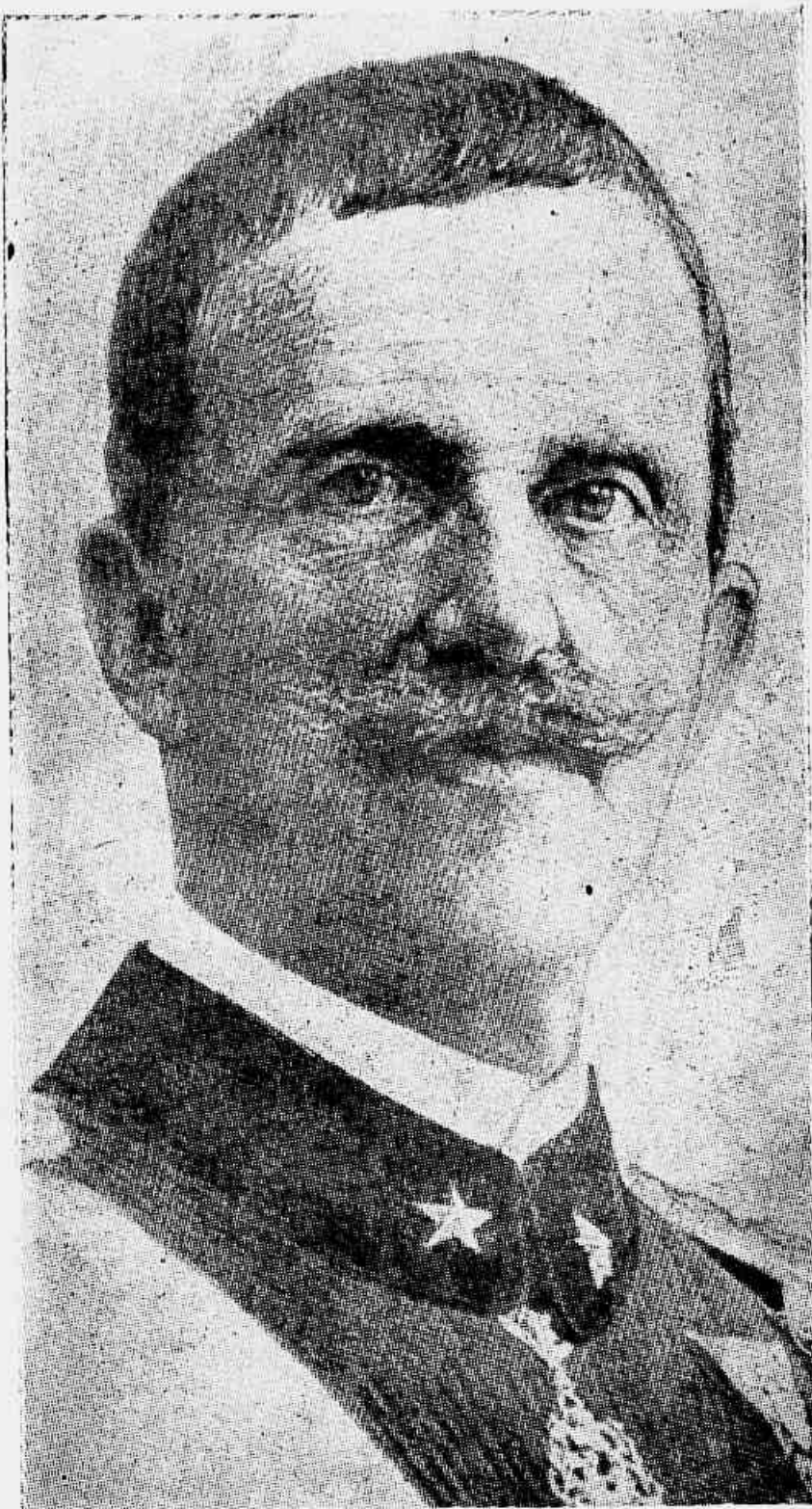
Recentemente, a terceira filha do casal real, a ex-rainha da Bulgária, Joana, foi à Vila Giannotti, acompanhada de seus filhos. Parece que se espera na vila breve, a visita também do ex-rei Umberto II e sua família.

Victor Emanuel perdeu toda esperança de uma eventual recuperação do trono por seu filho, mas sabe que de Roma até o fundo da Sicília, sem falar da Sardenha, importante parte do povo italiano ainda permanece fiel à monarquia. Mas não lhe parece impossível que seu netinho, que hoje tem apenas 9 anos de idade, suba um dia, sob o nome de Victor Emanuel IV o trono dos Saboia-Carignano... Esse, pelo menos, não colaborou conscientemente, com Mussolini.

Um sonho? "Qui lo sa?"

E' essa, pelo menos, a última esperança que acaricia, no crepúsculo de sua vida, o Conde de Pollenzo, ex-Rei de Itália e ex-Imperador da Etiópia... — (Copyright mundial em 1946 pela A.F.P. - Paris).

Victor Emmanuel, quando da primeira Grande Guerra, quando esteve ao lado das potências aliadas. Neste flagrante, o atual conde de Pollenzo aparece ao lado do generalíssimo Joffre.





O HOMEM QUE PRECISAVA TER CIUMES

EU não me espanto com coisa alguma. Se me contarem que as pernas de aço do Viaduto do Chá se articularam de músculos e a ponte saiu andando pelo vale do Anhangabaú a fora, tal qual uma centopéia, acredito.

Acredito em tudo. Não tenho pixaim na cabeça de dólico-louro mas por metempsicose há dentro de mim a alma

de um feiticeiro quimbundo. Si me afirmarem que o raio não é uma faísca elétrica mas um espirito de Jeová, acredito. Quem pode provar o contrário? O sábio Turpin? Babá! A ciência humana é puro esforço mecânico com faróis imbecis de metafísica. Que o diga herr Einstein... E' por isso que acredito na alma incrível de Tertuliano Trancoso.

— O sr. põe açúcar no café?

— Ponho...

— E sai na comida?

— Ponho...

— Siga meu pensamento: o café a carne, por exemplo, são elementos primitivos e simples. O sal e o açúcar juntam-se-lhe para se lhes dar uma qualidade diversa de sabor. Por que aos

sentimentos iniciais, puramente instintivos, como o amor, a inveja, o ódio, não se lhes pôde juntar um ingrediente cerebral destinado a enriquecer-lhes a forma e a tornar mais sutil seu gosto psíquico?

★

Meu amigo Tertuliano era um sibarita

ANTOLOGIA BRASILEIRA DO CONTO

Poeta de alta inspiração, romancista de talento, o escritor Menotti del Picchia, da Academia Brasileira de Letras, é, também, um jornalista brilhante e, ainda, um dos nossos melhores contistas. Dominando o gênero com facilidade, tirando efeitos ora cômicos, ora dramáticos, das suas narrativas, Menotti del Picchia vem de reunir os seus contos no volume I das suas "Obras Completas", o que demonstra o apreço que o próprio autor dá a essa parte da sua obra. "O homem que precisava ter ciúmes" é um dos trabalhos mais representativos do autor de "Juca Mulato" como contista.

passional. Paladar mórbido... Mas que será mórbido ou anormal? Devemos admitir que meia dúzia de burgueses de almas em uniforme e de visão banal e igual sejam os árbitros da normalidade? Qual será a melhor definição de "bom senso"? Provavelmente a quebra da cabeça matemática de Arquimedes...

Exemplo: o defunto está ali, côr de cera, pés juntos para dar o salto na eternidade. Parece que fechou os olhos com medo do que há no lado de lá... Uma senhora gorda teatraliza um choro. E' de "bom senso", para uma senhora gorda chorar perto de todos os cadáveres. Um banqueiro acha que deve ser feugmático: fala da quebra do padrão em voz baixa a um parente do morto que lhe deve uma hipoteca e entende que é de "bom senso" ouvir sem piar. Um político passa em revista mental os candidatos à vaga aberta pelo morto no Almoço da Polícia... Há uma pobre moça dactilógrafa e sem esperança de casamento — que sofre com os olhos enxutos. Com quem está o "bom senso"?

Tertuliano Trancoso casou-se com a Sinhá por uma crise de ciúme. Foi no Pinhal num baile. Ele era comissário de café e Sinhá, nessa noite, namorou um farmacêutico. A valsa saiu metálica do pistou do Niquinho. Parecia mais sonora porque o Niquinho polia o pistão todos os dias com sapatin e a música escapuliu clara do latão liso com uma cadência de fazer fremir o coração. Tertuliano tirou Sinhá que o havia o farmacêutico. Apertou-lhe os pulsos:

— Eu gosto de você feito um louco e você olha para aquele enroscado pilulas... — E que o senhor tem que ver com isso?

Tertuliano, como um psiquiatra logo vê, sofria de masoquismo espiritual. Gozava com chibatadas de frases. Seu amor era um frenesi.

— Amanhã peço você em casamento. O major Estulário, pai de Sinhá que estava quebrado e com a fazenda crivada de penhores fechou o casamento da filha como um negócio.

— Fechado, Tertuliano... Sinhá estriou. O enxoval custou o dobro para amortecer-lhe a manha. O farmacêutico fez viagem romântica. A cidade falou falau, falou e o casamento se fez. Sinhá acabou gostando do Tertuliano. Mulher é assim: não ama, acostuma. E Tertuliano detestou-a porque a sentiu cinicamente fiel.

Eu não sei escrever contos. Escrevo este porque me pediram. E' uma tentativa destrembeçada, feita de fragmentos de observações. Quero fazer uma garrafa e começo ajuntando cacos... Não sei o que sairá daqui.

Se eu narrasse o casamento de Tertuliano, o pranto de Sinhá, a renda da sobrepele do padre a noite de núpcias na cama de magnó comprada em São Paulo...

Eu gosto de ler contos com parte de inocentes e que, no fundo têm mais perfídia do que um epigrama de Marcial. A humanidade deixa que se lhe explore o instinto. Gosta porque põe a culpa no autor e tira para si o proveito de gozar a malícia fingindo-se explorada ignobilmente pelo escritor.

— Que escritor obscuro... — E corre os olhos na lista das obras do mesmo. Humanidade! Eu te conheço, megêra sem vergonha! Não há homens mais castos e menos puros: há mais hipócritas ou mais francos.

Mas não conto a história nupcial de Tertuliano.

Sinhá era perturbadoramente bela. Tinha um corpo branco. Penugem loira na nuca, nas axilas e no ventre onde as pernas fazem o delta da fonte da vida, matriz maravilhosa que torna cada criatura dotada do poder divino de criar.

Se Freud fosse meu dactilógrafo, ao passar a limpo este conto para entregá-lo ao prelo, faria esta observação:

— Você lá quase dando uns detalhes físicos e íntimos de Sinhá porque eles se tornarão a obsessão sexual de Tertuliano. Ardid de escritor. Mas — e aqui é que Freud seria sublime! — o obcecado é você. Nenhum artista cria uma personagem sem construí-la com elementos pró-

prios. Tudo é reflexo em arte: instinto disfarçado...

— Muito bem. Adiante... — Tertuliano — existe. Não é uma criação imaginária, porque tudo que passa pela imaginação viveu seu instante real. Não creio que você seja um sádico ou que tenha, na realidade, a estrutura psíquica do Tertuliano. Mas...

— Conclua... — ...mas ele é a resultante de instintos potenciais que procuram sua vida no fundo do seu subconsciente. Você seria um Tertuliano se não predominasse na sua vontade a força de disciplinar-se dentro da normalidade nobre e exemplar que você representa na ordem harmônica da vida...

Eu acho que não concluo este conto porque o leitor não tem paciência para ir até o fim. Entretanto se me quiser bem faça ainda um esforço.

Tertuliano enjouou de Sinhá. E' que se produziu um fenômeno imprevisto: em lugar de Tertuliano ralar-se de ciúmes dela ela é quem deu para ficar ciumenta. Daí parecer ao exótico marido uma mulher desinteressante e banal. Ninguém gosta dele. E' uma espiça que eu levei...

E arranjou uma húngara de olhos de esmalte e cabelos de milho. Comprou-lhe automóvel. Decotou-a mais para atrair os amigos. Embebedou-a num "cabaret". Viveu assim seis meses até que, por uma carta anônima, soube que Sinhá o traía com o dr. Gil Marcial.

Assim é que, no "placard" do espírito de Tertuliano, no percurso que fez para ir surpreender o adultério de Sinhá, da sua casa à "gargoniêre" de Gil se fizeram os seguintes estados da alma:

1º — Angústia e desespero por se sentir traído.

2º — Desejo sádico de que a traição fosse real.

3º — Instinto de posse exacerbado pelo furto.

4º — Buracos de atenção mental com encenação puramente automática de sorrisos, esfregamento de mãos toda a ação nervosa reflexa de quem vai gozar uma alegria mórbida.

5º — Certeza de que não haveria drama.

6º — Vaga e paradoxal simpatia pelo rival.

Durante o trajeto estas foram as coisas pitorescas que sublinhou na paisagem: um "grilo" num cavalo marron arrancando com as ferraduras da montaria faiscas dos paralelepípedos; um judeu de olhos côr de nostalgia voltados para sua Jerusalém invisível e vendendo gravatas e suspensórios uma mulher esbelta e bem modelada parecia com Sinhá.

Ao chegar junto à "gargoniêre", apalpou o cabo do revólver. Só para verificar se o trouxera.

E' claro que não surpreendeu o flagrantíssimo adultério. Isso é quase impossível com um marido inteligente. Este por pudor, evita a cruzada de uma cena obscena.

Ele pensa: serei grotesco ou assassino? O dilema gela o sangue nas pernas e estatela o mais corajoso. Em todo o criminoso apaixonado há um louco ou um facínora. Tertuliano, porém, era normal: apenas esquisito. Quis saber. "Esteve aqui, sim senhor... Uma mulher alta, loira bonita com um vestido escuro, um chapéu cloche e uma bolsa de couro preto..."

A criada contou tudo por Cr\$ 100 00. Ele saiu dali com sinos na alma! Seu amor por Sinhá cresceu atlanticamente.

A traição era uma espórea sexual no seu instinto. Amou-a com a mesma paixão da noite em que deu o cheque-mate no farmacêutico. Parecia-lhe agora Sinhá outra mulher, uma criatura que ele iria conquistar, disputar à posse de um terceiro. Não era mais a songa-monga passiva e doméstica com beljóca na potra da rua e perfume da sua loção preferida nas mangas do roupão de seda. Uma vontade estranha atravancava o espaço que ia da porta do seu quarto ao seu leito. Ele não compreendia o amor sem uma resistência. Por outro lado pensava em Gil Marcial como num ente prodigioso, irradiante de prestígio varanil, feroz na sua sexualidade. E ansiava por conhecê-lo melhor, estudar-lhe a psicologia, gozar nele o reflexo passional de Sinhá. O bonde que quis tomar era diferente; não tinha nada de comum com o veículo banal de todos os dias. Os próprios homens que circundavam na rua assumiam sentidos enigmáticos, penetrados pela compreensão irônica ou colérica do seu drama íntimo colaborando nele com suas atitudes.

— Vejam só — reflexionou Tertuliano — como um simples ato mesmo imoral transmuta até a paisagem. E depois negam a existência dos taumaturgos... um mágico ou um santo. Cada um de nós é de certa maneira, E desistindo do bonde, entrou num taxi.

Tarde faceira, com "rouge" de sol na face sem rugas. Ar fresco e de cristal mostrando as casas e as árvores decorativas dos jardins e dos quintais, como quem expõe coisas bonitas numa enorme vitrine. E' tinha a impressão, olhando tudo do taxi que ia descobrindo a rua. Sómente os traumas morais nos põem a alma nos olhos. Foi num dia de desespero que descobri a existência inútil das formigas. Como? Pois eu sofria largado num banco de parque queixo na mão, olhos na terra. E veio uma formiga subiu-me pelo sapato acima sonou com suas antenas minha meia, tornou a descer e fize embora. E eu fiquei pensando que aquela pequenina coisa errante talvez também tivesse uma alma e uma tragédia. Ao chegar junto de sua casa o que Tertuliano descobriu foi que sua criada também tinha uma alma: estava no portão, grudada no beijo do caixeiro do armazém vizinho. A tragédia viria nove meses depois...

Reflexões que Tertuliano nunca escreveu no seu "block-notes".

"A esposa que trai o marido torna-se amante do marido e esposa do amante".

Outra: "A adúltera passa a tratar com redobrada ternura o marido que trai, sem contudo deixar de afirmar ao amante que está desaraquidamente ligada a um "monstro".

"Todo o marido traído passa a ser um "monstro", mesmo que tenha a alma arcanológica de S. Francisco de Assis".

Tertuliano na sua sádica volúpia de amar loucamente a esposa sómente porque o traia não anotou no seu coaninho as verdades originais que foi descobrindo. Se tal obra realizasse, este conto deixaria de ser um conto para tornar-se um compêndio de filosofia.

Mangueiras de água extinguindo o clarão de uma labareda... O rompimento foi brusco: os amigos de Gil souberam que ele se apaixonara fulminantemente pela Dorly uma "scubrette" satânica da Companhia Ré-kó-kó.

Tertuliano encontrou Sinhá enxugando a última lágrima. Olheiras róxas. Lábios inchados. Fez-lhe inútil disfarçar.

— Aquele valdevinos abusou da minha indulgência. Um cão! Um safardana! E deixou você por aí sem mais esta nem aquela...

— Mas Tertuliano...

— E você? Você é uma serigaita sem nenhuma consideração por si mesma...

— Mas Tertuliano...

Ela, na sua dor de abandonada, espantava-se com a inesperada cena. Tinha certeza, mais que certeza provas de que Tertuliano... Nem é bom falar. E agora para que aquilo? Pôs-se a chorar ao mansinho.

— Também ele fez muito bem! Para que você presta? Uma songa-monga desenhada... Você não interessa ninguém!

No pobre cérebro da esposa a psicologia complexa do marido rolava como um enigma. Pensou que ele seria agora ainda mais carinhoso. Deliberou reparar seu erro dando-lhe toda sua ternura. Mas — e essa? — notou que, com a perda do amante, perdera o carinho do marido. Soube que Tertuliano reatara sua aventura com a húngara de olhos de esmalte. Conservou-se, entretanto, passiva e fiel. Um ano depois bateu nas portas do seu coração o Amor.

O Amor...

"Como o sol está mais durado! Não... Não tenho fome... Será que ele passará hoje por aqui? A costureira é uma imbecil! Olhe só como está este vestido! E as meias? Na Sinfonia Inacabada de Schubert há um pedaço que faz a alma da gente ir até à garganta e brotar dos olhos uma porção de lágrimas... Drin... Drin... Drin... O telefone... Irra! O coração dá cada salto..."

— Que cacetes as serigaitas das Oliveiras! Não! Não vou ao teatro. Essa revista é fúnebre como um enterro! Meu Deus como ele está tardando a telefonar hoje.

— Terá acontecido alguma coisa? Estará doente? Como estou nervosa! Que dia mais triste!

— Ah! Sou eu, meu amor!... Que saudades! Que saudades... Espere-me às três e meia...

— Lindos o sol as árvores, as pedras da rua! Como a vida é bela! Como é bom viver!

Tertuliano farejou no nervosismo de Sinhá o segundo ato passional. Tornou a abandonar a húngara e agarrou-se de novo à mulher. Mas agora Sinhá não o tolerava; ardia sempre numa ansia ouvindo atento ao telefone olhos alertas à janela.

Gastão Fortes, (desportista, rico, com baratinha niquelada) era impenso e egoísta. Apossou-se de Sinhá com a violência de um pirata mongol e proibiu-a de dividir-se com o marido. Apontou contra o coração da amada o duplo gume do dilema:

— Ou eu ou ele!

— Mas, Gastão eu sou tua, juro...

Gastão, ciumento como um turco, na "gargoniêre" violeta escarava injúrias "contra aquela besta metálica, que nunca jogara tenis nem guiara um carro de corrida, tão absorvido pelo café", que lhe roubava sua Sinhá adorada.

Os amantes são assim: egoístas, intransigentes e mandões. Ficam com a mulher do próximo e ainda mordem os pulsos de raiva porque os pobres maridos fazem a suprema burrice de dar à adúltera cama e comida.

Sinhá na grande crise jurava-lhe uma fidelidade de melodrama:

— Eu o detesto! E' um monstro!

Mas Gastão sofria. Sanguíneo, porojando instinto, cheirava o colo e os braços de Sinhá farejando um perfume suspeito. Cenas horíveis! Quase saía pancada. Ele dava passadas de fera no tapete côr de abóbora rugindo como um javardo. Cada mês que passava subia no diagrama passional a curva do amor incandescente.

— Não! Isto não pode continuar assim! Ou eu ou ele!

De outro lado, Tertuliano fervia de amor como uma chaleira. Sentia em Sinhá uma oposição que nunca lhe fora oposta. Lera dois bihetes de Gastão que ela deixara na gaveta da toilette, deixada aberta

(Continua na pág 58)

Conto de MENOTTI DEL PICCHIA
Ilustração de ABELARDO ZALUAR



Ao alto: Lana Turner, em companhia de sua filhinha Cheryl Christine Crane. Em baixo à esquerda, James Stewart e Donna Reed.

SANTO DE CASA NÃO FAZ MILAGRES...

São muito raros os artistas de Hollywood nascidos no Estado da Califórnia — Quase todos vêm de fora, conquistar fama e fortuna entre os californianos.

Por LUIS SERRANO

(Correspondente especial da REVISTA DA SEMANA em Hollywood)



HOLLYWOOD, novembro — O provérbio que diz que "santo de casa não obra milagre" não podia ter melhor aplicação do que aqui, neste recanto californiano invadido por gente de fora. Quem quiser ser artista de cinema, e como tal possuir uma bela residência com piscina, automóveis confortáveis e o nome no pináculo da glória basta ter nascido longe daqui, em qualquer pequenina cidade no interior do seu país. Quem tem uma vilinha desconhecida como berço para estar predestinado a vencer no cinema. Isso não quer dizer que o "estrelato" esteja vedado a pessoas nascidas nas grandes metrópoles. Os californianos é que são raros. Há artistas famosos em Hollywood que são naturais de grandes centros como Nova York, Brooklyn, Chicago etc. E' esse o caso de Humphrey Bogart, Douglas Fairbanks e Tyrone Power. Mas a verdade é que a maior parte das celebridades da capital do cinema nasceram em cidades tão pequenas que ainda não possuem realidade geográfica.

James Stewart, protagonista do primeiro filme que Frank Capra produziu para a Liberty Films, "It's a won-

derful life", é natural de uma dessas pequeninas cidades dos Estados Unidos. Realmente, é muito difícil encontrar a cidade natal de James Stewart num mapa. O seu nome é Indiana e está situada no Estado de Pensilvânia. E Donna Reed, de quem James é o galã em "It's a wonderful life", viu pela primeira vez a luz do dia num lugarejo chamado Dennison, Iowa.

Van Johnson, idôlo do público amante do cinema não nasceu numa das menores cidades do seu país. Contudo, podemos concordar que Newport não é lá essas grandes coisas. E o que mais surpreende ao público talvez, é o fato de que as cartas geográficas não tragam o nome da cidade natal de Clark Gable. Seu nome é Cadiz e fica situada no Estado de Ohio.

Lana Turner, que aqui tanto agradou aos seus "fans" no desempenho do seu papel em "O destino bate à porta" (The postman always rings twice), teve como berço a pequenina cidade de Wallace, situada na zona mineira das Montanhas Roubidoux. Lana é, a personalidade mais célebre que nasceu naquela região.



Bette Davis

Robert Montgomery, que voltou às suas atividades cinematográficas, fazendo a sua reaparição na tela como protagonista de "Fomos os sacrificados" filme que apresentou também John Wayne e Donna Reed, e que há pouco dirigiu e interpretou a película "Lady in the Lake", nasceu em Beacon, no Estado de Nova York. Gary Cooper e Myrna Loy são conterrâneos e naturais de Helena, no Estado de Montana.

Robert Taylor e Henry Fonda também são conterrâneos, sendo que o primeiro nasceu em Filley, Nebraska e o segundo em Grand Island, mas no mesmo Estado. E Harold

Lloyd, que acaba de reaparecer no filme "The sin of Harold Diddlebock", nasceu na mesma região e o nome do seu terrão natal é Buchard.

O Estado de Connecticut forneceu a Hollywood duas das suas maiores artistas, Katherine Hepburn e Rosalind Russell, que está aparecendo no filme da RKO Rádio "Sister Kenny". Katherine nasceu na cidadezinha de Hartford, enquanto que Rosalind é natural de Waterbury.

Lowell, uma vilazinha situada perto de Boston, é a terra natal de Bette Davis. William Eythe nasceu em Mars, no Estado de Pensylvania, enquanto que Van Heflin e

Larry Parks são naturais de Waters e Olathe respectivamente.

Alexis Smith, que faz o principal papel feminino de "Night and Day" é canadense e o seu terrão natal é Penticton, British Columbia. E Charlie Chaplin não nasceu em Londres, Inglaterra, como muita gente pensa e sim numa vilazinha perto de Fontainebleau, na França.

Isso tudo nos faz crer que para vencer no cinema uma das condições essenciais é ter nascido numa pequenina cidade, quanto menor melhor. Será até ideal se os mapas não registrarem o nome do lugarejo...

Robert Taylor



Katherine Hepburn





Interior da demolida igreja de São Sebastião no morro arrazado do Castelo. — Foto Malta.

A VENTA-SE agora a idéia de dar ao Rio de Janeiro uma nova catedral. Onde construí-la? Com que recursos? Em que espaço de tempo? Cada pergunta destas tem o seu **X**. Encontrem-o quem para tanto se ache ou se julgue habilitado.

Seja-nos concedida licença apenas para dizer que o levantamento de catedral condigna requer local apropriado à sua natureza e a seus fins especiais. Iacoi aquele difícil de encontrar no atravancado Rio de Janeiro. Nem se esqueça o vulto das despesas acarretadas pela construção de fábricas portentosas como as catedrais necessitadas de perspectiva, de exterioridade imponente, ornamentação interior artística de preço. Quando nas velhas igrejas pompeiou o ouro, requintou a obra de talha.

E' de ponderar o tempo gasto na construção da catedral, o fator tempo inextinguível de qualesquer cálculos humanos.

Recorrendo à história carioca haverá quem na mesma encontre exemplo de edificação morosa, a da Igreja da Candelária. Substituindo a ermida do voto de Palma quase naufrago, pôs exemplo maior, a este se lançou pedra fundamental a 6 de junho de 1775 para inauguração interna do templo a 10 de julho de 1895.

Em 1775 governava o Brasil, do Rio de Janeiro, o vice-rei marquês de Lavradio, conde de Avintes, ou D. Luis de Almeida Portugal Soares Alarcão Eça Mello e Silva Mascarenhas. Em 1775 ainda, era bispo diocesano dos cariocas um prelado de nome extenso qual o do vice-rei. Chamava-se D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco primeiro bispo brasileiro na diocese de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Nasceu a bisto justamente na freguesia da Candelária onde se pretendia erguer templo dedicado a N. S. das Candelas, de tão tradicional Festa das Velas.

De pedra básica em 1775, de inauguração em 1895, a construção da Candelária iniciada, paralizava recomendada, dificultada em certas épocas esteve a pique de ser obra de Santa Engrácia padroeira da igreja em Lisboa de obras sempre por acabar.

Custo a custo terminou a construção da Candelária em cidade onde se tinha querido edificar Sé Nova as suas pedras de alicerce não basear teatro, o de São Pedro de Alcantara, na inteira impropriedade de dar nomes de santos a casas de espetáculos.

O local da Sé Nova o largo de S. Francisco de Paula, ficou conhecendo Academia Militar, Escola Central, Escola Politécnica.

De remate à lembrança seja dito ter agora acudido a alguns a idéia de promover a catedral a Igreja da Candelária,

atentas as suas proporções, seu atual desafogo urbano, sua riqueza e gosto de ornamentação interna.

Talvez também a alguém acuda a idéia de ser inoportuno o desejo de nova catedral quando se intenta despojar o Rio de Janeiro da primazia da capital do Brasil, que o é com lustre há cento e oitenta e três anos.

Este peso de tempo é de consideração maior que outro peso suportado pela cidade, o de uniformes edifícios cubculares, cheios de compartimentos com geito de células penitenciárias, edificios aqueles orgulhosamente taxados de arranhacéus. Esse pouco.

O Rio de Janeiro principiou tendo catedral bem ao alto, no morro do Castelo onde foi posta a primeira matriz carioca sob o orago de S. Sebastião.

Até 1676 o Rio de Janeiro prelasia sujeitou-se à jurisdição do bispado da Bahia, criado o do Rio de Janeiro por Inocência XI, concedidas assim à matriz de S. Sebastião do Castelo a elevação a catedral com respectivo cabido de não poucas dignidades.

A primeira catedral carioca, de cume à cidade e vista larga sobre a Guanabara, gozou prerrogativa de primeira igreja carioca até 1734 mais de meio século portanto.

Do monte desceu a catedral à planície, antes varzea. Passou o cabido para igreja por muito tempo de batizar-mar o que ainda hoje indica a sua torre voltada para águas outrora próximas de praia.

Edificada sobre ruínas de forte, a igreja da Santa Cruz dos Militares deu casa ao cabido metropolitano.

Pouco se demorou este na então rua Direita, a matriz próxima de São José prestando serviços a Sé, quando esta no morro do Castelo.

Da Cruz dos Militares, em 1737, mudou-se a Sé Catedral para mais coração da cidade para o largo do Rosário. Levantava-se no sítio a Igreja de N. S. do Rosário e de São Benedito, a cargo da irmandade do mesmo nome instituída na igreja do Castelo. Tinha por irmãos homens de cor, mantendo outros em igreja própria, à rua da Alfândega, Irmandade de Santa Eligénia e Santo Elesbão, ainda existente.

Seja notado, nenhum preconceito de raça excluiu a Igreja dos Homens Pretos tornar-se Catedral, a princípio a título provisório.

Mas que força a do provisório no Brasil. A Sé permaneceu no templo do largo do Rosário, provisoriamente, durante setenta anos e meses, até 1808, ano da chegada do Príncipe Regente D. João, ao Rio de Janeiro.

Aportado em março, logo em junho removeu o príncipe da Sé Catedral da igreja do Rosário. Nea fora orar com sua família orar pela segunda vez, primeiro o tendo feito ao pé do altar atinado no ora cais Pharoux.

Da igreja do Rosário voltou a Sé para a rua Direita, alojada na igreja de N. S. do Monte do Carmo cedida de bom ou de constrangido grado por frades carmelitas.

Recebeu o templo categoria de Catedral e Capela Real liguada à Capela Real e Patriarcal de Lisboa.

A Catedral-Capela durante a estadia do Príncipe Regente foi centro de atenção de vida de curiosidade popular, de solenidades frequentes, de boa música bem interpretada ou composta por músicos que o sendo não viam em harmonia. Tais Marcos Portugal e José Mauricio, aquele ao contrário deste mais cheio de si que de arte superior.

A serviço do culto na Capela Real do Rio de Janeiro estiveram muitos objetos trazidos da Capela Patriarcal de Lisboa.

Em 1841 o bispo diocesano D. Mancel do Monte mandou inventariar as peças de ouro e prata pertencentes à catedral do Rio de Janeiro.

Receberam o valor de cento e onze contos, seiscentos e vinte nove mil e sessenta réis, valor dado pelos avaliadores chamados a dar preço ao tesouro da Catedral. Foram Antonio Nélva Pereira avaliador de prata e Daniel José Pereira avaliador de ouro e diamante. A época não sendo de pressas sem dúvida avaliaram os peritos com calma cobrada de honestidade.

Reconheceram então os avaliadores que nem todo o trazido por D. João VI para o serviço da sua Real Capela do Rio de Janeiro havia sido levado para Lisboa, a começar por sete banquetas com cruces do valor de quase vinte contos e do peso de bem mais de mil marcos.

A partida de D. João VI para Portugal em 1821 seguiu-se dentro em pouco a chegada da Independência. Com ela o nascer solitário Império em continente sul americano onde em lua criolos contra hidalgos.

A Capela Real subiu a Capela Imperial depois de 1822. A antecessora desta a igreja do Rosário, teria porém a fortuna de ver sair do seu consistório de Irmandade o préstito que, com o juiz de fóra à frente, tanto se assinalou na cena do Fico.

Outras cenas de caráter histórico desdobrar-se-lam na Capela Imperial a partir do Primeiro Reinado, de primeira cena da sacração e coroação de D. Pedro I, sagrante o bispo diocesano D. José Caetano da Silva Coutinho, que havia de batizar D. Pedro II. D. José Caetano vê-lo crescer, morrendo o bispo no tempo da Regência Permanente o imperador menor contava sete anos de alorada idade.

No Primeiro Reinado uma das festas mais decorativas da Capela Imperial era a dos membros da Ordem do Cruzeiro revestidos de mantos.

A Capela abriu espaço a duas bênçãos nupciais, as das noivas de D. Pedro I, D. Leopoldina e D. Amélia, reproduzido o ato nupcial no consórcio de D. Pedro II e D. Teresa Cristina.

Casamentos e batizados de pessoas reais e imperiais suceder-se-lam na Capela da rua Direita. Nela a última cerimônia grande seria a da entrega da Rosa de Ouro à princesa D. Isabel por dádiva de Leão XIII.

Pouco após a cerimônia aparecera a República em pleno florescer do Império. Transforma-se a Capela Imperial em Catedral Metropolitana.

Por decreto do primeiro Governo Provisório da República, separada a Igreja do Estado, Leão XIII procede a reforma eclesiástica no Brasil, por ela dividindo e criando bispados, o do Rio de Janeiro elevado a arcebispado em abril de 1892, o recém-arcebispado de grande extensão territorial.

Coube a D. João Esberard ser o primeiro arcebispo do Rio de Janeiro onde o como douto padre se tornara veneravelmente popular quando capelão do convento de Santa Teresa, Esberard bispo de Olinda no momento da sua elevação ao arcebispado. Não tivesse morte prematura D. João Esberard e certo seria dele o primeiro chapéu cardinalício conferido a brasileiro sacerdote.

Estas e outras muitas recordações se ligam à Catedral do Rio de Janeiro. Real Imperial e Metropolitana no acompanhar regimes políticos.

Que será feito da velha Catedral uma vez construída nova? Será simples igreja ou a destruirão para fim profano? Não haverá contudo receio de sabê-la sem vinco na história carioca, pois passaram de século os seus serviços espirituais a uma cidade de tempos prósperos ora cruciada de privações em vida aspérrima nunca antes padecida.

CATEDRAIS CARIOCAS

PICTURE PAGE

Interviewer: WYNFORD VAUGHAN THOMAS

Editor: JOAN GILBERT



Lizabeth Scott, a famosa artista cinematográfica norte-americana quando, em Londres, era entrevistada pela televisão na B. B. C.

A TELEVISÃO NA INGLATERRA

Por J. E. SAMUDIO

LONDRES — O fato de haver iniciado de novo o serviço de televisão, dez meses depois de terminada a guerra mundial, constitui verdadeira façanha de engenharia, tanto no que se refere aos planos necessários, quanto em sua execução. Isto é uma prova incontestável da determinação da B.B.C. em desenvolver esta última forma de rádio-difusão como serviço público. O grupo de

homens e mulheres que se reuniu para esse fim em Alexandra Palace, é um grupo de pioneiros que empreendeu uma das mais fascinantes aventuras dos tempos de após-guerra. Traçar o rumo de seu empreendimento ou mesmo fixar de um modo geral os limites do campo de seu futuro progresso, seria uma verdadeira loucura.

Especial para REVISTA DA SEMANA

Esses iniciadores, cheios de entusiasmo e com uma grande experiência, farão, sem dúvida, muitas inovações e experiências cujos resultados espera-se sejam magníficos.

Antes da guerra, o serviço de televisão da B.B.C. era o primeiro do mundo e é possível que esse lugar continue nesta

segunda fase. A televisão é a um tempo uma ciência e uma arte, e em seu estudo e desenvolvimento é preciso que se tenha em conta um como outro aspecto. A televisão tem, dentro de sua esfera de ação, o poder de prover todos os lares, mesmo os mais humildes, de um receptor em que se pode ver o que se passa no mundo; com o tempo a televisão será um meio pelo qual os povos poderão sentir que



Televisão do "ballet" intitulado "Les Sylphides", pelo conjunto do Ballet Theatre, de Nova York, no estúdio do Alexandra Palace, em Londres.



de certo modo participam de muitas das coisas da vida quotidiana, que hoje lhes são inacessíveis. Mas é preciso ter também em conta o grande prazer que a televisão nos pode dar, e não esquecer tampouco que será um meio sumamente poderoso para a difusão da cultura e dos conhecimentos gerais, e portanto importante como serviço social.

O enriquecimento de nossas experiências, a distração e a educação estão, falando-se em termos gerais, dentro do alcance da televisão.

Tudo isto não é apenas uma possibilidade para o futuro, mas uma realidade do presente. Porque se bem que a B. B. C. se veja obrigada a trabalhar vigorosamente para o progresso da televisão, não se pode esquecer o que já se havia feito antes da guerra; e hoje a televisão recomeçou numa escala muito mais ampla.

Por outro lado seria tolice não admitir as tremendas dificuldades com que se tropeça na produção de um programa de televisão. É muito possível, por exemplo, que se necessite alguns anos antes que se chegue a obter o que todo o mundo espera da tela. Não se trata simplesmente de se aprender uma técnica completamente nova; é a questão formidável do pessoal e do espaço de estúdio disponível assim como as horas de duração de um programa. Porque na televisão, ao contrário do que sucede no teatro ou

Ensaio da peça "O silêncio do mar" de Vercors, com Kenneth Moore no papel do oficial alemão.



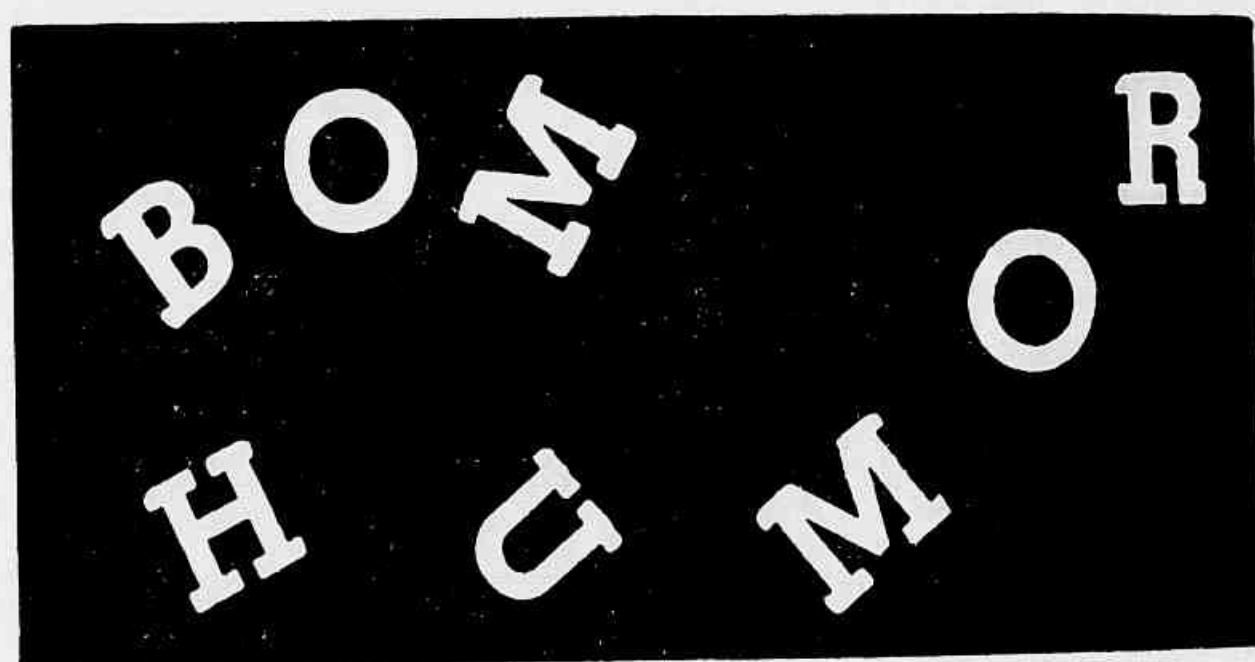
Televisão de um programa sobre a vida dos animais, no qual atua a locutora Winifred Shotter.

no cinema, não se pode gastar tempo ilimitado na preparação de um programa, e isto por razões evidentes. Se um drama se ensaia por duas ou três semanas, tempo relativamente curto para uma companhia, e essa peça se irradia duas vezes, com uma duração — digamos — de meia hora, é fácil de calcular-se o número de "producers" que se necessitam para manter o serviço em marcha para três horas diárias de irradiação. Um cálculo semelhante indicaria quantas peças deveriam ser ensaiadas simultaneamente, quantos fotógrafos seriam necessários e o espaço nos estúdios que seria preciso.

Está claro que as coisas se facilitam um pouco com o fato de que grande parte do tempo de transmissão é utilizado para rádio-difusões de fora sobre competições esportivas ou acontecimentos públicos, ou em programas de música, ballet, palestras e vários números que não requerem tanta preparação. Contudo, as considerações de pessoal e espaço são bastante sérias no que se refere à possível quantidade de ensaios, e por algum tempo serão um obstáculo na produção dos programas de televisão. Pense-se que este é apenas um dos muitos problemas da televisão; porém a dificuldade da tarefa e a novidade do assunto lhe dão um encanto irresistível. É assim que, tanto na parte técnica quanto na dos programas, quase uns interferem no trabalho de outros; mas é o tumulto até certo ponto desordenado mas saudável, dos que sabem que estão no limbo de algo portentoso, e que deste choque de idéias e opiniões surgirá o que todos procuramos — a técnica de uma nova arte.

Patricia Bath, que atua na "Página de Modas", do programa inglês de televisão, recebe a "maquillage" adequada.







— Desculpe... Mas esse pequeno não é seu?



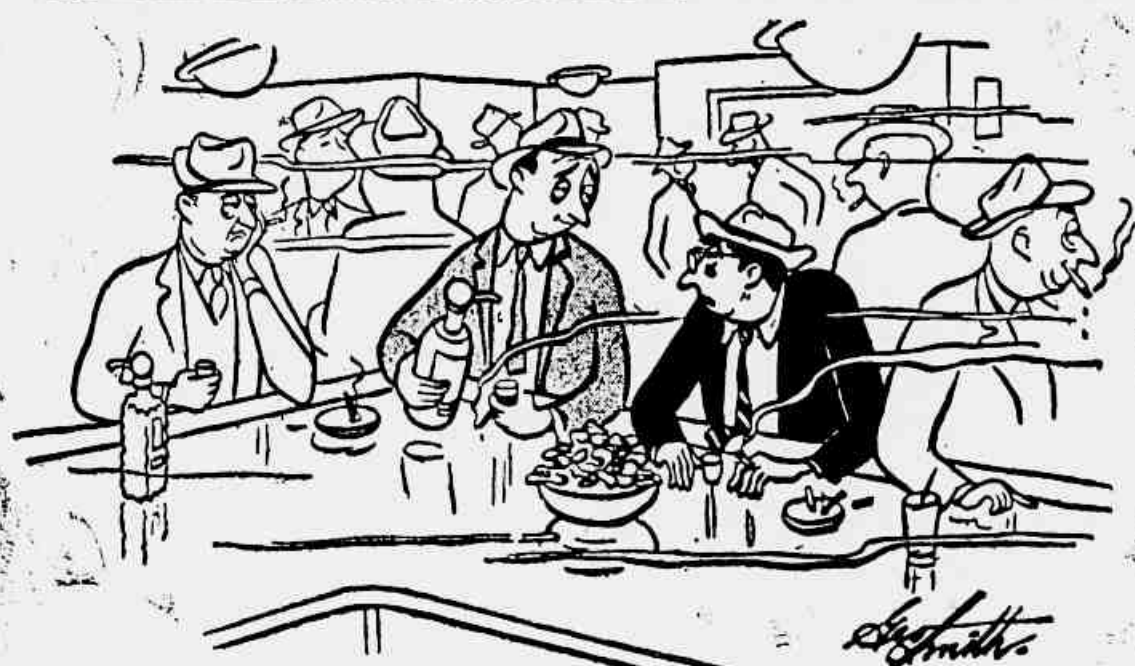
— Estou experimentando porque meus filhos são bastante ativos...



— As vezes até tenho raiva de papei ter entrado para a Marinha!
Sempre os mesmos modelos.



— Você bem disse que nosso filho seria um clarão no nosso lar...



— Meu erro foi apenas este... Segui-a até o fim do mundo. E, em vez de empurrá-la, casei-me com ela...



— Temos brigado tanto, que eu já nem esperava que você fizesse um bolo no dia do meu aniversário...

PARE AÍ, SOLANO!



CONTO DE
AVIO BRASIL

ILUSTRAÇÃO DE
ARMANDO MOURA

Premiado no concurso permanente da REVISTA

SOLANO DE ABREU fora um indivíduo normalmente gatuno. Larápio comum, sem afetação nem ficha na Polícia Central, usando gravata com o respectivo colarinho, tomando lotação, taxi, ônibus, bonde e trem, de igual forma que qualquer indivíduo como ele normalmente honesto, é claro que fazia o possível para não abrir, aos amigos e conhecidos, o interior da sua fisionomia "sabida". Em suma: nem mesmo o faro perdigueiro de um daqueles "G-Men", dos contos policiais, descreveria à primeira vista, num encontro ou numa apresentação, que estar diante de Solano de Abreu era estar diante de um ladrão. Aliás, Solano de Abreu não era, também, o que se pudesse chamar assim impunemente — como se chama a um homem de Estado — de ladrão, e isca, de lá do fundo, a carteira até com o dinheiro e as relíquias que acaso, o infeliz tenha escondido. Não. Isso, não; o Solano de Abreu nunca tralhara desse modo inestético, pelo que, devemos ter complacência para a sua habilidade, muito embora os puritanos —

essa classe de gente bíblica — não entendem assim, preferindo achar que essa história de enganar o próximo, lesando-o em proveito próprio, é desonestidade que equivale a avançar o braço pelo paletó alheio e desarmar o outro do seu cofre ambulante.

Não divaguemos, contemos logo qual era a fisionomia desse linório, e o mais que de sua vida consta.

Ele era apenas isto: sabido. Sabido em toda a particular expressão, a sua ciência de furtar (diríamos melhor se nos expressássemos como Vieira, que escrevia mais bonito, diríamos melhor, toda a sua "arte de furtar") consistia em ludibriar o patrão, metendo-o nas mais incríveis "trapalhadas" deste e de todos os munhões imagináveis e possíveis. Ele poderia ser tido como o espelho vivo de uma época, esta época em que só existe irrealidade, nas realidades... quando as coisas são falsas, os homens são hipócritas, as mulheres artificiais e os fatos imaginários...

Solano, moço culto relativamente à sua condição pessoal de quem não passou dos três primeiros anos de ginásio e deixou os estudos nessa altura para empregar-se no comércio, seduzido pelo gosto

de vestir boas roupas, calçar bons sapatos e frequentar os cinemas, luxos que a família não podia aguentar, Solano vinha exercendo o cargo de gerente da firma Eulápio Guimarães & Cia. Ltda. Embora tivesse toda essa complicação de "companhia" e, por cima, "limitada", essa complicação toda havia sido uma das imaginações do nosso amigo, desde quando a sociedade comercial verdadeiramente, era um único indivíduo, que era o sr. Eulápio Guimarães. Mas Solano era espertinho mesmo, e como, além de gerente, fazia o serviço de escrita da Casa, incutiu na cabeça do sr. Eulápio a idéia de transformar a firma individual, numa empresa social limitada, pois assim, lhe dissera em surdina, viria a pagar menos impostos, reduzir a sua responsabilidade em qualquer transação, e fugir aos pedidos especulativos dos amigos, para garantias particulares, explicando sempre a essas malitadas aparições, ser proibido pelo contrato social da firma os sócios assumirem responsabilidades de terceiros. O sr. Eulápio, como bom português se deixou levar pelo palavreado do seu inteligente auxiliar, e, como recompensa, deu-lhe algumas quotas no limite da sociedade que era,

justamente, o fim precípuo, único e fundamental de todo o seu discurso. Pois, antes a firma era apenas: "Eulápio Guimarães". Ia esbanjando, assim: no controle da escrita da casa, sempre achava meio de incluir uma verba a mais, um pagamento imaginário, uma conta surgida misteriosamente, que se escoava dos lucros da firma, sem que o sr. Eulápio desse pela coisa.

A ninguém Solano contava as suas "vantagens".

Mas quando, por exemplo, a mulher de Solano tinha de ir a um casamento, e precisava, além do vestido novo, os outros apetrechos que complicam a indumentária feminina e as possibilidades dos maridos, e devia pagar o taxi, Solano fazia as contas das despesas, com o lapis:

vestido	\$2.000,00	
sapato	300,00	
bolsa	300,00	\$2.600,00

(Tudo com Solano era pela forma cantável...)

— Falta o chapéu, murmurava a esposa.

E ele:

(Continua na pág. 52)



EMILINHA BORBA iniciou sua carreira artística na Rádio Cruzeiro do Sul, através da "Hora Juvenil", programa que reunia uma turma de candidatos ao estelato. E tão sensacional foi sua estreia que os entendidos previram um futuro brilhante para a atual exclusiva da PRE-8. Da Cruzeiro, Emilinha passou-se para a malograda Cajuti, de onde saiu para formar dupla com Bidu Reis na Rádio Mayrink Veiga. Mais tarde ingressou na Ipanema e, daí, foi para a Rádio Nacional, mantendo-se até hoje nesse prefixo. Carioca de nascimento, a vitoriosa cantora é francamente partidária das novelas, a ponto de rejeitar contratos para "tournées" pelos Estados, só para não perdê-las. Afirma gostar mais de uma boa história seriada do que de um filme. Principalmente quando a estrela é Ismenia dos Santos. Sem ter preferência por este ou aquele artista, não alimenta vaidades nem adota poses estudadas. Seu gênero é o samba. Durante alguns anos foi uma das principais atrações do Cassino da Urca, onde cantava todas as noites os sambas de maior sucesso. Criadora de grandes êxitos na nossa música popular, no momento açambarca a atenção de todos com a tradução de uma canção estrangeira, "Acapulco". Também se prepara para estrear "Mar Morto", filme que marcará sua grande oportunidade na tela. Emilinha Borba não lamenta o fechamento dos cassinos, porque não lhe falta onde trabalhar. E continua sua carreira vitoriosa ao microfone da Rádio Nacional, recebendo enorme correspondência e outros tantos telefonemas.



HENRIQUE FOREIS DOMINGUEIS eis o nome completo desse perfeito "rádio-man" que vocês conhecem por Almirante. Nascido a 19 de fevereiro de 1908, numa rua-zinha modesta do Engenho Novo, cedo viu-se matriculado num colégio de padres salesianos, de onde saiu para cursar o Instituto Lafayette, sem contudo levar avante o curso de preparatórios. A necessidade de ganhar a vida levou-o a uma papelaria, onde exerceu as mais humildes tarefas, inclusive a de lavador de vitrines. Tempos depois, logrou melhor colocação em importante firma americana, dedicando-se então a aprender escrituração mercantil. Estava escrito, no entanto, que seguiria uma carreira bem diversa. E assim o foi, graças a uma festinha em que teve oportunidade de travar conhecimento com o compositor João de Barro, que se achava à frente do conjunto "Flôr do Tempo". E' que o nosso herói foi chamado a tocar pandeiro, terminando por ser incluído no conjunto, o qual veio a contar, mas tarde, com o saudoso violonista Noel Rosa. Assim, começou a desenvolver-se a atuação de Henrique Foreis em nosso meio artístico, na qualidade de cantor de emboladas, até que o trabalho de pesquisas folclóricas e de locutor fê-lo esquecer o canto. Hoje, embora interpretando composições incluídas nos seus programas, é mais um idealizador de programas, sempre à cata de novidades. Integrando o "cast" da Tupi, Almirante escreve "A História das Orquestras e Músicos Brasileiros", programa irradiado às terças-feiras às 21.30: "Anedotário das profissões", às sextas-feiras às 21.30 e "Carnaval Antigo", aos domingos às 21.30. Também já colaborou na adaptação brasileira de diversos desenhos de Disney.

GENTE DE RADIO DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS

SILÉSIO NASCIMENTO é radiofonicamente o apreciado artista Paulo Renato, que vocês já se habituaram a ouvir nos espetáculos de rádio-teatro da Globo. Pesando pouco mais de cinquenta e cinco quilos e tendo um metro e setenta e quatro centímetros de altura, é natural do Estado do Rio de Janeiro. Nasceu a 9 de março de 1922. Paulo Renato já foi operário naval do Loide Brasileiro, cargo que abandonou para se dedicar ao rádio, uma vez que este sempre o fascinou. Iniciou-se através de uma experiência na Rádio Club Fluminense. Dessa emissora, transferiu-se para a Mayrink Veiga, até que uma vantajosa proposta da Tupi o levou a trocar de prefixo. Agora, pertence ao elenco da Rádio Globo, trabalhando em algumas novelas e no "Grande Teatro" dessa emissora. Viveu grandes papéis em "As duas órfãs", "Romance de um anel de noivado", "Fidalgo da Casa Mourisca" e "Marcha Nupcial". Como redator-radiofônico, deu-nos as versões de "Canção de Bernadette", "O Rei Vagabundo", "Não te rias, Maria". Sem ter predileções por astros de rádio ou da tela, admira particularmente os artistas sinceros e honestos, os que se esforçam para dignificar sua arte, colocando-a acima dos interesses materiais. Quanto a escritores, prefere Romain Rolland, Máximo Gorki, Afionogenov, Graciliano Ramos e Alvaro Moreyra. Não é "fan" de nenhum clube de futebol, nem tampouco pratica esportes, devido à falta de tempo. E' casado com a brilhante artista Norka Smith, a quem conheceu durante uma irradiação na Tupi.

ODETE AMARAL vem dos aurores tempos da Rádio Guanabara. Foi nessa emissora que, no decorrer de 1935, fez sua primeira aparição no rádio, interpretando um samba-canção. Tanto bastou para que o senhor Alberto Manes a incluisse no "cast" da PRE-8, pagando-lhe, inicialmente, o "cachet" de trinta cruzeiros. Não tardou muito, porém, que a Cruzeiro do Sul lhe oferecesse melhor contrato, colocando-a na "Hora H", programa que contava com o concurso de Ary Barroso, Paulo Roberto, Edmundo Maia, Nair Alves e outros. Na PRD-2, Odete Amaral teve a oportunidade de gravar o seu primeiro disco, o samba "Dengoso", de Milton Amaral. A esse, seguiram-se "Luar no Morro", "Quem é que paga a gasolina", "Ali-Babá", "Não pago o bonde" e muitos outros. Depois de integrar o "cast" de todas as emissoras cariocas, a festejada cantora deixou-se ficar na Rádio Mayrink Veiga, ao lado de seu esposo, o cantor Ciro Monteiro. Sua atuação nos programas de estúdio da PRA-9, lhe valeram a simpatia do público, o qual já teve oportunidade de apreciá-la também no cinema, no filme "Samba da Vida", da Cinédia, em que interpretou "Luar no Morro". Nascida em Niterói, Odete Amaral veio a conhecer Ciro Monteiro durante a audição de um programa na Rádio Philips, dele se enamorando. E a 10 de agosto de 1938, três anos portanto do seu ingresso no rádio, com ele consorciou-se, tendo como padrinho o veterano Barbosa Junior. Hoje, ambos vivem felizes no rádio, formando um invejável casal de artistas. Todos os anos, Odete realiza uma temporada nas emissoras paulistas.





ERAMOS SEIS, que caminha para a 8ª edição, já foi vertido para as línguas inglesa e castelhana. Continua batendo o recorde de venda em todas as livrarias do país. Na gravura, o jornalista folheia a versão castelhana do grande romance brasileiro, ao lado de sua autora.

FALA A ROMANCISTA MAIS LIDA DO BRASIL

"NUNCA PENSEI EM CHEGAR A SER ESCRITORA" — DIZ A SENHORA LEANDRO DUPRÉ, — "MAS A MISÉRIA DA HUMANIDADE DESPERTOU EM MIM A VOCAÇÃO LITERÁRIA."

Em Shangri-Lá com a autora de "Eramos Seis" e de "Luz e Sombra" — Impressões de uma viagem através da Europa e das Américas — Como se tornou escritora — Conceitos sobre a Academia e sobre a literatura brasileira contemporânea — O divórcio no Brasil é uma necessidade cada vez mais premente — Planos para o futuro — Outras notas.

Reportagem de NELSON VAINER

Fotos de JOSÉ A. FERNANDES e RAUL GINJO

EM sua pitoresca chácara perdida entre majestosas montanhas de uma ramificação da Mantiqueira, nas vizinhanças de São Paulo, onde costuma passar o fim de semana, visitamos sábado último, em companhia de Arthur Neves, da Editora Brasiliense, a escritora paulista Senhora Leandro Dupré. Recebeu-nos acompanhada do seu marido, dr. Leandro Dupré, conhecido engenheiro-arquite-

to, e do famoso cachorrinho "Samba", que foi "imortalizado" em um dos livros da ilustre romancista patricia.

— Eis o meu pequeno, mas real Shangri-La! — disse-nos logo depois dos habituais cumprimentos, apontando para a chácara e para o maravilhoso panorama que a circunda. — Aqui esqueço tudo: — prosseguiu — a cidade, o barulho, a máquina de escrever... Uma maravilha! Dedico-me somente ao descanso e divirto-me com as aves e os cachorros — guardas fiéis do meu recanto paradisíaco...

Em nossos ouvidos, a palavra "descanso" soava como uma terrível advertência, pois o escopo principal de nossa visita era obter uma entrevista, já que não conseguimos realizar esse intento nos encontros anteriores. No entanto, em momento oportuno, mais uma vez tentamos entrevistá-la. "Não, não e não!" — disse-nos categoricamente. — Que interesse terão os leitores do seu magazine em saber quem sou, o que penso e como vivo? O que importa a eles a vida íntima dos escritores e poetas? Não se contentam com a sua produção literária que, de certo modo, revela traços característicos e outras coisas mais da sua personalidade?

— Não me é possível responder por eles — retorquiu. — Creio, porém, que a senhora mesma responderá acertadamente às suas próprias perguntas. A propósito: antes de se tornar escritora, quando lia livros de grandes escritores contemporâneos, não se sentia possuída pelo curiosidade de saber como vivem, e o que pensam os seus autores? Francamente, não lhe interessavam os mínimos detalhes que eles contavam aos repórteres? Ou nunca lia — ou lê — as entrevistas que eles concediam?

A autora de "Eramos Seis" percebeu que estava sendo vítima de uma armadilha. Tentou reagir mas não pôde fugir da verdade e acabou confessando que gosta bastante de ler entrevistas...

— Neste caso, — insistimos, — não pode deixar de conceder-nos uma entrevista e, desde já lhe agradeço em nome dos inúmeros leitores que, como a senhora, também "gostam bastante de ler entrevistas"...

— Sou-lhe grata pela gentileza... Vou falar mas, por Deus, não faça muitas perguntas.

A "MUSICISTA" E "PINTORA"

Nesse instante, a empregada entrou na sala, trazendo-nos café. Enquanto saboreávamos a preciosa rubícea demos início à entrevista propriamente dita. Desejamos saber, antes de mais nada, se a Senhora Dupré já de há muito sonhava em se tornar escritora, se tentou desde a mocidade desenvolver o seu talento, ou se este se revelou repentinamente, por acaso.

— Francamente, nunca pensei em chegar a ser escritora. Nasci em Botucatu, no interior de São Paulo, onde levava uma vida tranquila. Lia muito e apreciava sempre a boa literatura. Mas nunca tentei escrever alguma coisa, pois nem sequer sonhei em chegar a ser uma literata.

— Tinha, então, vocação para outras artes? — Sim. Dediquei-me primeiramente à música. Durante cinco anos consecutivos estudei violino. Tudo ia bem mas, ao convencer-me de que jamais me tornaria uma virtuose na arte de Paganini, resolvi deixar a música.

A SENHORA LEANDRO DUPRÉ, — Maria José Dupré, — é atualmente um dos nomes mais populares da literatura brasileira. Seus livros se esgotam rapidamente, lidos por um público sempre ávido, sempre interessado. São autênticos "best-sellers". É longa a sua bagagem, embora tenha apenas cinco anos de atividade literária. Já estão, nas livrarias, de Norte a Sul, de Leste a Oeste, — "O Romance de Teresa Bernard", "Eramos Seis", "Luz e Sombra", "Gina", "Os Rodriguez", nada menos de cinco romances, sem contar os seus livros infantis. "Eramos seis" foi premiado pela Academia Brasileira de Letras, filmado pela Argentina Sono Filme, editado em espanhol — destino que poucos livros nacionais têm logrado. Entre os livros brasileiros mais vendidos no momento, estão sempre os da senhora Leandro Dupré, — e tudo isso sem nenhuma publicidade de caráter pessoal em torno da sua autora. Só a muito custo ela concede uma entrevista e se deixa fotografar para um jornal ou magazine. Temos a impressão, aliás, de que é esta a primeira vez que uma revista ilustrada brasileira focaliza, numa reportagem, a personalidade da autora de "Eramos seis", hoje a escritora mais lida do Brasil.

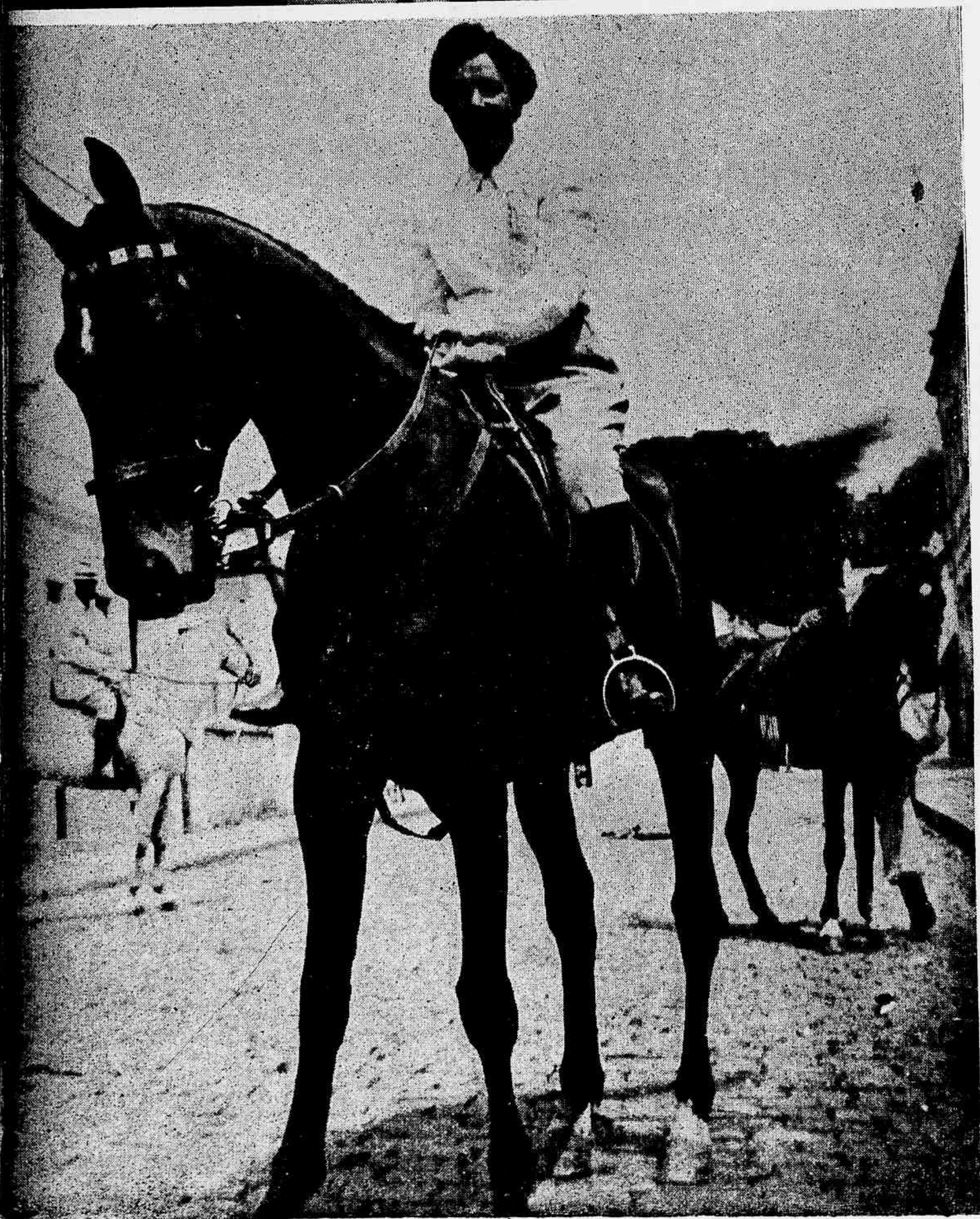


Ao alto: O êxito literário de ERAMOS SEIS nas Américas não passou despercebido pelos diretores da "Argentina Sono Filme" que, por intermédio da "Continental Filmes", obtiveram os direitos autorais da Senhora Leandro Dupré para filmar a grande obra em apreço. Com efeito, o filme ERAMOS SEIS empolga o público de todos os países latino-americanos. Na gravura, vê-se o embaixador Luzardo, sua senhora, e a intérprete principal do filme, Sabina Olmos, por ocasião da estréia dessa película em Buenos Aires. Em baixo: Uma cena do filme argentino "Eramos Seis", extraído do romance da senhora Leandro Dupré.





Em seu gabinete de trabalho, autografando um livro de sua autoria para um de seus inúmeros leitores. Na página ao lado: A senhora Maria José Dupré (Sra. Leandro Dupré), numa fotografia autografada.



— Foi então que trocou a música pelas letras?

— Ainda não. Acredite! no meu talento pictórico... Estudei pintura e produzi vários quadros que a minha família e alguns amigos reputavam bons de fato. Mas houve alguém que discordou e esse alguém era eu. Para mim, a minha pintura não valia muito mais que a minha música... Daí a minha resolução de deixar, também a arte de Rembrandt. Passou-se certo tempo durante o qual eu e as artes nada tínhamos em comum... Casei-me. E depois de casada, não sei mesmo por que, reconciliei-me novamente com a música. Estudei piano, atingi certa altura mas não vi preenchida essa minha aspiração. Desisti. Parei mais uma vez, para nunca mais prosseguir...

IMPRESSÕES DE VIAGENS

— E depois?

— Limitava-me apenas a saborear o que aparecia no mundo das artes e nem pensava que chegaria a ser, um dia, uma das suas colaboradoras. Num belo dia, eu e meu marido resolvemos trocar de ambiente. Viajamos. Visitamos alguns países da América do Sul, percorremos vários países da Europa e de lá rumamos para os Estados Unidos. Foi quase uma viagem de estudos. Observamos muito em todos os recantos visitados. Sentimos e vimos de perto o tremendo ódio de certos povos contra os recantos visitados. Sentimos e vimos de perto o tremendo ódio de certos povos contra os ditadores; presenciámos a luta pela existência dos infelizes e oprimidos e assistimos aos horrores sofridos pelos milhares de refugiados de vários países em Paris. Enquanto isso, as milionárias americanas não podiam dormir sossegadas, sempre atormentadas pelo espectro dos "kidnappers" que ameaçavam raptar os seus filhinhos...

— Que influência exerceu tudo isso sobre o seu espírito? — perguntamos.

A senhora Dupré abriu os olhos e levantou a cabeça. Como se esperasse por essa pergunta, respondeu com voz firme:

— Eu sou, antes de mais nada, mulher. E nós, mulheres, temos u'a maneira toda especial de sentir. Depois de ter todo aquele horrível estado de coisas — a luta pela liberdade, a luta pela existência, a fome, a miséria, a decadência, a dúvida, a incerteza, enfim, a viagem que o próprio Dante seria incapaz de conceber, tive pela primeira vez uma grande vontade de escrever. Ao regressar à nossa terra, resolvi firmemente dedicar-me à literatura.

— E seu marido não se importou com isso? Não se opôs — ou não se opôs — às suas atividades literárias?

— Em absoluto. Ao contrário: à medida do possível, facilitava sempre a minha tarefa. Foi ele quem procurou os editores, encaminhando os meus originais e tratando de todos os detalhes do contrato. E como não ajudar-me, ele é um grande admirador das letras?

COMO SE TORNOU ESCRITORA

— Como foi, então, que começou a sua carreira literária?

— Preliminarmente, com o conto. Foi em 1941. Ao voltar de uma visita, escrevi "Meninas Tristes". Esse conto foi publicado sob pseudônimo. Depois disso, escrevi "O romance de Teresa Bernard", publicado em fins desse mesmo ano. Teresa Bernard fez a mesma viagem que eu fiz, o que levou muita gente a pensar que se tratava de um produto da minha imaginação, como se isso fosse possível... Depois escrevi outros livros, alguns para crianças. Monteiro Lobato disse certa vez que se tinha desiludido ao escrever para adultos. Preferia, então, escrever para crianças, o que resultou na sua glorificação como o Andersen brasileiro e quicá das Américas. Eu, porém, não cheguei à desilusão: continuarei a escrever livros infantis, mas não deixarei de escrever também romances.

OS PERSONAGENS DE SEUS LIVROS

— Que nos diz dos personagens de seus livros: são eles "criados" cem por cento, ou apenas "transfigurados", colhidos no mundo real e ligeiramente modificados pela sua arte literária?

— Os personagens dos meus livros são todos "criados", produtos da ficção. Começo o livro, crio tipos, entrego-lhes missões para cumprir, encarrego-os de fazer isto ou aquilo; mas, antes de chegar ao fim, tudo se altera, como por encanto... Como acontece na vida real de cada criatura...

— Foi o que se deu em "Eramos Seis"?

— Nesse e noutros livros de minha autoria.

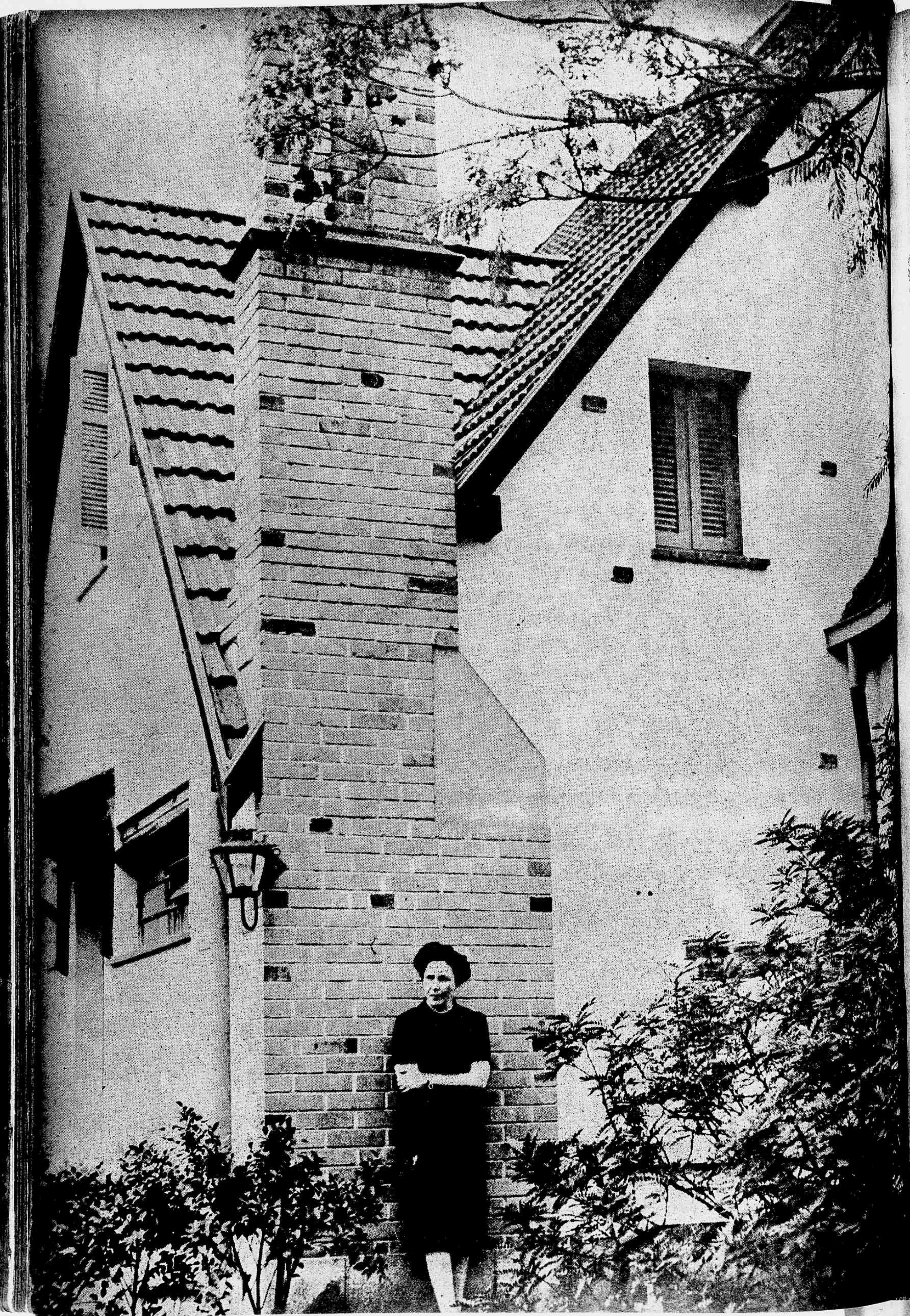
— Usa fatos acontecidos como tema de seus livros, ou vai deixando apenas sua imaginação correr à larga?

— Uso a imaginação. Para que aproveitar "fatos acontecidos", se tudo o que a imaginação de um escritor pode conceber e expor nas páginas de um livro são coisas que podem ocorrer, por mais fantásticas que sejam? Para escritores de ficção — a imaginação; para historiadores e biógrafos — os fatos acontecidos. Para os primeiros — a ilusão, o irreal, que pode-se tornar real; para os últimos, a realidade, porque a realidade fornece assuntos que superam os mais engenhosos romances produzidos pelos mais hábeis fabricantes de literatura...

O seu esporte predileto é a equitação. Gosta muito de passear a cavalo, como prova esta foto colhida recentemente na cidade de Pocos de Caldas.



Maria José
Paulo
Brasil
Outubro
1941





Na página ao lado: A ilustre escritora patriciana reside no bairro de Jardim América, num lindo "normando", enfeitado com arbustos e plantas exóticas... Ao alto: Dar de comer aos cachorros é uma ocupação das mais gratas, nas vilas da chácara da Mantiqueira...

— De seus livros, quantos foram traduzidos?
— Deis, "Eramos Seis" e "Gina", para as línguas inglesa e castelhana.
— Tem propostas para a tradução de outros?
— Várias. Sem falar nas de países sul-americanos, recebi ofertas da França e dos Estados Unidos.
— E aceitou-as?
— Estão em estudo.
— E qual a sua opinião sobre a Academia Brasileira de Letras, que premiou o seu livro "Eramos Seis"? Como recebeu essa notícia?

— Por ter sido premiada pelo cenáculo máximo das letras pátrias, não deveria emitir a minha opinião, que pode ser interpretada como "suspeita"; mas creia — desde menina admiro a grande casa do velho Machado de Assis e encaro os prêmios literários, que a Academia distribui, como a maior recompensa aos esforços dos que, no domínio da arte de escrever, visam, além da recompensa material, a conquista da beleza espiritual. No dia em que re-

cebi a notícia de que fui premiada considero-me uma das mulheres mais felizes do mundo!

— E o filme "Eramos Seis"? Gostou da interpretação? Estava tudo de acordo, ou o enredo sofreu alguma alteração?

— Gostei do filme. Todos os artistas interpretaram muito bem os seus papéis. Direção ótima. Houve, de fato, ligeiras alterações, mas em nada prejudicaram o enredo do livro.

A SENHORA DUPRÉ NÃO É ASSOCIADA DA EDITORA BRASILENSE

Havíamos sido informados de que a autora de "Eramos Seis" tinha interesses numa casa editora e lhe perguntamos o que pensava do livro, do ponto de vista industrial, na qualidade de associada ao negócio editorial.

— Na qualidade de quê? — perguntou surpresa a senhora Dupré, abrindo desmesuradamente seus olhos.

— De editora, repetimos. A senhora não é associada da Editora Brasileira?

— Não, não. Nunca fui associada dessa casa editora.

— Mas eu li alhures em um tópico em que se afirmava o contrário.

— Já sei. De fato, saiu uma nota a respeito num matutino carioca. Houve um malentendido de quem redigiu aquela nota. Sou apenas o que como já disse no início, nunca pensei chegar a ser — uma escritora.

Em vista dessa negativa mudamos de assunto. Interpelada sobre si o seu trabalho compensa e si a mulher pode viver de literatura no Brasil, respondeu-nos o seguinte:

— Eu não tenho motivos de queixa. Ganhei muito dinheiro, quer nas edições de meus livros, quer na venda dos direitos de tradução e da filmagem de "Eramos Seis". Além disso tenho várias amigas escritoras e elas vivem da pena. Acho que cada mulher deve trabalhar, quer no lar, quer fora do lar, de acordo com a vocação de cada

(Continua na pág. 51)

A esquerda: Na sua chácara serrana, a autora de "Os Rodriguez" gosta de cuidar pessoalmente de patos e galinhas. A direita: Interior em estilo rústico da casa da chácara da senhora Leandro Dupré, — a sua Shangri-La...



Conto de
H. G. WELLS
Ilustração de
ORLANDO MATTOS



A DEIFICAÇÃO DE JIMMY GOGGLES

NEM todos se podem gabar de terem sido deuses. não é verdade? Ora, entre outras aventuras, sucedeu-me essa, — declarou o homem de pele crestada.

Dei-lhe a entender que me sentia extremamente li-songeado pela confiança com que ele me honrava.

— Isso pouco lugar deixa para mais elevadas ambi-ções, digo-lhe com franqueza, — continuou ele. — Fui um dos que escaparam do naufrágio do "Pioneiro do Oceano". Apre! Como o tempo passa! São passados uns vinte anos! E com que, não se lembra então mais do "Pioneiro do Oceano"?

— Há de mistura com esse caso uma história de pó de ouro, não é? — disse eu vagamente. — Mas, quanto a precisar...

— Exatamente! — exclamou ele. Ele foi a pique em um imundo canal onde nada tinha a fazer... onde se refu-giou para fugir à perseguição dos piratas... E isso aconte-ciu antes de se dar caçada de morte àqueles bandidos. De mais a mais, havia vulcões nos arredores, e erupções, e nem um escolho que estivesse no seu devido lugar. Nas cercanias de Soone, há lugares em que seria preciso acom-panhar os recifes um a um e passo a passo, para se saber onde cada um deles ficara instalado. O "Pioneiro" foi a pique em vinte braças de água, em menos tempo do que o preciso para se distribuir um "whist", e dizem que tinha a bordo, desta ou daquela forma, cinquenta mil libras esterlinas em ouro, ou duzentos e cinquenta mil dólares, ou duzentos e cinquenta mil francos, como lhe aprouver.

— Quantos homens escaparam do naufrágio?

— Três.

— Lembra-me agora perfeitamente a catástrofe, — disse eu. — Falou-se até, pelo tempo adiante, em retirar do fundo o carregamento.

Mas, ao ouvir a palavra carregamento, o meu interlo-cutor desandou em uma série de blasfêmias tão espantosas, tão inconcebíveis, que, estupefato, interrompi o que estava dizendo.

— Peço-lhe que me perdõe, — disse ele. — Mas... re-tirar do fundo o carregamento! E inclinou-se confidencial-

mente para mim. — Fiz parte da expedição, e por haver tentado tornar-me um homem rico, tornei-me um deus! Tenho as minhas ideias sobre isso... Ora! deixe-me dizer-lhe! Ser um deus não é coisa tão agradável como poderia pensar, — asseverou-me ele.

Durante um momento a sua conversação se compor-quase que exclusivamente de axiomas altamente ima-ginosos, mas que nada me adiantavam.

Por fim, ele prosseguiu a sua história.

— Eramos três: eu, um marinheiro chamado Jacob, e Always, o imediato do "Pioneiro do Oceano"; foi este úl-timo quem deitou tudo a perder. Vejo-o ainda, quando estávamos os três dentro da pequena canoa, com uma so-frase, meter-nos na cabeça a ideia da empresa. "Estão de-positadas a bordo mais de quarenta mil libras, disse ele, e so eu poderei dizer em que lugar exato o navio sosso-brou". Ele tinha uma habilidade espantosa de implantar ideias na cabeça dos outros, e não era preciso ser muito esperto para compreender aquela. E eis como foi que ele tomou a cousa a peito de princípio a fim. Conseguin des-cobrir os irmãos Sanders e compron-lhes o brigue "Orgulho de Banya", e foi ele quem também comprou, em se-gunda mão, e escafandro munido de um aparelho respi-ratório de ar comprimido, em vez do sistema de bomba. E ter-se-ia encarregado também do serviço de mergu-lhador, se isso o não tivesse posto doente. Durante esse intervalo, munidos de uma planta que ele lhes havia for-necido, os homens encarregados da empresa de retirar o carregamento, raspavam o fundo de Start Race, a cento e vinte milhas dali.

"Posso assegurar-lhe que nós formávamos uma equi-pagem divertida, a bordo daquele brigue: pilherias, liba-ções frequentes, e risinhos esperanças, assim se passava o tempo! O negócio parecia tão claro, tão simples, tão fácil, para encurtar, era o que a gente sem cerimônias chama um bom negócio. Nós perguntávamos muitas vezes o que pescavam os outros bemaventurados, os salvadores regulares, os escafandristas de profissão, que haviam par-tido dois dias antes de nós, e torciam-nos de riso a ponto de nos doerem os quadris. Curiosa equipagem! Todos ofi-ciais e nem um marinheiro!

"Vivíamos todos juntos na cabine dos Sanders... E o escafandro, de pé em um canto, aguardava a sua vez de entrar em serviço. Havia certamente um que de cômico naquela enorme cabeça como seu olhar fixo, e o mais moço dos Sanders, que era de um chiste impagável, não perdia ocasião de se divertir com ele. Chamava-o Jimmy Olhos-Grandes, Jimmy Oculos, Jimmy Goggles, e falava-lhe como a um cristão; perguntava-lhe se era casado e como estavam de saúde a Sra. Goggles e os pequenos... Aquilo era de estourar de riso... E todos os dias bebíamos rum à saúde de Jimmy Goggles; tirava-se-lhe um dos olhos e deitava-se-lhe no interior um cálice cheio, de modo que, em vez do infecto cheiro de caoutchouc, ele adquiriu den-tro em pouco o perfume de um barril de rum. Nós íamos com todo o nosso vagar e, pobres patetas, mal suspeita-vamos o que nos esperava.

Como é de prever, não queríamos comprometer as nossas possibilidades de bom êxito indo com demasiada pressa. Levamos um dia inteiro a procurar com a sonda o lugar onde o "Pioneiro do Oceano" tinha sosso-brado, justamente entre dois picos de rochedos de cor cinzenta e viscosos, formados de pedra vulcânica, os quais mal se avistavam à superfície da água. Foi-nos preciso deitar a âncora a meia milha de distancia, para se obter uma posi-ção segura; depois disso houve uma renhida discussão para se saber quem ficaria de guarda a bordo. E o "Pioneiro" ali estava, exatamente no lugar onde tinha ido a pique, de maneira que se lhe via assas distintamente o alto dos mas-tros. Para pôr termo à discussão, ficou resolvido que todos tomariam lugar na chalupa. E, pois, sexta-feira, logo ao romper do dia, enverguei o escafandro.

"Que surpresa foi aquela! Estou a ver tudo aquilo como se estivesse presente... O dia principiava a despontar... Um local esquisito aquele... As pessoas daqui imaginam que nos trópicos não há semo praias bordadas de palmei-ras acariciadas pela brisa. Que ingenuidade! A enseada onde havíamos ancorado, por exemplo, em nada se asse-melhava a esse gênero de decoração. Não havia ali fragas ordinárias, solapadas pelas vagas, mas taludes arqueados, quais montes de cinza de grandes fornos, por baixo dos quais estendia-se um limo esverdeado, onde tufo de urzes emergiam em vários pontos. A superfície da água, vítrea, calma e clara, deixava avistar, sob o seu reflexo de um cinzento escuro e sujo, grandes algas de cor vermelha es-cura violenta, que se ostentavam sem um movimento, e através das quais apareciam peixes preguiçosos ou ligeiros. E, para além dos taludes e dos valados, trepava até o dorso da montanha uma floresta espessa, a partir da linha até onde tinham alcançado as lavas e as cinzas abrazadoras da última erupção. Do lado oposto, havia também uma flores-ta e, no meio, uma espécie de... de anfiteatro, onde o mar formava uma baía.

— Como já ficou dito, vinha o dia apenas despontando e a paisagem apresentava-se quase incolor. A não sermos nós, nem um único ser humano se avistava, tampouco uma embarcação qualquer, exceto o "Orgulho de Banya", o nosso brigue, ancorado ali, não longe de um grupo de rochedos, para o mar largo. Nem um único ser humano se avistava, — repetiu ele, e pareceu refletir alguns ins-tantes.

— Não sei de onde "eles" saíram, absolutamente. Sen-tiamo-nos em tão perfeita segurança, estávamos de tal modo convencidos de que nos achávamos sós, que o pobre Sanders mais moço principiara a cantar. Tinha eu enver-gado os despojos de Jimmy Goggles, menos o capacete, e todos avançávamos cautelosamente. "Devagar! — ordenou Always. — Ai está o mastro". Depois de ter deitado um olhar por cima da borda, empunhei o capacete e escapei de cair no momento em que Sanders senior virava de bordo. Quando acabaram de aparafusar os óculos do apa-relho, vendo que tudo estava pronto, fechei a válvula do

(Continua na pag. 46)





A BICICLETA NÃO FOI O FIM...

NO ANO DO SEU CENTENÁRIO, ESTAMOS EM VOGA DO QUE NUNCA — A DE
HOJE E A DO FUTURO, COM A CAMPAINHA ELÉTRICA

QUANDO surgiu o automóvel e, depois do automóvel, a motocicleta, ninguém deteve mais dúvidas em decretar para muito breve a morte da bicicleta, assim como se decretou a morte do teatro quando surgiu o cinema... Mas a verdade é que a bicicleta continuou mais firme do que nunca, até mesmo recebida pelos médicos como complemento indispensável às dietas para comer e emagrecer... Em 1939, a bicicleta completou cem anos. O centenário não foi festejado em razão da guerra. Mas, com a crise de combustível mesmo sem festejo algum, houve uma glorificação internacional da bicicleta. Toda gente que podia passou a andar de bicicleta... Nas nossas praias, ela tem um lugar ao lado da peteca e do "medecine ball".

Na Inglaterra, o centenário da bicicleta, que passou em branca nuvem, foi comemorado este ano, na pequena localidade de Dumfriesshire, na Escócia, onde nasceu esse veículo leve e prático, cujo combustível é a nossa gordura excedente...

A invenção da bicicleta é atribuída ao ferreiro Kirkpatrick MacMillan afirmando-se que a que ele construiu na sua oficina de Courthill Smithy, no distrito de Keir, foi a primeira até então conhecida. Como é de se supor, essa bicicleta estava muito longe de ser o objeto aperfeiçoado que é hoje: suas

rodas de ferro não eram dotadas de uma confortável sensação o percurso era muito mais duro e os pneus pneumáticos e nem mesmo de borracha, os pneus MacMillan levam a uma sensação de condução muito mais suave e silenciosa.

Mas é claro que deve ter existido



Em cima, à esquerda, duas crianças em bicicleta...; à direita, o momento em que se baixa: duas crianças que cedo cedo vão fazer o curso de preparatórios do ciclismo. No centro, uma Gilda em bicicleta com o pneu vazio... Em baixo, a pedalada no velocípede, que é o ponto de estacionamento da bicicleta.

Uma das salas exibe a Sala "Bicicletas" ressaltando as "técnicas" empregadas e modelando por Max Millán associando assim à invenção. Ambos eram alunos e se reuniram — e por isso deixaram de registrar o invento que possui a sua finalidade: desenvolver por meio do Brite. Assim que a bicicleta deu o "clic" e se acendeu, o Brite passou por algumas modificações numa exposição que fez com o espectador diante do chamado "Bicicleta do futuro". Essa nova máquina — construída especialmente para a exposição, — dá ao ciclista a possibilidade de acionar uma miniatura de rádio ao mesmo tempo que pedala, anunciar a sua aproximação tremendo uma campainha elétrica, frear com um simples toque do volante e operar luzes à frente e à rearguarda orientando um condutor. A nova bicicleta dispõe de um "cinturão" "contra ladrões" de tipo Yale e um "desacelerador invisível".





Hogarth — "A porta de Calais — ou a chegada do rosbife inglês".

A VIDA DE HOGARTH

Por Henry Thomas e Dana Lee Thomas

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA, com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

★

UNCA houve, na vida de uma nação, período tão favorável ao pincel de um artista como o século dezoito na "Alegre Inglaterra". Certamente William Hogarth teria sido o mestre da caricatura, em qualquer tempo em que tivesse vivido. Entretanto, a sociedade britânica da Restauração era a atmosfera por excelência para esse travesso retratista do riso, que restaurou a arte satírica, tirando-a da noite negra em que descera, desde os dias de Juvenal.

O pai de Hogarth era um escriba literário de vencimentos escassos. Muito relacionado em Grub Street e em Misery Mall, conhecia o círculo social de Gin Lane, e tinha conquistas em Southwark. Além disso, percebeu que seu filho William possuía um talento incomum para o desenho; e depois de uma instrução elementar fê-lo aprendiz de Ellis Gamble, o gravador de baixelas de prata, e marca "Anjo Dourado".

— Eu era observador, — escreveu Hogarth na velhice, referindo-se à sua mocidade. — A mimica bastante comum em todas as crianças, era notável em mim. Os espetáculos de todas as espécies davam-me um prazer invulgar.

Na verdade, o mundo inteiro parecia a Hogarth um enorme palco para um espetáculo de fantoches e os atores, títeres tremulando nos cordões do destino. Um mundo assim tornava-se uma revelação que chocava muitos de seus compatriotas ingleses, criados na dignificante noção de que a raça humana, e particularmente a raça anglo-saxônica fora, feita para algo melhor. Os solenes ingleses não gostavam de ser classificados com estúpidos títeres, divertimento de crianças, motivo de humor e ridículo para todos, menos para eles próprios. Segundo Hogarth, o enredo da existência humana não possuía nem mesmo a dignidade de uma leve ópera. Era uma cena de rua, cheia de poeira, teatralizada num pequeno fuzil. E todos

os uivos de alterações da turba não eram mais barulhentos que a rajada momentânea da chamazinha crepitante.

Quando rapaz, Hogarth não fez curso algum de arte acadêmica. Não tinha paciência de aprender a técnica de um desenho formal. Seus dedos galopavam para a caricatura. O humor natural não conhece credos de "aceitáveis" etiquetas. E o humor de Hogarth era inaceitável no sentido mais soberbo. Tornou-se ilustrador de romances. Gravou em cobre. E em 1733, aos trinta e seis anos, retirou a primeira brilhante pedra preciosa da caixa de tesouros de seu gênio.

★

Fez uma série de lâminas intituladas "A jornada de uma Cortesã" — cinco águas-fortes representando a queda e a morte de uma jovem da Inglaterra rural, que vem a Londres, e aí perde a virgindade, no processo de adaptar-se à vida urbana. Richard Steele escreveu um artigo, no "Spectator", de 1712, defendendo essa classe de moças, que tão inocentemente suprem os bordéis de Londres com várias de suas desgraçadas recrutas. Quando Hogarth, vinte anos mais tarde, reviveu esse tema manchado de lágrimas, não se deteve para indicar a moral nem se arvorou em pronunciar um julgamento sobre o resultado. Pintou simplesmente a lancinante história de maneira objetiva. Vários artistas contemporâneos seus, na Inglaterra faziam

a vida trabalhando como retratistas. Mas Hogarth decidiu procurar seu ganha-pão em qualquer outro ramo da arte.

— Gostaria, — escreveu ele, — de compor quadros e telas semelhantes a representações de teatro.

Estorçava-se para tratar o assunto à maneira de um dramaturgo. Desejava impor-se, não como artista, porém como um autor.

— Meu quadro é meu palco, e os homens e as mulheres são os meus atores, que por meio de certas ações e gestos devem exibir uma peça muda.

O objetivo de Hogarth era pintar, e não pregar. Entretanto, apesar disso, suas histórias não satisfazem unicamente à vista, mas excitam o espírito. Há livros em regatos que morrem, há sermões em pedras e há filosofia nas gravuras de Hogarth.

A primeira lâmina de "A jornada de uma Cortesã" é um prólogo eloquente do nascimento do pecado. A jovem de dezessete anos foi levada a Londres por seu pai. Acaba de apegar-se da carruagem no pátio de uma hospedaria. Uma obesa e bexiguenta alcoviteira a interroga e a persuade a aceitar um emprego como sua camareira. Nos degraus do pátio vê-se um homem gordo e de aparência prosa — o proprietário de uma cadeia de casas de prostituição. Está pronto a estender as mãos ávidas sobre ela. Um jovem petulante e intrometido olha de esquelha, lascivamente, a seu lado.

No quadro seguinte a moça já perdeu a castidade. Tornou-se amante de um judeu rico. Um único olhar para seu rosto nos mostra que já se tornou íntima da alegre senda de corrupção e engano. Está sentada em seu salão de recepções distraído um freqüente assíduo, no almoço. Mas exatamente poucos momentos antes de seu companheiro aparecer no local, estivera a divertir outro cavalheiro. Como desembaraçar-se do amante sem provocar uma cena? O quadro descreve a jovem com uma habilidade que

Na cena seguinte o judeu abandonou-a. Tornou-se amante de ladrões. Seu preço caiu ainda mais rapidamente do que sua virtude. Dos salões do rico foi arrastada para a sarjeta. Sua renda origina-se do saltadores de estrada; seus prejuízos financeiros são ocasionados pela penhora inesperada de alguns de seus bens. Qual é o resultado lógico desse tipo de vida senão a Prisão de Bridewell? Ela suporta horrores; a miséria está escrita em linhas fortes sobre seu rosto. Doença e morte seguem-se rapidamente. Na cena final, seus restos mortais estão colocados num esquife grosseiro de uma sala funerária. Há grupos de cardeais sentadas em várias atitudes pelo quarto. Muitas destas são pobres miseráveis, como ela própria. Metade delas ri exteriormente; todas elas riem interiormente; algumas fazem caretas e olha fixamente o cadáver. Algumas pegam a lâmpada de caixão e olha fixamente o cadáver. Algumas pessoas fingem gritar, com gestos exagerados de comédia. Em todo o quarto, não há uma lágrima autêntica, um simples sentimento de sinceridade. O pastor senta-se delicadamente em sua cadeira, numa atitude profissional de fingida tristeza no rosto. Sua esposa aperta as mãos e sorri com afecção.

Esta é, na verdade, uma grotesca cena fúnebre. Charles Lamb achou em suas próprias incongruências a essência de seu grande patético. Desde que as lágrimas são, quase sempre, um meio excessivamente superficial de expressar as profundas verdades da dor, Hogarth sonda mais fundo que o mero palavrear da tristeza. Raramente a ausência de sentimento tem sido melhor expressada do que nesta cena fúnebre. A insensibilidade das carpeideiras na presença da morte, a incapacidade das miseráveis desgraçadas sem sentir o verdadeiro pesar, revela, de início, como se fosse demonstrado cientificamente, que o corpo humano é constitucionalmente incapaz de abrigar uma alma. Tal descoberta faria mais do que ofender nossa moralidade; abalaria de suas bases o equilíbrio emocional de nossa própria identidade. E' o que precisamente desperta em nós o quadro de Hogarth. As carpeideiras não tinham coragem nem mesmo para ser sinceras em suas manifestações de insinceridade. Um homem que expressa um riso autêntico pode ser levado, na ocasião própria, a lágrimas autênticas. Mas as caretas, os sorrisos afetados, o gargalhar destas miseráveis são gestos externos que não têm relação alguma com qualquer sentimento interior. Entretanto, todas elas estão cientes de que o fim dessa prostituta será o fim delas próprias. A única pessoa no quarto que não está de modo algum consciente da tragédia, em seu âmago, é o filhinho da morta, que, completamente esquecido pelos circunstantes, senta-se junto ao caixão, no manto de uma carpeideira e brincha alegremente com um pião. Seu olhar infantil, acompanhando o pião, é o único sentimento autêntico expressado neste quartinho de morte. E' ele o único possuidor de um coração que sente. E o único salvo pela graça num grupo de condenados. Existe aqui patético bastante para desencadear uma torrente de lágrimas.

Pouco antes de publicar essas gravuras, Hogarth havia fugido com a filha de um nobre inglês. Sir James Thornhill renegou-os. Mas Lady Thornhill foi mais clemente. Comprou "A jornada de uma Cortesã" e pendurou as gravuras na sala de jantar. Quando o velho as viu, perguntou-lhe quem era o artista.

— Seu genro — replicou ela.

Em consequência, Thornhill abriu as portas ao "homem capaz de criar cenas como esta".

Como resultado desta série, Hogarth tornou-se famoso. Continuou-a com uma sequência que se intitulava "A jor-

nada de um Dissoluto⁶. Tom Boavida, na idade de dezanove anos, herda a fortuna do pai. De Oxford volta à casa onde lhe tomam as medidas para roupas de luto. No chão há pacotes promissórias e apólices, em desordem. Sacos de dinheiro aparecem nas gavetas. Os criados esquadriham cofres e caixas-fortes, correndo os dedos ágeis pelo escuro.

Na cena seguinte, Tom está vestido à última moda. Aparece no salão de recepções, rodeado de modistas, cabeleireiros, alfaiates e negociantes de arte, prontos para servi-lo. O mestre de música espera por ele para tomar-lhe a lição, no cravo, enquanto um pomposo músico executa algumas notas numa corneta francesa. Um professor de esgrima de Paris está brancando a espada no ar, enquanto um professor de ginástica de Londres apoia-se, carrancudo, a seu bastão de defesa.

A lâmina três encontra Tom numa taverna em Drury Lane, às três da madrugada. Seu cérebro está perturbado pela bebida. Uma "filha do prazer" instala-se em seus joelhos, coloca-lhe o chapéu na cabeça e limpa-lhe os bolsos. Outras prostitutas estão sentadas em várias mesas, procurando seduzir com seus encantos grande número de cavalheiros. Uma pequena meretriz arredondada desperse e vai dançar. Outra cortesã põe a chama de um castiçal num mapa que está pendurado à parede, diante dela, e encendeia o "mundo". Um cavalheiro bêbedo desafina as cordas de uma harpa, acompanhando uma mulher de meia idade, que cantarola uma canção de rua. É assim o capítulo terceiro da jornada de Tom Boa-vida.

De Drury Lane, Tom continua por St. James Street ao Court of Queen Caroline, onde está sendo comemorado o aniversário de Sua Majestade. Porém, quando tenta reunir-se aos festejos, é agarrado por um policial. Dissipou todo o dinheiro do pai e agora está crivado de dívidas. Uma jovem, a quem seduzira em dias mais prósperos, põe-se lealmente a seu lado, intercede junto ao policial e o salva da cadeia. Como prova de gratidão, Tom se casa com uma viúva zarolha, que tem um volumoso livro de cheques e rosto de feiticeira.

A lâmina quatro encontra a noiva e noivo unidos no altar. Ela se lança sobre ele, desdentada, com um olho de cobiça e astúcia, enquanto ele namora displicentemente a camareira. A Igreja é um prédio arruinado, cuja estrutura, meio coberta de teias de aranha, estala com estrepito. A pobre fiel moça que Tom seduzira, tenta subir para o altar, com uma criança ao colo, impedindo a realização do casamento. Mas o sacristão interfere estendendo um braço forte e solene. Da tranquilidade de seu casamento, Tom desce aos prazeres de uma casa de jogo. A lâmina cinco representa o moço sentado num antro de jogatina, rodeado de assassinos, saqueadores, ladrões e outros cavalheiros picarescos de roleta. Finalmente Tom acha-se na prisão de Flett Street — tendo sido novamente preso por dívidas. Desta vez, goza ainda a mais a felicidade de ter sua esposa a seu lado. De sua boca desdentada jorra uma catarata de injúrias.

A mudança da fisionomia do pobre Tom, quando passa de uma a outra dessas aventuras, é uma obra-prima de realismo sutil. No começo, quando vem de Oxford, para casa de seu pai, é a imagem da inocência alegre, porém incontaminada. Daí por diante o cinismo de vida lhe desfigura gradativamente as feições. Qual é o fim de todos esses castigos, o que está reservado ao pobre Tom, senão o Hospício? A cena final o descreve como um louco furioso, acorrentado ao chão. A moça que seduzira, e que no entanto lhe é ainda fiel, tenta acalmá-lo, de joelhos. Mas em vão. Ele reforça o tronco e sua boca espuma. A lâmina final é um horrível quadro do naufrágio da razão humana.

"A jornada de uma Cortezá" teve aceitação em muitos lares ingleses do século dezoito. As consequências do vício eram tão vivamente delineadas na história da moça pervertida que as mães puritanas conservavam a série de



William Hogarth, pintor da decadência da aristocracia.

gravuras na sala de estar, como constante advertência a suas filhas.

Mas a jornada de Tom Boa-vida jamais obteve a mesma notoriedade. Era inteiramente admissível expôr a roupa íntima de uma pobre menina do interior. Mas quando Hogarth foi buscar cheiros obscenos nas mansões da alta sociedade, esta acusou-o de ultrapassar os limites. O rico e o bem-nascido não gostaram da moral aflitiva esboçada por Hogarth das consequências da fortuna herdada. Julgaram Hogarth como um moralista, não como um pintor. Sómente alguns anos depois de sua morte, Charles Lamb conseguiu abrir os olhos da sociedade.

Charles Lamb comparou a cena do hospício do pobre Tom com as cenas de loucura do Rei Lear, de Shakespeare. A degradação do espírito que nada faz de bom no "Disso-tuna herdade. Julgaram Hogarth como um moralista, não é o mestre da gargalhada melancólica. Por que preocupar-se com a moral da lenta queda de Tom? O importante é que ele começou a vida como um ser humano e finalizou-a como alguma coisa bastante diferente. Perdeu a sensibilidade moral, o símbolo de sua humanidade. Se o mundo é um hospício, ninguém jamais o pintou com espírito tão verdadeiro como Hogarth. Os loucos são "o alimento perfeito" para os satíricos. São assuntos ideais para a tragédia. A morte, o sofrimento físico, o amor não correspondido — estes também são trágicos. Porém, a mais profunda tragédia da experiência humana é a perda da razão humana. Em Shakespeare a pedra fundamental do edifício da dor, a desgraça final das vidas miseráveis de seus grandes personagens trágicos, Lear, Lady Macbeth e Ofélia, é o fato de serem pintados em sua loucura. As ações desses espíritos taleantes, imbecis, estão muito além da sanidade das lágrimas. Sómente o mais amargo riso do sátiro mais sutil pode justificar a dor nobre. Os maiores sátiros são os maiores trágicos. A sátira era, particularmente, o forte de Hogarth. Henry Fielding, o romancista,

(Continua na pág. 47).

A direita : Hogarth — "O vestião da condessa". Da série "Marriage à la mode".

À esquerda: Hogarth — "Depois do Casamento". Da série "Marriage à la mode".



Livros

NOVOS

Por JOÃO LUSO

O BRASIL QUE OS POETAS CANTAM, seleção e dados bibliográficos por Edgard Rezende — Rio de Janeiro, 1946

O Sr. Edgard Rezende, a quem se devia o florilégio *O mais belo canto: os sileiros*, oferece agora aos amantes da poesia obra, a nosso ver, mais meritória.

Naquele primeiro empreendimento teve ele, mais ou menos bem orientados, vários predecessores; e, como se o preocupasse a condição quantitativa, incluiu na relação as melhores obras do gênero não poucas que, parece-nos, só mediante alguma condescendência podem ser consideradas boas. Esta nova antologia reclamava não só mais esforçada pesquisa como também mais cuidado na escolha. Havia liberdade quanto à forma, à técnica, mas a exclusividade do tema impunha, em muitos casos, longa procura para se encontrarem na produção de cada autor, as peças verdadeiramente dignas da causa inspiradora — e dele próprio. Frequentemente sucede aos poetas — porque o momento assim lho reclama; porque lhes foi dirigida uma solicitação das equivalentes a ordens soberanas; por qualquer outro motivo ou circunstância — terem de compor louvores, hinos, saudações que lhes não acodem espontaneamente ou, no conceito de um excelente artista do verso, "não querem ser feitos" naquela ocasião. Daí por força há de resultar certa inferioridade relativamente às criações realizadas em momentos oportunos, propícios isto é, quando elas queriam. E outra consequência, por assim dizer inevitável, é a repetição de certos ritmos, por exemplo: "História, memória, vitória, glória" que o leitor ou ouvinte já espera e que, por isso mesmo, perdem no seu efeito emotivo. Assim a tarefa do antologista comporta, para ser dignamente cumprida, várias e não pequenas dificuldades.

O Sr. Edgard Rezende não se limitou às obras de feição sentimental, as expansões da saudade, os ímpetos de orgulho pelo passado histórico ou pelo nascimento neste ou naquele torrão famoso; recorreu também aos motivos de paisagem, fortes e belas páginas descritivas, o culto do pitoresco, de todas as imagens e sugestões da Natureza. Aqui temos poesias conhecidíssimas mas que não podiam deixar de ser incluídas em tal conjunto: a *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias; *Terra do Brasil*, de D. Pedro de Alcântara; *Minha terra*, de Casimiro de Abreu; *Pátria*, de Olavo Bilac; *O meu Brasil*, de Olegário Mariano e outras páginas em que a nota patriótica assume particular e deveras superior eloquência; mas igualmente encontramos os quadros a que a linguagem poética deu a interpretação, a vida de grandeza e de formosura, capaz de guiar os pintores à procura e à conquista de novos elementos de composição, perspectiva, colorido, harmonia — e verdade: *O São Francisco*, de Castro Alves; *O Paraíba*, de Alberto de Oliveira; trechos de *Fugindo ao calveiro*, de Vicente de Carvalho; *Na floresta da Agia Negra*, de Martins Fontes; *Salto do Guaiaba*, de Emilio de Menezes; *A derrubada*, de Da Costa e Silva. E, por entre tantas realizações que o jornal, a livraria, os florilégios mesmos triunfalmente popularizaram, se nos deparam outras, bem menos conhecidas e no entanto merecedoras de larga divulgação. A esta categoria pertencem, no presente livro, os versos de feição belamente singular e impressionadora espontaneidade que se intitulam *Meu caboclo* e são da autoria de Junquillo Lourival.

O BRASIL QUE OS POETAS CANTAM

*Caboclo ligeiro, valente, cismado, tostado do sol,
Que és destro na flexa, no tiro, no laço, na rede e no anzol,
Caboclo que avanças na curva enganosa dos igarapés,
Que as onças ferozes, brincando intimidadas, caboclo, quem és?*

*Caboclo que, em cima de um pau de jangada, por mares além,
Navegas, cantando saudades profundas dos olhos de alguém,
Caboclo que afrontas dos mares bravios o duro revés,
Caboclo valente, suspira o teu nome, caboclo, quem és?*

*Caboclo que, em plena coxilha, distante dos pagos, ao luar,
Te soltas no lombo de um poltro rebelde, risonho, a cantar,
E danças o samba balido ao compasso dos teus próprios pés,
Caboclo, responde teu nome ligeiro, caboclo, quem és?*

*E o forte caboclo, filando o horizonte, responde viril:
Meu nome é o mais belo dos nomes do mundo: — Meu nome é Brasil!*

CATIMBO, romance nordestino de Sabino de Campos, com prefácio de Catulo da Paixão Cearense — Rio de Janeiro, 1946

O engenheiro agrônomo Belarmino Barbosa anda em excursão de serviço por terra do Nordeste. Acompanha-o, além do *chauffeur* do automóvel, um natural da região, Fausto de Tal grande conhecedor daquelas terras, da gente, das árvores, dos pássaros, de todas as tradições e costumes, dos adágios que denotam o bom senso ou a esperteza das gerações. O acaso de uma paragem na estrada os leva a entrar na casa de certa em pleno panorama silvestre, onde mora a Sra. Afra e sua filha Matilde, por abreviação carinhosa chamada Tilde. E' esta uma criaturinha dos seus dezoito anos, adorável de graça e de candura. O homem da cidade sente um encanto imprevisível, um sentimento de revelação e de maravilha ao contemplar aquela flor silvestre. E logo a flor se mostra enleada e lisonguada pela admiração de um senhor tão preparado e viajado, que veio do Rio de Janeiro e é doutor. Ambos obedecem a uma emoção de novidade, de surpresa que julgam tê-los possuído para sempre. E, por entre visitas de onde em onde, com incidentes leves e vagas aventuras, continua, de parte a parte, o amor. Mas, em rigorosa verdade não há amor. E', em ambos, pelos efeitos antagônicos do prestígio ilustre de Belarmino e da ingenuidade bucólica de Tilde, a mesma temporária ilusão. Ambos por fim se convencem de não terem sido feitos um para o outro. Segue cada qual seu destino. E, o de Tilde é unir-se a um conterrâneo, simples também, de quem foi "namorada" em criança e dê-se, sim, para a vida inteira.

O livro do Sr. Sabino de Campos, em que paralelamente, ao fio de imaginação, correm fatos reais da vida paraibana, da capital e da roça, vale principalmente como observação e reconstituição: aspectos da paisagem; histórias dolorosas ou risonhas, das que andam de boca e boca; lendas e superstições, como a prática do "catimbo" que vem a ser a "macumba" nordestina; joias e curiosidades de folklore — e tudo exposto por quem realmente viu, participou, sabe deversos. Os ritmos constituem um dos elementos

de real interesse, disseminados pela obra. São a filosofia, ora pessimista, ora bem humorada, sempre pitoresca, do tabaréu — Barriga cheia, pé no mundo. Quem não quer brigar com jacaré tira a cauda da água. Nunca vi arma disparar em mão de mulher. Quem trabalha de graça é relógio. Mulher tem juízo de camarão. Quem gosta de mim sou eu mesmo: caranguejo, por ser camarada, ficou sem pescoço. Quem faz carinho a homem é mulher ou barbeiro. Peixe não faz outra coisa senão tomar banho. Café e pimenta do reino são pretos mas ninguém passa e n' eles. Quem tem pena de angü não engorda cachorro. O pobre só descansa quando se planta ele com o olho pra cima. E tantos, tantos outros adágios ou sentenças que davam para se fazer um tratado de moral — ou um almanaque.

Uma pobre mulher perdida, contando um episódio da sua desventura, recorda que ao atravessar a feira do Tambiá, viu, entre outras frutas, legumes, cereais e artigos da indústria regional, "montes de abacaxis de três por um tostão; de jacas, de gerimuns, de bananas, de cocos, de milho verde, de batata coquinho, de inhame, cará, manião-caiana e melancia; os cacos de galinhas e perús; os cestos de ovos, de limão, de coentro, de rosários de coco catolé, e castanhas de cajú; os garajaus de rapadura simples, temperada e batida; os sacos abertos de fava, milho, arroz, batatinha de Esperança; amendoim, farinha fina de mandioca; crueira e massa de mandioca mole; os balaios de laranjas, mangas, graviolas, massa an lubas, guaiirús, pitombas, ingás, cajús, mangas, jatobás..." e isto por pouco menos de duas páginas.

Todo o livro é assim: flagrante, insistente, minucioso. Nunca, porém, chega a enfiar e nele realmente se aprendem bastantes coisas.

A ESTRADA DA AMARGURA, versos de Elóira Possólo Chacól — Rio de Janeiro, 1946

A Sra. Elóira Possólo Chacól converteu em estrada a clássica, sempre trilhada e decantada rua da amargura. Dilatou a imagem do sofrimento humano, tornando-a mais cruel e mais insistente. Alongou o caminho que todos percorremos para alcançar, seja a fortuna, o poder, a glória ou — o que parece mais simples mas se torna, entre todos os ideais, o mais longínquo e difícil — a felicidade. Quase todo o livro traduz uma ansia insatisfeita, uma luta sem repouso entre a perfeição sonhada e uma série de revêses e decepções. Em tudo isso, porém, deve haver principalmente, se não exclusivamente, um motivo para versos plásticamente formosos, com rimas sugestivamente musicais. Não vale isto assegurar, ou de leve insinuar, que falta a esta poesia a condição da sinceridade. Devia ser, com efeito, assim que a Sra. Possólo Chacól sentia quando, em b'ra num ambiente de serenidade e doçura, compoz a maior parte dos sonetos que figuram no presente volume. Fôra porém, desses momentos de criação literária, nada justificaria o estado de espírito correspondente a um longo percurso de martírio em pessoa evidentemente tão ditosa e tão digna de todos as venturas. A Sra. Possólo Chacól fez a sua carreira de artista através de meia dúzia de livros recebidos, todos eles, com especiais homenagens da crítica e do público leitor; exerce alta e brilhante situação no magisterio a que se dedicou por vocação verdadeira; ocupa na sociedade outro lugar invejável. Que mais poderia existir na sua ambição para a sorte, os fados terem o mau gosto de lhe negar? Se a não devessêmos condescender sobretudo uma poetiza, ser-nos-ia lícito aplicar-lhe a frase do criado do grande Jacinto, dizendo que o amo "sofria de fartura" ou a comparação popular, bem mais lírica em todo caso, da noiva que chora de contente.

Eis uma das mais tristes e também mais belas páginas do livro:

*De tanta realidade e vida enchi meu sonho,
De tanto sonho enchi, da vida, a realidade,
Que, às vezes, já não sei e a dúvida me invade,
Se estou mesmo a viver ou se assim me supponho.*

*Se a vida me castiga, a minha alma se evade,
Numa doce volúpia em procura do sonho.
Se o sonho me maltrata, a vida me transponho,
E sem hesitação abraço a realidade.*

*Vida e sonho, porém, às vezes, num secreto
Ajuste, contra mim, investem, de mãos dadas,
E ao pobre coração, visando-me direto,*

*Cravam-me dos punhais, as pontas aguçadas!
E de alma agonizante e coração afeto,
Sou mais uma a contar entre as desventuradas!*

RECEBEMOS:

Aventuras de Malazarte, nova edição do livro para crianças adaptado por Jorge de Lima e Matheos de Lima. Editora "A Noite". Rio de Janeiro, 1946

Fernando de Noronha, nova edição da alta reportagem de Amorim Netto. Editora "A Noite". — Rio de Janeiro. — 1946

O culto da Bandeira, conferência de Coryntho da Fonseca lida aos alunos da Escola Souza Aguiar e com prefácio de Francisco Agenor de Noronha Santos. — Rio de Janeiro. — 1946

SABINO DE CAMPOS

Catimbo

ROMANCE NORDESTINO



a ser a "macumba" nordestina; joias e curiosidades de folklore — e tudo exposto por quem realmente viu, participou, sabe deversos. Os ritmos constituem um dos elementos

hu-
quer
ber,
nim
inho
Café
ngu
na-
o de

urda
reais
de
cará,
mão,
sim-
ença:
s de
nga-

en-

46

da e
do-a
nçar,
entre
aduz
série
exclu-
ente
licão
ndo,
que
nada
o em
naoúl
com
o no
ugar
mau
os-ia
e far-
a de

ginas

ge de

litor

escola
e Ja-



Constance Moore, artista da Republic, e intérprete de "Mexicana", tem uma pele adorável, que faz inveja a muita gente em Hollywood.

NÃO há quem não deseje obter uma pele macia, limpa, sem póros abertos, cravos ou ainda rugas prematuras. Não existe mulher que não sonhe com isso e, no entanto, poucas são as que verdadeiramente sabem como consegui-lo! A maioria se limita a usar um creme que uma amiguinha tenha recomendado, outras simplesmente nada fazem por acharem que "é assim mesmo", e outras se lamentam, mas não tomam iniciativa alguma, e outras ainda querem fazer qualquer coisa, mas não sabem o que fazer...

Para todas elas e principalmente para as últimas resolvemos dar hoje algumas orientações sobre os cuidados com a pele.

O primeiro passo é a limpeza; à noite, antes de deitar-se, prenda os cabelos com uma fita e dê início à operação: aplique um bom creme de limpeza (escolha sempre os melhores produtos) do couro para cima até sob o queixo, e depois o rosto, sempre em movimento ascendente. Os cantos da boca e do nariz merecem cuidados especiais. Espalhe bem o creme (faça-o com seus próprios dedos), remova-o com água e sabão. A água deverá ser quente a princípio, passará à morna e finalmente fria. Isto auxilia a circulação.

O sabão deverá ser escolhido de acordo com a sua pele; oleoso se ela for seca, e seco se ela for oleosa. Limpe a pele, vem a "tonificação". Esta é feita com um bom tônico aplicado numa compressa de algodão já humedecida em água fria. Não use o tônico puro, e também não use adstringentes fortes, que só tendem a ressecar a pele.

Com a compressa, dê rápidas pancadas no pescoço e no rosto, atingindo bem os cantos da boca, do nariz, dos olhos, da testa, etc.

NOS BASTIDORES FEMININOS

Tonificada a pele, vem a "lubrificação". O creme lubrificante deve ser rico em óleos e vitaminas e é uma necessidade para as peles secas e sensíveis, e para evitar as rugas, quando já se passou dos trinta anos. Aplique-o sem exageros, fazendo leve pressão com os dedos, afim de que ele penetre bem.

Ao redor dos olhos, onde a pele é muito mais sensível, deve-se usar um outro creme mais fino. (Existem cremes especiais para os olhos).

Terminada a "lubrificação", todo o excesso deve ser removido, deixando-se apenas uma imperceptível camada que poderá permanecer durante a noite toda. Um ponto importantíssimo é nunca deitar-se sem que antes se tenha feito pelo menos a limpeza da pele.

E assim, está pronto o tratamento noturno. A mesma coisa poderá ser feita pela manhã, aplicando-se a "base" depois de removido o "lubrificador". A "base" deverá ser da tonalidade exata da pele, para evitar esse aspecto artificial que tanto vulgariza a mulher.

Com esse tratamento, dificilmente você terá uma pele feia.

KITTY

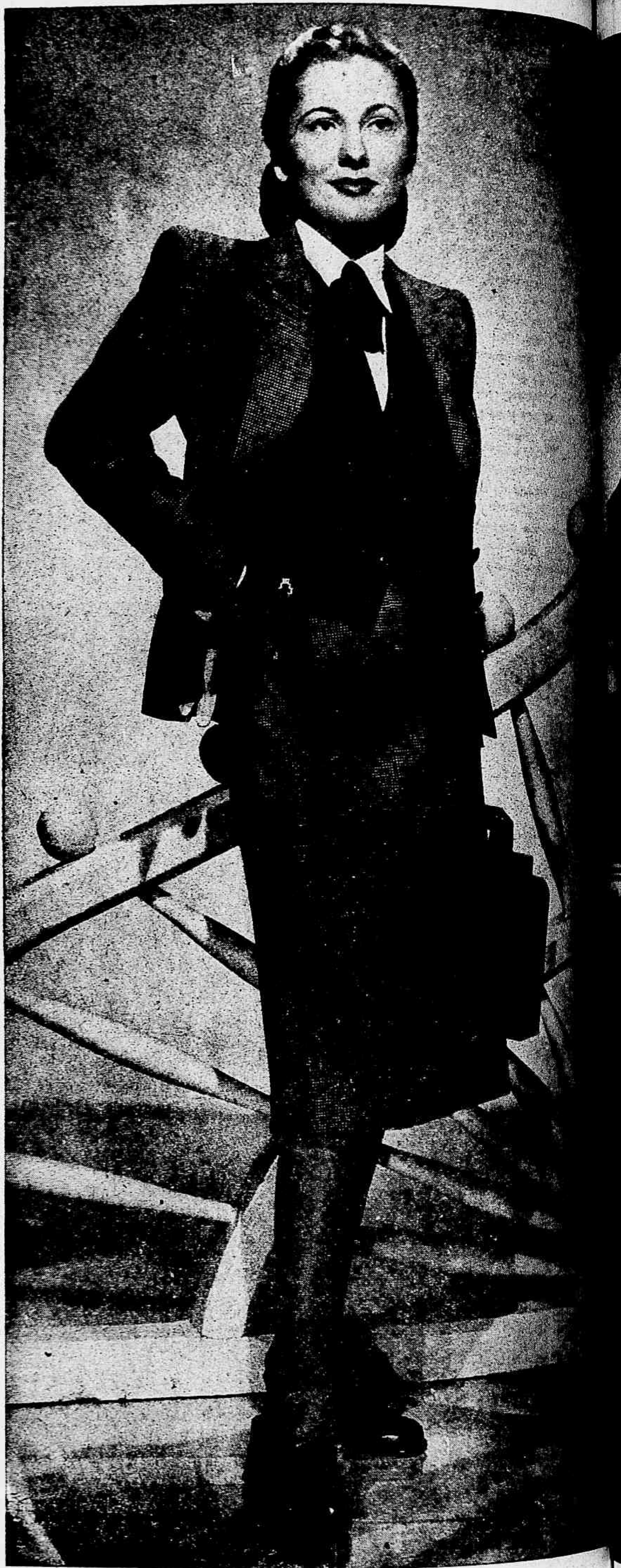


DE VERÃO

NESTAS páginas, apresentamos às nossas leitoras, algumas sugestões de modelos para o verão. São todos de fácil confecção e de excelente efeito. Na página ao lado: Uma sugestão de Alexis Smith. Desta vez, é um modelo bastante gracioso, em tecido listrado preto e branco. A blusa é feita com as listras em sentido horizontal, com uma tira vertical na frente, com botões de pérola.

A saia é em sentido vertical, franzida, com uma larga barra em sentido contrário. Agora, Ann Sheridan, também da Warner Bros, apresenta original "toilette" composta de saia de tropical preta e blusa "chemisier" de seda preta. Gravata branca com ramagens em cores vivas. Em baixo à esquerda: "Duas-peças" de linho estampado beige e havana. Vies de gorgurão havana no casaco e na barra da saia. Modelo de Alexis Smith, da Warner Bros. À direita: Outro modelo de Alexis Smith, este em seda verde, mangas compridas ajustadas com punhos. Cintura franzida com elástico, grandes bolsos na saia e botões em toda a sua extensão.





Laureen Bacall, a sensacional "estrela" da Warner Bros, aparece aqui com interessante sugestão para os dias mais agradáveis do verão. É uma saia tropical havana, "godet", com grandes bolsos, e uma blusa em feitiço de "sweater" de listras azuis, vermelhas, cor de ouro e marron. Originalíssima bolsa de couro. Para uma fria

manhã de suas férias nas montanhas, Joan Fontaine sugere este discreto modelo em lã quadriculada. Joan Winfield, da Warner Bros, diz

MODELOS



que é necessário usar a inteligência na escolha
de um guarda-roupa. Há vestidos, diz ela, que
podem prestar à diversos fins. O que aqui

S ELEGANTES

veremos, por exemplo, em seda preta estampada
com cerejas vermelhas e taças brancas, é um
vestido elegante para ser usado à tarde. A
blusa tem transpasse na frente e da cintura sai
uma "basque" que se alonga atrás até a barra
da saia. Este mesmo interessante modelo pode
também ser transformado em um lindo "habille".





PARA as noites de gala, a moda é apurada e versátil. Vê-se de tudo: saia ampla, saia justa, corpos colantes, corpos drapeados, preto, branco, simples e complicados, tudo enfim é tentado afim de que a mulher possa aparecer cada vez mais sedutora e atraente. De Hollywood nos chegaram estes modelos que as nossas leitoras por certo saberão apreciar:

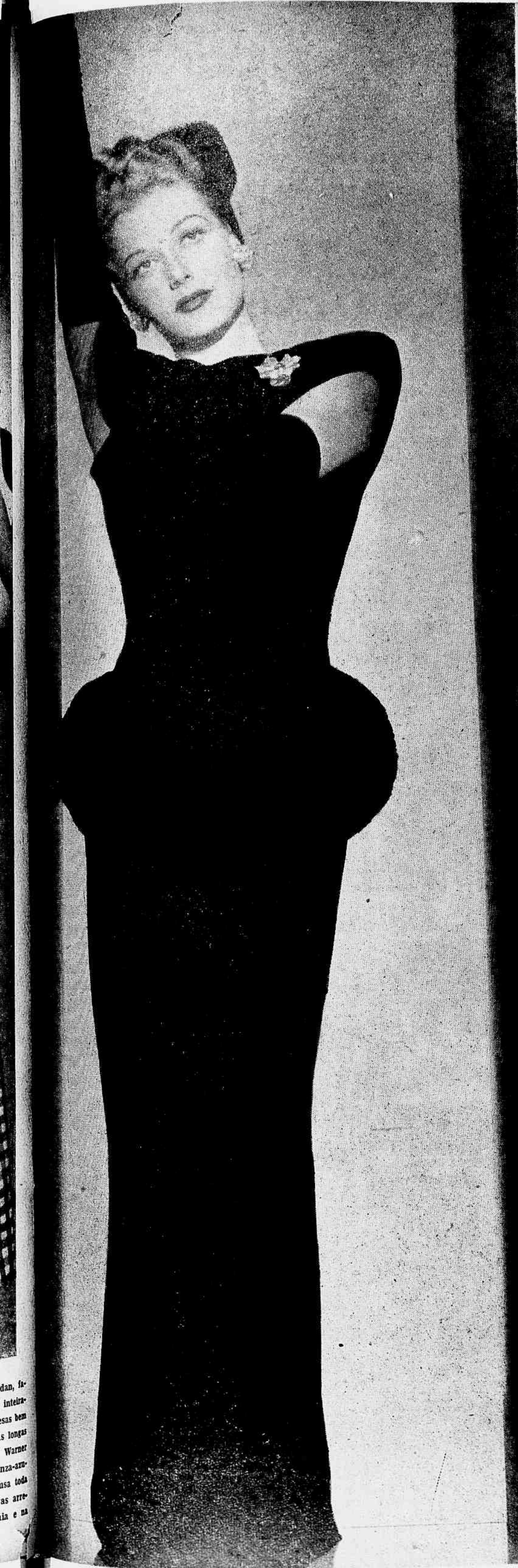
Primeiramente temos Glória Graham, da R.K.O., exibindo um audacioso modelo em seda branca, com largo cinto de veludo negro com enfeites multicores. Agora é

Kathryn Grayson da M. G. M. que apresenta este modelo para a noite em "faille" preto e seda quadriculada preta e verde. A gola é esportiva, com gravata do tecido quadriculado. Saia bastante franzida. Na página à direita: Sen-

sacional, sem dúvida, este modelo de Ann Sheridan, famosa "estrela" da Warner Bros. E' em seda preta, inteiramente ajustado ao corpo, talhe alto, mangas japonesas bem curtas. Ao redor dos quadris, pele de lontra. Luvas longas de cetim preto. Barbara Stanwyck, também da Warner Bros, apresenta um admirável modelo de seda cinza-azulado, com mangas "raglan", decote redondo e blusa toda bordada de missangas. Grosso cordão de missangas arre-mata o decote. Cinturão largo e franzidos na saia e na blusa.

G A L A

dan, fa-
inteira-
esas bem
s longas
Warner
nza-aro-
usa toda
as arre-
ia e na





VESTIDOS LIGEIRO

A esquerda : Em rayon listrado azul, vermelho e branco, é feito este gracioso modelo. Blusa com decote em "V" e mangas japonesas. Saia "godet" com as listras em diagonal. Ao alto, à esquerda, gracioso este modelinho em "piqué" branco com enfeites na gola e na saia, de bordado inglês. Mangas japonesas, saia abotoada na frente. Em baixo, à direita, modelo de Jacques Costet, em rayon listrado vermelho e branco ou azul e branco. Saia franzida com bolsos embutidos. Finalmente dois lindos modelos, o primeiro, uma saia branca franzida, com blusa de tecido quadriculado vermelho e branco. Decote redondo e franzido, mangas folas, e o segundo, "duas-pegas" em "piqué" branco, jaqueta ajustada, sem gola. Botões de madeira. Saia com pregas na frente.

VESTIDOS LIGEIRO

À esquerda: Em rayon listrado azul, vermelho e branco, é feito este gracioso modelo. Blusa com decote em "V" e mangas japonesas. Saia "godet" com as listras em diagonal. Ao alto, à esquerda, gracioso este modelinho em "piqué" branco com enfeites na gola e na saia, de bordado inglês. Mangas japonesas, saia abotoada na frente. Em baixo, à direita, modelo de Jacques Costet, em rayon listrado vermelho e branco ou azul e branco. Saia franzida com bolsos embutidos. Finalmente dois lindos modelos, o primeiro, uma saia branca franzida, com blusa de tecido quadriculado vermelho e branco. Decote redondo e franzido, mangas folgas, e o segundo, "duas-pegas" em "piqué" branco, jaqueta ajustada, sem gola. Botões de madeira. Saia com pregas na frente.





LEDA MARINA MARCHESINI

REALIZOU-SE no dia 8 do corrente, o enlace matrimonial da senhorita Lêda Marina Marchesini, filha da Exma. Condessa Pereira Carneiro e enteada do Conde Pereira Carneiro, diretor-presidente do "Jornal do Brasil", com o Sr. Manoel Francisco do Nascimento Brito, filho do Dr. José do Nascimento Brito e de D. Amy Avegno do Nascimento Brito, já falecida.



Os nubentes, pelas suas brilhantes qualidades de espírito, pelo esmero de sua educação, pela finura de sua linha moral e pelas tradições das famílias a que pertencem, ambas ilustres e dignas pelos valores que têm dado ao País e virtudes cristãs que cultivam de geração a geração, transformaram essa so-



lenidade nupcial num acontecimento de excepcional relevo na alta sociedade carioca, que prima pela nota de elegância, de gosto e distinção.

A cerimônia religiosa foi efetuada na Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, às 17,30 horas, tendo



MANOEL FRANCISCO DO NASCIMENTO BRITO

sião oficiada por Monsenhor Henrique Magalhães. Serviram como paraninfos, por parte da noiva, a viúva Dunshee de Abranches e o Conde Pereira Carneiro, e por parte do noivo o Ministro Jaime



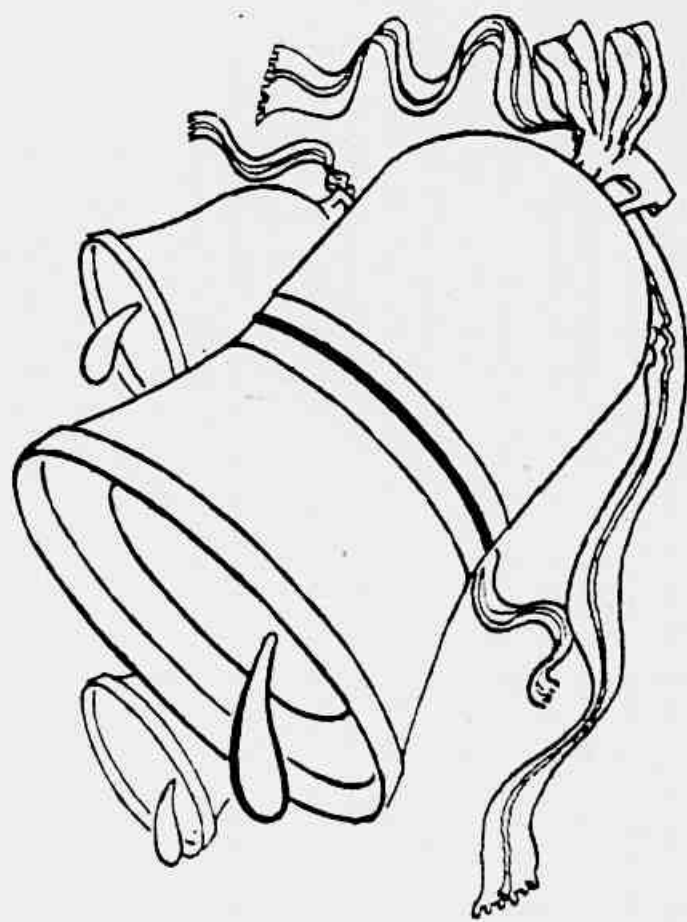
Nascimento Brito e D. Margarida Brito, representando o Ministro Otavio Nascimento Brito e senhora, que se encontram em Washington. O ato civil foi realizado no dia 7 na residência dos



Condes Pereira Carneiro, à rua General Dionisio 53, servindo como testemunhas, por parte da noiva, o Dr. José do Nascimento Brito e a senhora Carlos Abreu, e pelo noivo, o Dr. José Pires do Rio e a Exma. Condessa Pereira Carneiro.

Após a cerimônia religiosa, os Condes Pereira Carneiro ofereceram uma brilhante recepção à sociedade carioca. Estampamos nestas páginas os seguintes

aspectos colhidos durante as solenidades deste acontecimento social : A noiva ao entrar na igreja, conduzida pelo Conde Pereira Carneiro. Os nubentes quando partiam o magnífico bolo de núpcias. Monsenhor Henrique Magalhães quando fazia a leitura do compromisso nupcial. Os noivos posando para a reportagem fotográfica. Flagrante colhido por ocasião da bênção nupcial. Os nubentes num instantâneo feito após a cerimônia religiosa.



A deificação de Jimmy Goggles

(Continuação da pág. 29)

meu cinto de ar afim de facilitar a minha descida, e saltel por cima da borda, com os pés para baixo, porque não tínhamos escada. Vi a barca baloiçar-se violentamente e todas as cabeças inclinarem-se, enquanto a minha afundava no meio das algas e da escuridão. Suponho que ninguém, nem mesmo o indivíduo mais desconfiado do mundo, teria tomado a precaução de vigiar as cercanias. A solidão era ali mais que evidente.

"E' desnecessário dizer-lhes que eu era um escafandrista bisonho. Nenhum de entré nós tinha feito o tirocinio de mergulhador. Tivemos até que aprender às apalpadelas a maneira de nos utilizarmos do aparelho, e era a primeira vez que eu descia às profundidades do mar. Que sensação abominável! Os ouvidos zumbem horrivelmente! Não sei se já lhes aconteceu magoarem-se ao bocejarem ou espirrarem, pois bem! o mergulhador sente esse mesmo efeito, mas dez vezes pior. Por cima dos olhos, uma dor lancinante, e na cabeça um peso de enxaqueca. A sensação não é melhor nem nos pulmões, nem no resto do corpo. A princípio, é como quando um ascensor principia a descer, a diferença é que aquilo não cessa. Além disso, não se pôde levantar a cabeça para ver o que se passa lá em cima, nem tão pouco abaixá-la para deitar uma olhadela aos pés, sem se dobrar o corpo com um movimento penoso em extremo. A proporção que se vai descendo, a escuridão vai aumentando, notando-se que a cinza e o lodo do fundo são negros. E' por assim dizer, o mesmo que deixar a aurora para entrar na noite.

"O mastro surgiu das trevas como um espectro; depois foi um bando de peixes; mais adiante, uma camada de algas vermelhas, e por fim, após um choque violento, senti-me de pé sobre o tombadilho do "Pioneiro do Oceano". A minha chegada, os peixes que se estavam regalandos sobre os cadáveres, espalharam-se em volta de mim, como, no verão, um enxame de moscas sobre um monturo em meio da estrada. Voltei a válvula do ar comprimido, pois o meu vestuário estava um pouco pesado, apesar de tudo, e, não obstante os cálices de rum, o cheiro de caoutchouc persistia. Fiquei um momento imóvel, tentando recobrar alento, e, graças à frescura que fazia lá em baixo, o meu entorpecimento dissipou-se.

"Logo que me senti melhor, principi a olhar tudo o que me rodeava. Era um espetáculo extraordinário, alumado por uma extraordinária luz, uma espécie de crepúsculo avermelhado, cuja causa eram os reflexos das longas algas que subiam em linha reta de cada lado do

navio. No alto, por cima da minha cabeça, apenas eu entrevia uma toalha de um cinzento azulado, profundo e confuso. O tombadilho, salvo uma ligeira inclinação para estibordo, achava-se a prumo; estreito e negro, sem outros obstáculos que não os fragmentos de mastros quebrados, pelo choque de encontro do recife, ele estendia-se, entre a dupla parede de algas, até o castelo de prôa indistinto em meio às profundas trevas. Não vi cadáveres em parte alguma; segundo supuz, eles deviam ter sido envoltos pelas águas; mas pouco depois, descobri dois esqueletos nas cabines dos passageiros. Era para mim uma sensação curiosa achar-me novamente sobre aquele tombadilho, reconhecer-lhe os detalhes, os objetos um a um; tornar a achar o lugar junto ao corrimão das trincheiras, onde eu gostava de ir fumar à luz das estrelas, o canto onde um solteirão embarcado em Sydney fazia a corte a uma viuva que nós tínhamos a bordo como passageira. Um mês atrás, formavam um casal feliz, e agora, não se lhes poderia rapar da carcassa uma quantidade de carne suficiente para a refeição de um caranguejo recém-nascido.

"Tive sempre o espírito inclinado à filosofia, e não me admiraria sobre que consagrei uns cinco minutos a essas reflexões, antes de descer ao armazém onde estava calafetado o precioso pó. Foi um trabalho moroso, quase todo feito às palpadelas, pois a escuridão era ali completa, não obstante o raio de luz azulada que descia pela escotilha, e só servia para tornar ainda maior a confusão. Além do mais, eu sentia moverem-se cousas ao redor de mim, ora uma pancada contra os vidros que me protegiam os olhos, ora um beliscão na perna: caranguejos provavelmente.

"Empurrei com o pé um amontoado de cousas que se moviam e cuja presença me intrigava, e, abaixando-me, apanhei uma espécie de bengala cheia de nós, guarnecida de longas pontas; querem saber o que aquilo era? Uma espinha dorsal! Nunca, porém, senti um pendor particular pela anatomia... Always tinha-me indicado o lugar exato onde o pó havia sido depositado, pois não raro tínhamos conversado seriamente a respeito da expedição, e não tardei a descobri-lo. Ergui uma das caixas por um lado, até a altura de duas a três polegadas pelo menos.

Ele interrompeu a sua narração durante alguns instantes.

— Sim, — prosseguiu depois, — sim, ergui o tesouro até essa altura! O valor de quarenta mil libras esterlinas em ouro puro! "Ouro!" exclamei dentro do meu capacete, à guisa de hurrah, o que, me fez muita dor nos ouvidos. Depois também a fadiga e aquele horrível entorpecimento reapareceram... Havia uns vinte e cinco minutos que eu estava no fundo e pensei que era o bastante por aquela vez. Tornei à escada e, no momento em que os meus olhos

se achavam rentes com o tombadilho, um colossal caranguejo deu uma espécie de salto convulsivo e abalou correndo de lado. Palavra que tive um sobressalto! Achei a válvula posterior do capacete afim de deixar que o ar se acumulasse novamente para me ser possível subir, quando me pareceu perceber um ruído, como se tivessem batido na água com um remo; não levantei porém a cabeça pensando que aquilo era o sinal que me davam para que subisse.

"Então, uma coisa qualquer passou-me diante dos olhos, uma coisa qualquer que vinha caindo e ficou espetado no chão. Olhei e avistei a longa face que por várias vezes vi na mão de Sanders mais moço. Deixou-me cair de bordo, disse de mim para mim, e mentalmente dirigiu-lhe uma série de epítetos qualificativos, pois corri o risco de ser atingido pelo maldito instrumento; não tinha ainda acabado, quando me senti suspenso e tornando a subir para a claridade. Na altura das vergas grandes do "Pioneiro", dei violentamente em cheio contra o que quer que fosse que vinha descendo, e uma bota veio bater na frente do meu capacete; vejo então uns membros debaterem-se em confusão e furiosamente e sinto pesar-me sobre a cabeça uma grande massa pululante e giratória. Eu teria podido acreditar que se tratava de um enorme polvo que me vinha atacar, se não tivesse distinguido perfeitamente a bota; e os polvos ainda não adotaram o nosso gênero de calçado. Naturalmente, tudo isto se passou em um abrir e fechar de olhos. Tive a impressão de tornar a descer, em sentido transversal, na direção do fundo, e agitei os braços em redor de mim para manter-me em equilíbrio; só assim me desembaracei daquele estorvo. A massa rolou entre as algas e de um jato, subi novamente para a superfície...

Quedou-se um instante pensativo.

— Por cima de um ombro preto e descoberto, entrei o rosto de Sanders mais moço. Uma zagaia atravessava-lhe o pescoço de lado a lado; da ferida e da boca escapavam-se uns como que pequenos jatos de fumaça rósea que se desfaziam na água. Agarrados um ao outro, os dois combatentes desciam precipitadamente, girando sobre si mesmos, em estado por demais lastimoso para deixar escapar a presa. No mesmo momento, com um choque capaz de o aachatar, o meu capacete foi de encontro à quilha de uma embarcação inimiga. Eram negros! Duas canoas cheias!

"Não faltava animação à cena. Always, trespassado por três zagaia, deixava-se cair de cima da borda. Na água, ao redor de mim vários negros esperneavam desesperadamente. Não me era possível distinguir grande coisa, mas

(Continuação da pág. 32)



OS FAMOSOS PRODUTOS DE HATTIE CARNEGIE NUM GRANDE "BROADCASTING"

A CIVIA S/A, que vem de importar para este país os famosos perfumes e produtos de beleza Hattie Carnegie, de tanta tradição nos meios femininos europeus e americanos, organizou um grande "broadcasting", que tem despertado invulgar interesse no público carioca. Trata-se de uma série de transmissões especiais, feitas às terças e quintas-feiras, diretamente do Golden Room do Copacabana Palace Hotel, constando de músicas executadas pelas magníficas orquestras que ali atuam. As transmissões, em ondas médias, longas e curtas para o Brasil, a América e o mundo, estão a cargo da Rádio Tamoio e da Rádio Tupi do Rio de Janeiro, que assim reúnem, não só um programa, músicas vibrantes e alegres, irradiadas para o mundo elegante brasileiro num dos mais distintos e seletos ambientes desta Capital. Este programa representa uma mensagem delicada à mulher brasileira com a notícia dos produtos Hattie Carnegie, agora colocados à sua disposição nas principais perfumarias.

As fotografias que aqui estampamos foram colhidas pela nossa objetiva, por ocasião do maravilhoso programa de estréia.



CANCER

DRS. FORTES & AZUL

L. B. Itapetininga, 159 — Fone 3-6394 — São Paulo

A VIDA DE HOGARTH

(Continuação da página 33)

estudou de seu amigo "Uma e encenou-se Sr. Hogarth como um dos mais velhos sempre presentes por qualquer época".

Hogarth continuou a descrever a sociedade inglesa. Uma vez, experimentou sua habilidade nesse grande estudo dos quadros históricos, na qual os artistas seus contemporâneos estavam tão absorvidos. Pintou "Um Bom Samaritano", com figuras de sete pés de altura e ceteros de uma associação de caridade. Ninguém mais o queria. De uma associação de caridade não era capaz de pintar a maneira um modo ou de outro não era capaz de pintar a maneira acadêmica de salão da época. Sua personalidade nunca se contentava com uma coisa quando tinha oportunidade de temperar seu sentimento com um riso. Hogarth tinha um desprezo cordial pelo "feminismo" da pintura, especialmente pelo da França. Olhava com igual desdém para os negociantes ingleses de arte que imperavam nesses meios de Cristo morto. Sagradas Famílias Madonas... Se um homem, naturalmente um crítico de pintura, apreciasse alguma daquelas pretensas obras-primas poderia imitar o seguinte dizer:

— Sr. Fancista, esta Grande Vênus (como o Sr. a chama) não tem beleza para sua sala. Pintou um quadro chamado "O Auditorio Adormecido". O pregador se dirige aos seus paroquianos num inocente e oportuno gaguejar. O auditorio cochila — todos menos o sacristão que, sentado soenemente do pé do púlpito reparte um bocejo e olha de esguelha, obviamente, para uma moça adormecida, num banco vizinho. Na igreja abaixo, a moça desabou o casaco, deixando descoberto uma parte generosa de seu seio. Suas mãos caíram inadvertidamente sobre o livro de rezas, em seus joelhos descansando na parte do texto que começa com as palavras — do Matrimônio.

E pintou um retrato de "Um Poeta Desgraçado" — um pobre e faminto miserável. — numa agitação de Grub Street, que se levanta arrepiado pela má-ruína, a fim de compor um poema sobre a "Vaidade dos Ricos", para seu abastado patrão. O poeta acabou o prologo de sua composição, e tortura o cérebro, procurando novas idéias. Atrás dele, na parede, está pendurado um mapa gravado com o título — "Uma Vista das Minas de Ouro do Peru". O vento assobia através de uma vitralha quebrada. Uma criança acorda em seu berço e começa a berrar. Um cachorro devasta um prato que contém a miserável refeição da família. O leiteiro abre a porta e grida, injuriando, que o leite deve ser pago imediatamente. No fundo está sentada a esposa do poeta "a mais doce mulher jamais desenhada por Hogarth", tricotando roupas para seu marido, com um sorriso de infinita paciência no rosto. Que tristes lembranças autobiográficas esse quadro não deve ter despertado no poeta Oliver Goldsmith, que não teve nem mesmo o consolo de uma esposa.

★

Em 1745, Quando Hogarth tinha quarenta e seis anos de idade, pintou sua obra-prima. Sua longa vida de penitentes observações e seu talento para atingir o alvo de maneira completa e inclemente, com as pontas da sátira, trouxe finalmente sua colheita completa numa série de quadros intitulada "Marriage à la Mode". Uma descrição em prosa desta série, mesmo que não consiga lhe fazer justiça, pode contudo, ser mais eficaz do que outro possível comentário. A série representa, como Hogarth propôs, "Uma Variedade de Acontecimentos Modernos na Alta-Roda".

A cena número um é um contrato de casamento. Um conde velho e gordo com um pé goteiro enfiado em ataduras, dirige-se entusiasmado a um lívido e espalhafatoso comerciante de Londres, que segura na mão um documento endossando "O Ajuste de Casamento do Mxi Nobre e Honrado Lord Visconde Esbanja-campos". O conde tem a seus pés um mapa que mostra a árvore genealógica dos Esbanja-campos, e aponta para ele, enquanto discute sobre sua linhagem com animação. Um terceiro cavalheiro está entre as duas partes contraentes. Oferece na mão uma hipoteca para assinatura do conde. Mas olha o rapazinho amoroso unido de maneira tão romântica. A filha do negociante e o filho do conde sentam-se discretamente ao fundo da sala. A moça, vestida em sua toilette de noiva, gira displicentemente entre os dedos distraídos, um delicado lenço, no qual enfiou a aliança. Inclina-se ligeiramente para a direita, ouvindo os murmúrios melosos do padrinho, o Conselheiro Língua-de-prata. O futuro noivo, como o leitor gostaria de contemplar, sentar-se próximo a

ela. Usa uma peruca seriamente enfeitada, amarrada a uma coroa por uma coroa real. Segura uma caixa esbelta de tabaco e amassado de cigarros, com um olhar de regularidade. Em frente do conde está um pequeno e seu caso a encimando um garço — está lá para garantir a manutenção do conde por dois dias. O conde ser chamado de algum lugar no quarto e um velho advogado que se assenta para o grupo. Uma bela mulher com um olhar de amor desce as escadas de um prédio de cinco andares da rua. O conde e o advogado e uma nova comitiva de seus dependentes da época. Na parede está pendurado um retrato de retrato quando a mulher transita de um dos anseios de conde que aparece de pernas abertas na sala como um deus. Em baixo um canhão explode. Em cima um cometa se eleva. Sua cabeça está coberta com uma elegante cabeleira Rainha Ana e mancha um nariz de Jupiter como nos mitos e uma espada Rainha Ana na cintura. Nada parece inusitado. O teto está coberto por um painel de um Farol no mar Vermelho. Uma escultura de bronze num lustre, elha, harmonizada a transição nupcial.

A segunda cena tem lugar algum tempo depois dos rituais do casamento e do conde haverem alimentado sua justiça, através dos corpos de seus filhos. A transição não foi um completo sucesso. Somos introduzidos no salão de recepções do jovem casal. Por um relâmpago na lareira vemos que já passa de uma hora da tarde. Mas o dono da casa

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX

produto de laboratório da GUARANIDINA

uma não se restabelece dos efeitos de uma festa que teve lugar na noite anterior. As veias se enrijecem nos ombrelhões. O mobiliário fica todo amontado no quarto e um modo boia, amontado de novo, nos lugares convenientes. Cansas de banhos estão espalhadas pelas paredes. Das vitralhas e tribos de madeira caem no chão pedras. A filha do conde, nessa ocasião da cena anterior, acaba de despertar dos efeitos das bebidas. Sentase à mesa de chá, perto do fogo e esconde os braços estorçados quando se. Tem um olhar nos ombros e uma toalha na cabeça. Desce a lareira um olhar oblique ao mundo em sentido numa cadeira a seu lado com um sacro mistério. Evidentemente chegou à casa de maternidade com balando de volta de uma cura. O aspecto de veludo e o cabelo estão completamente abertos. A cabeça está caída

(Continua na pág. 33)

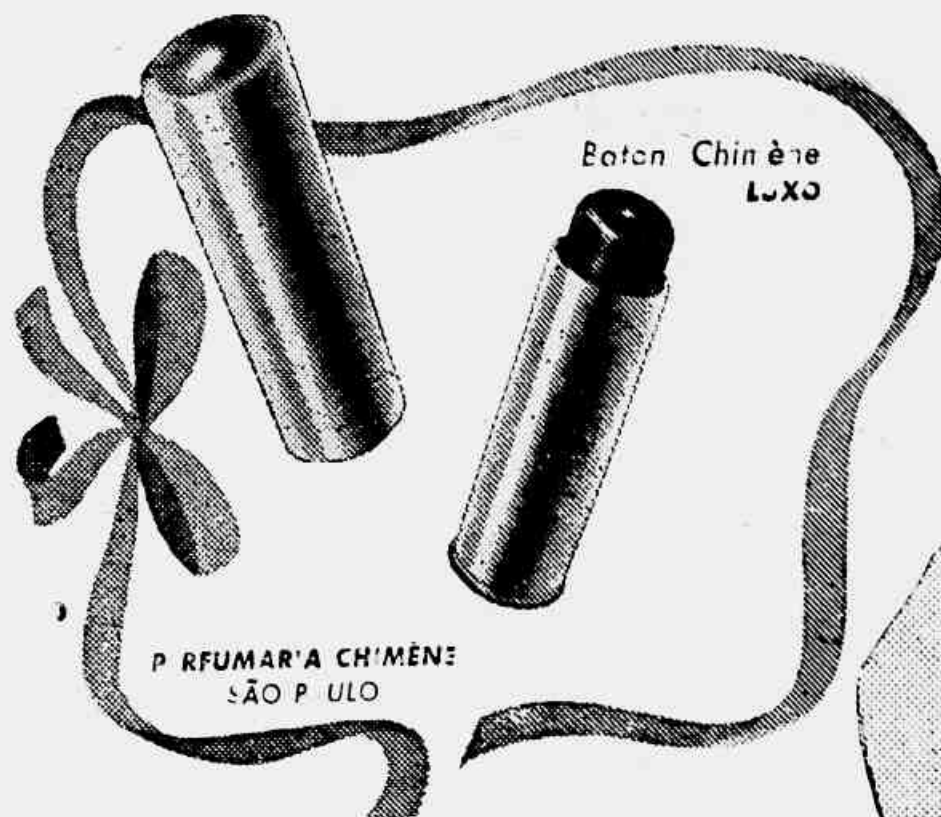
Lábios

que fascina...

Chimène o baton em estalo de metal dourado, com rosca, nas cores Fraise, Geranio, Cereja e Grenat.

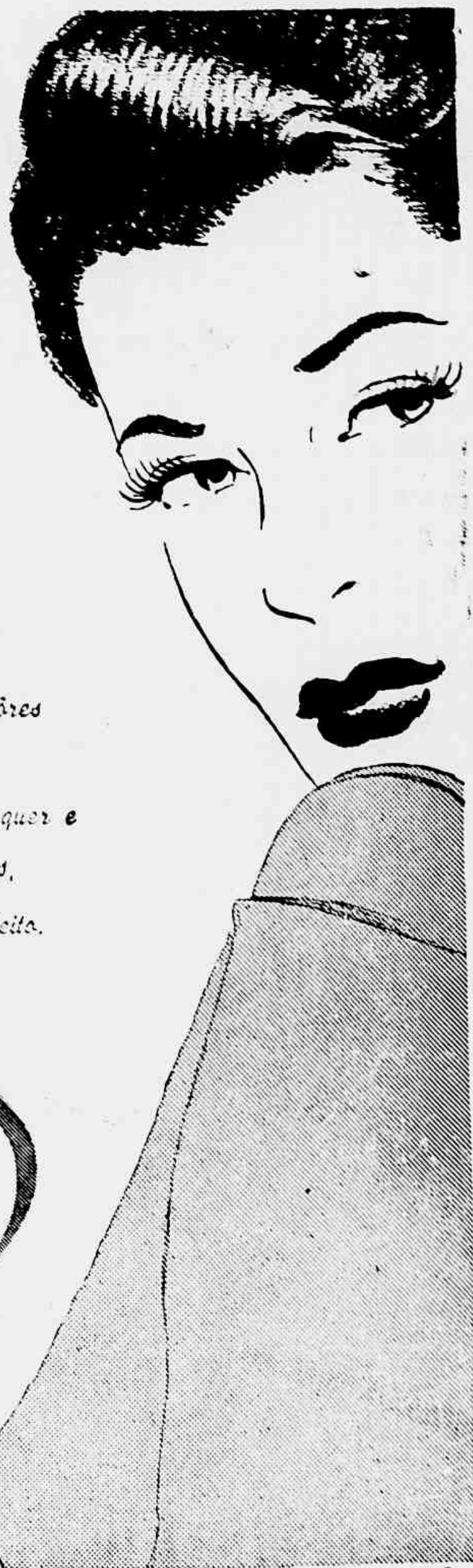
Escolha o tom que o seu tipo requer e entregue o encanto dos seus lábios.

A qualidade de um produto perfeito.



P. RFUMAR'A CH'IMÈNE
SÃO PAULO

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante



EGLE

O CIGARRO DA ELITE

PRODUTO SUDAN S/A

TIPO AMERICANO

Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL

REGULA I

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

ACIDO URICO

REUMATISMO

ARTRITISMO

GOTA

LYTOPHAN

CONCIONCINHO

INTERNACIONAL

MUSICAS PARA O NATAL

NÃO se sabe porque, os nossos compositores de música popular deixaram de criar melodias para serem cantadas especialmente durante o período das festas de Natal, quando se sabe, por outro lado, que essas canções sempre mereceram o agrado do público. Lembra-se de "Boas-festas", de Assis Valente? Foi um grande êxito popular e não houve baile de Natal, de Ano Novo e de Reis em que não se ouvisse a sua melodia simples ou não se cantasse sua letra ingênua. Não se poderá alegar que o lançamento da avalanche de produções carnavalescas veio prejudicar esse estilo de música porque, nos outros anos, já a esta altura ela dominava o mercado de forma avassaladora. A verdade, porém, é que temos o meu vêzo de abandonar os bons hábitos e, assim, passamos a cantar no Natal melodias de um gênero que briga por completo com o espírito que preside a uma das maiores datas da Cristandade: o de Momo. E o pior é que as nossas orquestras, em vez de reviverem, pelo menos, as melodias de um passado recente e que condizem melhor com a nossa índole, apegam-se lamentavelmente a ritmos estranhos, obrigando os frequentadores dos bailes a dançar "blues" como esse doente "White Christmas", em que se canta a nostalgia de um Natal nevado, muito embora isso contraste com a alegria e, principalmente, com o calor reinante nos nossos salões, por força de uma época em que o termômetro acompanha também a alta geral...

★

I COULDN'T SLEEP A WINK LAST NIGHT

Fox de Harold Adamson e Jimmy
Mc Hugh

I couldn't sleep a wink last night
Because we had that silly fight
I though my heart could break
The whole night through
I knew that you'd be sorry, and
I'm sorry too
I didn't have my fav'rite dream
The one in which I hold you tight
I had to call you up this morning
To see if ev'rything was still all
right
Yes, I had to call you up this mor-
ning
'Cause I couldn't sleep a wink
last night.

diz ao "Bôca"
pra pegar a cuica
e vir prá cá
ai, que a turma, "tá" cansada de
esperar
ai, que a turma, "tá" cansada de
esperar.

II

Tem o Mário, tem o "china"
Claudionor e Edgard
Doralice, Dorcelina
Risoleta e Guiomar
abre ala minha gente...
deixa a morena sambar
a morena quando samba
o mundo vira pro ar...
faz um noivo na Igreja
resolver não se casar...
(Brek: Fala Pedro).

"TOCA UMA POLQUINHA"

Polca de Luiz Gonzaga.

Gravação do autor.

Toca toca uma polquinha
que eu quero me espalhar.
toca toca Malaquias
para o baile melhorar.

II

Pára lá com esse samba
samba não quero mais,
toca toca uma polquinha
do tempo do Pai Thomaz
um pulinho pra cá,
um pulinho pra lá,
um passo pra descancá.

NOCHE DE LUNA

Belero de Gonzalo Curiel

Sonar en noche de luna
oyendo que el mar canta, canta
y que pintada em la noche la luna
se ve

blanca, blanca.
Aquí en pleno derroche
de luna y de mar
sufro, sufro...
Que me importa el canto del mar
si estoy solo con mim penar
tin lejo, lejos de ti...

GOING MY WAY

Fox de Johnny Burke e Jimmy
Van Heusen

This road to Rairbowville
Going my way?
Just pack a basket full of wishes
And off you start with Sunday
morning in you heart
'Round the bend you'll see a sign
"Dreamer's Highway"
Happiness is down the line
Going my way?
The s es you'll gather will look
well on you
Oh, I hope you're going my way too.

"FALA PEDRO"

Samba de Ataulpho Alves

Gravação do autor

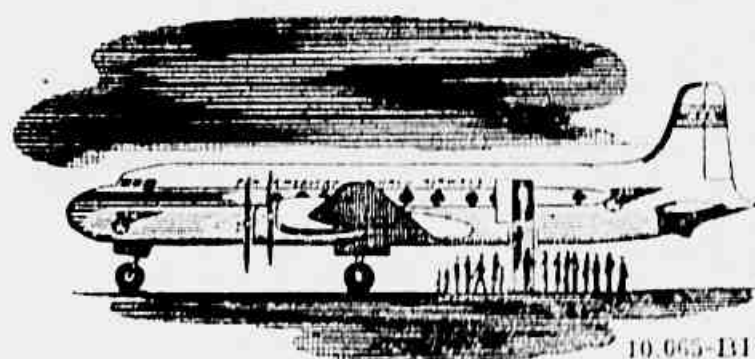
Fala Pedro, fala Paulo,
fala "Chico da Viola",
fala seu "Mané Matias"
Pega "Juca" no pandeiro,
vamos todos pro terreiro,
enfezar a bateria.
Ai meu Deus que e usa louca
Dona "Chica"



O mundo é seu... pelo **CLIPPER**

Hoje em dia as Ilhas do Havai — encruzilhada do Pacífico — ficam apenas a 13 horas de Los Angeles, Califórnia. Agora V. S. pode voar em novos e gigantescos CLIPPERS quadrimotores a este paraíso dos Mares do Sul, e gozar românticas férias visitando Honolulu, sua alegre capital, e a famosa praia de Waikiki. Para reservas, procure o seu agente de viagens ou a agência local de passagens da PAA.

**PAN AMERICAN
WORLD AIRWAYS**
A Rede dos Clippers Voadores



10.065-131-23-B

PASSAGEIROS ★ CLIPPER EXPRESS ★ CORRESPONDÊNCIA

Servindo a Causa da Medicina e da Farmácia desde 1858



PRODUTOS FARMACÊUTICOS

SQUIBB

O nome em que se pode confiar



Maria Cecilia, filha dileta do senhor Rubem Costa Velho e de sua exma. esposa d. Dagmar Cordeiro Costa Velho.

A romancista mais lida do Brasil

Continuação da pág. 27)

uma. O que, porém, não aprovo é as mulheres ocuparem bons empregos quando realmente não necessitam deles para viver.

- E a senhora quando trabalha?
- Na parte da manhã, das 9 ao meio dia.
- E como passa o resto do dia?
- Lendo, passeando. Gosto muito de esporte, sendo a equitação o meu melhor passatempo. Gosto da vida social e frequento muito o cinema.
- E tem tempo para tudo isso?
- Sempre. A minha vida é muito metódica. Divido bem o tempo — essa preciosa ficção cuja existência é negada por Einstein.

A LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

- Como encara a literatura brasileira contemporânea?
- Nossa literatura caminha para se tornar uma das mais significativas do mundo. Os romancistas, historiadores e poetas brasileiros escrevem cada vez melhor.
- A seu ver, quais são os maiores nomes literários da atualidade?

A resposta se faz tardar, enquanto a escritora medita. Passa constantemente a mão sobre a testa, como se isso lhe ajudasse a fazer a escolha. Finalmente responde:

- No momento, escolhi três livros, que considero excelentes: um veio do Sul, — "Clarissa" — de Erico Veríssimo. Outro veio do centro, — "Abdias" — de Cyro dos Anjos. Outro é de um autor do norte, — "Angústia" — de Graciliano Ramos. São livros profundos; fazem lembrar os grandes romances russos. Entre os escritores e poetas da atualidade que mais admiro, além desses citados acima, temos José Lins do Rego, que escreveu "Fogo morto" — um livro admirável. Jorge Amado em "Terras do sem fim", também notável. E Dionello Machado que escreveu "Os ratos"; e José Geraldo Vieira, Lucio Cardoso, Davio de Faria... Impossível enumerar todos os que mais admiro.

— E as mulheres que se dedicam às letras?

— As mulheres no Brasil estão escrevendo bem e em grande número. Há muitas romancistas, poetas, contistas, contistas notáveis na poesia, no romance, no conto: Lucia Miguel Pereira, Rachel de Queiroz, Teófilo de Fátima, Dinah Silveira de Queiroz, Ondina Ferreira, Maria Luiza Cordel, Clarice Lispector escreveu livros muito bons; não digamos antes estudos de psicologia. Temos contistas notáveis como Monteiro Lobato, Guilherme de Figueiredo, Helena Silveira Luiz Jardim... Pena que João Alphonsus, autor de "Eis a noite", tivesse morrido. E Mario de Andrade e Antonio de Alcântara Machado também. Quanto ainda poderiam produzir tanto... Admiro poetas de valor como Cecília Meireles e poetas como Carlos Drummond e Andrade, Guilherme de Almeida, Rossine Camargo uarnieri... Impossível citar os nomes de todos. Quantos outros por este grande Brasil não estão surgindo todos os dias? Escrevendo poesia, conto, romance, história? Temos romancistas e historiadores de pulso como Gilberto Freyre, do Prado Júnior...

Depois de uma breve pausa, diz a autora de "Os Ratos":

— Tenho fé na literatura brasileira. Creio que futu-

tamente ela será uma das expoentes da literatura universal. Nossos poetas, romancistas, historiadores e contistas estão destinados a marcar a literatura do mundo, como as literaturas francesa, russa ou inglesa já marcaram em outras épocas.

O DIVÓRCIO NO BRASIL VISTO PELA INSIGNE ESCRITORA

Passamos a outra ordem de coisas. Tendo feito recentemente uma enquete entre os nossos homens de letras sobre se o divórcio deve ou não ser introduzido na legislação brasileira formulamos uma pergunta neste sentido.

— O divórcio — responde a escritora — vai-se tornando uma necessidade cada vez mais premente. O casal que quer se separar, não deixa de fazê-lo porque no Brasil não há lei do divórcio; separa-se mesmo... E, nesse caso, antes o divórcio, porque ampara a mulher. As estatísticas provam que nos países onde não havia o divórcio as separações e os desquites diminuíram consideravelmente depois que veio essa lei. É preciso acrescentar que o divórcio no nosso país tem que ser estudado para dificultar não se converter em licença, facilitando as separações. Deve ser como na França e noutros países onde o divórcio é uma coisa muito séria. Em tais países, o casal que quer separar-se deve comparecer 3 ou 4 vezes perante o Tribunal, com intervalos de seis meses mais ou menos, para que haja tempo de uma reconciliação. Não



Da mocidade às portas da velhice...

A mulher se encontra sempre diante do seu grande problema: os males próprios do seu sexo. Desde os 12 anos, quando se torna verdadeiramente mulher, até os 50, quando atravessa a chamada idade crítica, os seus incômodos se repetem todos os meses, refletindo, muitas vezes, enfermidades que se iorem descuidadas ou tratadas com remédios ineficazes tornar-se-ão crônicas e incuráveis. E tão grandes e torturantes são os sofrimentos que essas enfermidades lhe trazem que a sua vida se resume numa sucessão de martírios e há, para ela, em cada mês muitos dias que lhe são verdadeiros espantinhos. Não se deixe, prezada leitora, dominar por esses males. Não permita que eles lhe roubem a saúde, porque perder a saúde é perder a mocidade, os encantos, a alegria! O Regulador Xavier — fabricado em duas fórmulas diferentes, o N.º 1 e o N.º 2, de acordo com as naturezas diferentes das enfermidades femininas — é o remédio eficaz e poderoso contra essas enfermidades, pois as combate com vigor e as afasta definitivamente. O Regulador Xavier N.º 1 se aplica nos casos de regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências. O Regulador Xavier N.º 2 se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, irregulares, retardadas, insuficiência ovariana e suas consequências.

Milhares de atestados médicos e populares, vários anos de grandes sucessos consagraram o Regulador Xavier como o remédio de confiança da mulher.

O REGULADOR XAVIER assegura para a mulher — desde a mocidade até as portas da velhice — a saúde, que é a chave e o segredo de sua felicidade, de sua alegria e seu bem-estar.

Sabonete DORLY
PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

A VENDA EM TODO O BRASIL

Pa. Ferraz

FÁCIL

Equilíbrio



Mesmo comprando somente o indispensável, há tanta coisa de que não podemos prescindir e cujo valor total vai muito além de nosso orçamento! Se o seu caso é este, e se deseja vencer o tempo e adquirir, sem demora, muitos dos belos e úteis objetos que fazem da MESBLA a atração da Cinedlândia, não se preocupe.

solução é simples:



um **Credi-MESBLA**
RESOLVE O SEU PROBLEMA

... porque lhe oferece a possibilidade de comprar tudo que desejar, pagando depois suavemente em prestações... **Sem Fiador**

Peca... informações ao nosso Departamento Credi-Mesbla
Rua do Passeio, 48/54 - 1.º Fone 22-7720 - Ramal 31

MESBLA

Pare aí, Solano!

(Continuação da pág. 20)

— Então ponho mais quatrocentos cruzeiros para o chapéu e para o taxi. Ao todo, três mil cruzeiros. Está bem?

Sim, estava bem. Ele ordenava o gasto, naquela base, disposto, intimamente, a dar alguma coisa mais, se fosse preciso, porque ele dizia para si mesmo: "Ora bolas! o sr. Eulápio é quem vai pagar essas porcarias..."

E arranjava, na escrituração, confundir

aqui e ali, os proventos sociais. No fim tudo daria certo, desde quando, "ora, quem maneja aquela gangorra sou eu mesmo..."

*

Naquela noite, Solano encontrara, casualmente, na rua do Passeio, uns amigos, velhos conhecidos de brincadeiras de rapazes. Eram o Assunção, o Tourinho e o Figueiredo. Os quatro, que há muito não se viam juntos, resolveram tomar uma cervejinha ali perto e se foram abancar numa confeitaria. No meio da

conversa, passou um conhecido do Tourinho, que o cumprimentou bastante, braço dado com uma mulher bonita e elegante. O tal sujeito, por sua vez, parecia ter saído do alfaite, que acabara de vesti-lo até às meias, de tão enlaidatado se encontrava.

E o Tourinho comentou a vida do seu conhecido.

— Toda essa pose, não vale nada. Quem paga tudo isso é o patrão, que fecha os olhos às ladroinças que ele procede na casa; fecha os olhos porque lhe desconta na mulher...

— E ele sabe? — indagou o Figueiredo.

— Sei lá... se não sabe, deve saber. Um homem que percebe mil e quinhentos cruzeiros, luxa desbragadamente, gasta como um príncipe, tudo à vista do patrão que lhe passa a mão à cabeça e lhe frequenta a casa de vez em quando, não pode deixar de saber que o silêncio desse patrão é em troca da sua aquiescência... No tal escritório, os outros empregados chegam a jogar indiretas uns com os outros, disse-me um companheiro dele mesmo. Mas o homem é um epicurista! Nem está aí... e vai gozando a vida...

*

Solano tratou de se despedir dos amigos, pretextando que já era tarde.

Mas não era bem isso. Aqueles comentários lhe fizeram um mal doido à alma. Ele também, como aquele sujeito que não conhecia, "era um gozador"... Seria... não, não era possível que também, como no caso do outro indivíduo, o sr. Eulápio se estivesse aproveitando da sua mulher, e por isso, silenciava... Não, não. Mas a verdade era que o sr. Eulápio sempre se conformava com as diferenças dos balanços ou do Caixa... Não, não era possível que o sr. Eulápio... porque o sr. Eulápio era um português muito burro... Mas, também, em matéria de mulher, esses portugueses aproveitam o que podem... Seria que também já estava no escritório, fruindo da mesma fama de "convencido", como aquele outro?!

Era preciso, de-certo, consertar a sua vida. Como? Aí residia a dificuldade, mas, na solução inteligente do problema a enfrentar repousava, agora, todo o segredo da sua futura paz de espírito, e, consequentemente, da sua própria e verdadeira felicidade.

Agir com inteligência... e ele era inteligente? O homem inteligente é o indivíduo que vive como postado num plano mais alto, de onde, com facilidade, vê as coisas que se encontram abaixo. Porque é isso, a inteligência: visão ampla do panorama subjetivo da vida, com

os seus problemas sociais, políticos, econômicos, individuais. E ele só agora estava vendo as coisas de cima, só agora estava sendo inteligente...

Solano conhecia outros sujeitos que também tinham dinheiros fáceis. Oscar Tomás era um desses que haviam ingressado no caminho da desonestidade de modo absolutamente casual. Fora a Vida, com todos os seus complexos e incompreendidos paradoxos. Sim, pois justamente por um paradoxo foi que, de homem honradíssimo, e por um princípio de honestidade, seu amigo Oscar Tomás se tornou um indivíduo perigoso com os seus negócios inescrupulosos, os seus bedengós... O caso do Oscar Tomás, entretanto, a quem ele conhecia na intimidade, era diverso. Oscar Tomás era, ou pelo menos tinha sido honesto, e vivia modestamente, sem ambições maiores do que as necessidades que o seu ordenado lhe proporcionava. Aconteceu-lhe, porém, uma coisa muito simples: o único filho caiu doentinho e ele o levou ao médico. Em suma: necessitava dispendir uma importância relativamente pequena mas muito acima das suas possibilidades: cinco mil cruzeiros. Conseguiu em empréstimo, e, quando faltavam trinta dias para o vencimento, o seu credor lhe mandou um "ultimatum" que faria isso e aquilo, se não pagasse no dia aprazado. Era o diabo. Que fazer? O homem vale pelo que possui... refletiu, chegando à conclusão que o único meio era arranjar o dinheiro, de qualquer forma. E assim se meteu, imediatamente, numa pequena negociata em que trabalhou com ambição (de modo honesto era possível conseguir aquela quantia em tão curto prazo...), coragem e inteligência. No fim dos trinta dias, Oscar Tomás não só estava pagando a dívida mas estava lucrando outra soma bem maior! Metera-se no comércio negro, de que sempre ouvira falar como coisa muito lucrativa, e do qual não mais se afastou. E estava vivendo nababescamente...

No ônibus, para Muda, onde morava, Solano ia pensando nisso tudo. Um sujeito de branco, por simples casualidade, entrou com um jornal na mão, e ele leu, em letras grandes de um título escandaloso:

"Preso e levado para a Ilha Grande, mais um ladrão do povo. As atividades perigosas de Oscar Tomás".

*

Solano quase desmaiou com a leitura. Aquela, sem dúvida, era a noite de regeneração para a sua alma, pois não tinha mais dúvida que ia mudar de vida...

A romancista mais lida do Brasil A deificação de Jimmy Goggles

(Conclusão da pág. anterior)

um divórcio fácil, como em certos outros países, onde o casal pode casar e divorciar com a máxima facilidade...

DE ENTREVISTADA A ENTREVISTADORA...

— E quanto aos seus planos para o futuro?

— Planos, não. Plano! Tenho apenas um: viajar. Já leu a "Flauta de Jade"? — pergunta a entrevistada, passando repentinamente a entrevistadora, certamente para livrar-se do assédio das nossas perguntas.

Respondemos afirmativamente.

— Então, deve lembrar-se do conselho que um poeta chinês deu a um amigo: "Entrar numa embarcação, com os cabelos soltos ao vento, e abandonar-se ao mar". Que delícia... Ver sempre "algo nuevo", como já dizia o velho Ponce de Leon. E' isso que eu pretendo. Meu maior desejo é perflustar o interior do nosso país, de norte a sul. Depois, voltar à Europa, para ver o que resta do outrora esplêndido continente.

Não perdendo a linha de "entrevistadora", talvez para evitar novas perguntas, lança uma verdadeira ofensiva contra nós, desejando saber se também gostamos de viajar, se conhecemos outros países, o interior do Brasil, e qual a impressão que guardamos dessas viagens. Assunto facilíssimo para nós, que, desde há muitos anos, não fazemos outra coisa senão errar pelos caminhos tortuosos deste imenso Brasil.

Nossa entrevista envereda, então, por outro caminho, resultando numa descrição de viagem através do Brasil.

Três horas tinham passado... Por entre as fendas da veneziana penetravam os raios dourados do sol que encrume e triste, se despedia do dia, desaparecendo num mar de sangue. E as nuvens desenhavam figuras esquisitas de animais ante-diluvianos, gigantescas montanhas, guerreiros, árvores, plantas... Aproximava-se a noite. A escritora se enquadrava perfeitamente, qual uma filha de sonho e fantasia, que jamais voltará à realidade...

uma vista dolhos era suficiente para verificar que a partida estava perdida para os meus companheiros. Dando uma volta súbita e rápida na válvula do meu aparelho, desci atrás do pobre Always na direção do fundo, em um estado de surpresa e de inquietação bem fácil de imaginar. Cruzei com o jovem Sanders que com o seu adversário, vinha de novo subindo, debatendo-se ainda um pouco, e, quase imediatamente, achei-me de novo sobre o tombadilho do "Pioneiro do Oceano", em meio da semi-escuridão avermelhada.

— Apre! — exclamei, — eis-me em uma encantadora situação! A primeira vista, não achei outra alternativa para dela sair senão, em baixo, a asfixia e, em cima, as zagaia. Eu não sabia exatamente o que me restava de ar respirável, mas, em todo caso, sentia-me impossibilitado de suportar por mais tempo a estadia no fundo. Sem contar o medo paralizante que me aniquilava, eu sentia um calor intolerável dentro daquele escafandro, e principiava a torturar-me uma dor de cabeça atrás... Não tínhamos contado com a intervenção daqueles abomináveis naturais, uns imundos Papuas... No lugar onde me achava era arriscadíssimo subir em linha reta, mas urgia decidir-me a agir. Cedendo ao impulso do momento, trepei para cima das trincheiras do brigue e, lançando-me através das algas, puz-me a caminho na escuridão, o mais apressadamente possível. Só me detive uma vez; ajoelhando-me então, e deitando o corpo e a cabeça para trás, olhei para cima. A superfície apresentava-se de um verde azulado, extraordinariamente claro, e pude avistar as quilhas de duas canoas e da barca, muito pequenas e afastadas, formando uma espécie de H torto. Experimentei um verdadeiro sentimento de repulsa em olhar assim, naquela posição, e em pensar no que significava a arfagem e o baloiçamento das três embarcações.

Foram aqueles certamente os dez minutos mais horroresos que tenho passado em minha vida, irresoluto, sobre

(Continuação da pág. 46)

aquele solo escorregadio e escuro, resistindo a uma pressão exterior que de instante para instante se ia tornando mais acobriadada, tendo a impressão de ser enterrado vivo na areia, com o peito lacerado por uma dor crujante, doente de pavor, e não respirando outra coisa, segundo me parecia, senão o cheiro repugnante de rum e de caoutchouc. Irra! No fim de alguns minutos, galguei um declive bastante rápido. Após uma outra contorção para tentar ver as embarcações, prosegui no meu caminho. Parei pouco depois: a minha cabeça estava a menos de um pé da superfície. Procurei descobrir em que direção devia dirigir-me, todavia, como era natural, eu não avistava sequer o reflexo do fundo. Então lancei-me para a frente, até que o meu capacete emergiu na água como através de um espelho. Logo que os meus olhos ficaram ao nível da superfície, verifiquei que havia desembocado em uma praia, não longe da floresta. Prescrutei as circunvizinhanças, porém as barcas dos indígenas e o brigue, achavam-se ocultos por um amontoamento de lava rochosa. O idiotez ocultos por um amontoamento de lava rochosa, sugeriu-me, que nunca logrei extinguir em mim mesmo, sugeri-me a idéia de uma fuga em direção às matas. Sem tirar de todo o meu capacete, desapareci em parte um dos vidros que me cobriam os olhos, e, depois de deixar acalmar-se a minha sufocação, e as minhas palpitações, sai completamente da água. Não poderei imaginar como o ar me parecia leve para respirar.

"E' bem certo que, com quatro polegadas de chumbo em baixo das solas, com a cabeça coberta com uma esfera de cobre do tamanho de uma bola de futebol, e após uma permanência de trinta e cinco minutos debaixo d'água, ninguém poderá ter a pretensão de bater o record da velocidade. Eu corria com a mesma ligeireza que leva um camião a acompanhar uma charrua. A meia distância do pântano acompanhando uma charrua. A meia distância do pântano, avistei uns doze negros que se dirigiam para mim, de boca aberta e como que cheios de pânico.

"Parei bruscamente e derramei sobre mim mesmo uma quantidade de maldições suficiente para a condenação de todos os patetas do mundo. As probabilidades que então

(Continua na pág. 54).



Em São Paulo...
é sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

A VIDA DE HOGARTH

(Continuação da pág. 47)

em desordem, sobre o rosto. Perdeu a fita. A espada está quebrada e jaz no chão, junto de si. Tem o chapéu posto de lado, na cabeça, como um bêbado. As mãos estão enfiadas molemente por baixo da camisa. Uma roupa de mulher balança licenciosamente de um de seus bolsos, e um cozinheiro de luxo vem cheirá-lo. Está num semi-estupor e em seu rosto transparecem a náusea, o cinismo e o desgosto que surgiram como reação a uma vida de prolongada libertinagem. Nem ele nem a esposa tomaram conhecimento do criado que, depois de várias tentativas para despertá-la, sai rigidamente do quarto, com o nariz torcido, levando na mão uma lista de contas vencidas. De um de seus bolsos aparece um livro intitulado "Regeneração".

O terceiro episódio é um pouco confuso. Não está bem claro o que Hogarth deseja expressar, em detalhes, embora a insinuação seja evidente. O marido leva uma moça, por ele seduzida, ao consultório de um charlatão. Ali, entre uma mistura de crâneos, crocodilos empalhados, múmias, rodas dentadas para fixar clavículas e o modelo de um cadáver, o doutor faz o diagnóstico sobre a saúde da moça.

Entretanto, Lady Esbanja-campos tem uma vida própria. A cena quatro mostra um episódio típico dessa vida. Está oferecendo uma "soirée musical", em seu "boudoir", para um grupo de amigos íntimos. Senta-se ao penteador, com um roupão amarelo. Um pajem suíço frisa-lhe os cabelos. E toda atenção para o Conselheiro Língua-de-prata, que é o padrinho de casamento, na primeira cena. Este digno cavalheiro reclinou-se displicentemente no sofá da senhora e conversa com ela em tom de natural familiaridade. Pode-se perceber até que ponto insinuou-se na intimidade de seu quarto de dormir pelo fato de, na parede lado a lado com "Júpiter e Io, Lot e suas filhas" e o "Rapto de Ganímedes", está pendurado um retrato do próprio Conselheiro Língua-de-prata.

Os demais convidados são mostrados em várias atitudes enquanto ouvem o cantar de uma prima-dona italiana, acompanhada por um flautista alemão. Nenhum dos "virtuosos" é lisonjeado pelo artista. Hogarth era provinciano até o âmago, e odiava todas as cousas exóticas, tanto conhecidas de arte, quanto músicos de concerto. A cantora tem uma fisionomia desajeitada, suína; o flautista é marrento e escuro. Parece um sequaz de Satã. E o auditorio? Uma senhora de cara enrugada ouve a música num comico êxtase, embalada pela emoção, com as mãos estendidas, enquanto um pajenzinho negro, oferecendo-lhe uma xícara de café, olha seu rosto com espanto, de olhos arregalados. Outro "ouvinte" é um cavalheiro que está profunda e misericordiosamente adormecido. Porém, dois dos amigos de Lady Esbanja-campos ouvem a música com expressões espantosamente opostas de "grandes conhecedores". Um deles, com um leque balançando de uma argola que lhe rodeia o punho, segura a xícara de café, como se fosse uma pepita de ouro, e force os lábios numa expressão altamente profissional, para exprimir seu velho gosto pela música. Próximo a ele está um homenzinho rico, magro, de sorriso afetado e cabelo penteado como de mulher, com delicados gestos, uma linda mão enfiada profissionalmente debaixo de seu casaco de brocado, outra levando a xícara aos lábios. Bebe aos goles lentamente, a bebida e a música apertando os lábios para absorver as últimas notas da melodia através do gosto raro que brota de seu próprio talento de apreciador. Que outras espécies de ho-

mens assistiram a um concerto no quarto de vestir de uma senhora!

Devemos saltar também rapidamente sobre o quinto e sexto episódios desta tragicomédia. O marido finalmente surpreende a mulher na cama com o Conselheiro Língua-de-Prata. Uma breve discussão e depois um duelo a espada. O marido é apunhalado no encontro e vacila enfraquecido, com as pernas dobradas. A mulher, vencida pelo remorso, grita de terror, enquanto o Conselheiro Língua-de-prata foge pela janela, com o uniforme em desalinho.

O episódio final é curto e incisivo. O Conselheiro Língua-de-Prata é detido por assassinato e enforcado. A esposa toma uma garrafa de laudano. E seu pai, o benevolente negociante e o primeiro a contratar o casamento, sustenta a jovem moribunda, ternamente com uma das mãos enquanto com a outra tira a aliança de ouro de seu dedo, para guardá-la no bolso.

Livros em regatos que correm, sermões em pedras e perversão em tudo. Casamento sem amor, amor sem casamento. Uma triste e sórdida história, esse pequeno sonho de vida de riquezas, breve e ridículo, chamado existência humana. Tal é a substância da profissão de fé artística de Hogarth.

★

Hogarth continuou a pintar os cínicos retratos do caráter humano, com suas tragédias, suas melancolias, sua estupidez, sua selvageria, sua nulidade, suas aflições e seus

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.ª Loja

casuais relâmpagos de nobreza. Pintou o retrato de seu amigo, o grande ator David Garrick, quando representava o papel de Ricardo III; pintou o retrato de Sarah Malcolm, uma assassina notória, dois dias antes de ir para a forca; pintou Lord Lovat um velho patriota rebelde, que entregou sua mulher ao Rei Jorge, levado pela sua devoção à causa Stuart. Quando fez uma viagem à França entregou-se a seu preconceito contra todas as cousas estrangeiras e representou os franceses como espantalhos magros, meio famintos e esgarapados, contrastando com os ingleses luzidios e bem alimentados. Entretanto, mesmo em relação a seus compatriotas, ele era sempre o cínico. Descreveu a partida de uma divisão britânica para a Escócia, em toda sua glória. Mas não omitiu o detalhe de um oficial beijando uma leiteira, quando se despedia dela, enquanto um soldado derramava leite em seu chapéu, e outro, acotovelando um pasteleiro para prestar atenção ao episódio, foge com suas mercadorias, ao passo que o cozinheiro olha e ri

(Continua na pág. 57)



*Um exemplo
para você!*

Uma cutis alva, macia e assetinada é um justo motivo de orgulho para a mulher... E você poderá orgulhar-se de possuir uma cutis assim, desde que siga o exemplo das mais lindas mulheres, usando diariamente o Creme de Beleza Oriental.

Produto específico para aformosear a cutis, o Creme de Beleza Oriental evita cravos, espinhas e manchas, ao mesmo tempo em que clareia e amacia a pele, dando nova beleza ao seu rosto...

Use diariamente o Creme de Beleza Oriental, que não é gorduroso e é de fácil aplicação.

Creme de Beleza
ORIENTAL

REALÇA MAIS OS SEUS ENCANTOS!

★ A VENDA EM TODO O BRASIL ★



A deificação de Jimmy Goggles

(Continuação da pág. 52)

eu tinha de poder tornar para dentro d'água eram as mesmas que teria uma tartaruga voltada de costas. Afim de ter as mãos livres, tornei a atarrachar o vidro e esperei os meus naturais. Nada melhor me restava a fazer.

"Eles, porém, não se aproximaram muito e só então principiaram a suspeitar qual a razão disso". Jimmy Goggles, é à tua beleza que o devo! disse eu com os meus botões. Creio que devia delirar algum tanto, em sequência de todos aqueles perigos e da brusca mudança de pressão atmosférica.

"— Porque razão estão assim a espreitar-me?" — perguntei aos selvagens, sem pensar em que não me podiam ouvir. — "Por quem me tomam então vocês? Esperem, meus caros, vou oferecer-lhes um espetáculo que os porá ainda mais parvos!" A estas palavras, tornei a atarrachar a válvula de escape e a abrir o aparelho de ar comprimido, de modo que, daí a pouco, achava-me como uma rã inchada. Aquilo devia fazer um efeito imponente! Diabos me levem se eles se atreveram a dar mais um passo que fosse! Em seguida, um depois do outro, todos eles se puzeram de gatinhas. Não sabiam o que pensar de mim, e serviam-me ao acaso as suas medidas dos dias de gala, o que da parte deles era uma prova de prudência e de raciocínio. Ocorreu-me por um instante a idéia de aproveitar a ocasião para recuar para o lado do mar, mas esse projeto não apresentava probabilidade de bom resultado. Um passo para trás, e eles todos me cairiam em cima. Desesperando de me livrar deles, encaminhei-me para os negros, subindo pela praia, com passos lentos e pesados, e agitando de modo solene os braços inchados. Confesso que, do lado de dentro, eu não me sentia muito a cômodo.

"Contudo, não há como uma bela presença para livrar um homem de embarços; isso havia-o eu já notado antes e verifiquei-o depois por diversas vezes. Nós, os da nossa raça, estamos habituados, desde a idade de sete anos, a ver escafandros, e difícil nos é aquilatar o efeito que pode produzir um desses aparelhos no animo de qualquer selvagem desprevenido. Alguns daqueles negros rodaram nos calcanhares e abalaram, enquanto os outros se apressavam a bater com a testa no chão, como se quisessem arrancar os miolos. Quanto a mim, continuei a avançar, tão lenta e gravemente, tão ágil e resolutamente, como um esgotador sobre um chão encerado. Era evidente que me tomavam por qualquer cousa portentosa.

"Então um deles pôs-se de pé e, com um braço estendido para o mar, principiou a fazer-me com o outro sinais extraordinários. Toda a quadrilha secundou-o, dividindo a sua atenção entre mim e o que eles viam ao largo. "Que

se estará passando por lá", disse eu de mim para mim. E com majestosa lentidão, inerente à minha dignidade, voltei-me e avistei, dobrando o promontório, o nosso velho "Orgulho de Banya", coitado, conduzido a reboque por um par de pirogas. Apertou-se-me o coração ao vê-lo assim. Mas, o que parecia provável, é que os selvagens esperavam de mim qualquer indicio de satisfação, e pois agitei os braços do modo menos comprometedor que me foi possível. Depois do que, tornei a dar meia volta e encaminhei-me de novo para as árvores. Nesse momento, eu orava como um insensato, repetindo sempre e sempre: "Senhor, ajudai-me a sair deste embaraço! Senhor, ajudai-me a sair deste embaraço!" E' preciso ser um rude papalvo e nunca ter conhecido o perigo para zombar daqueles que oram em tais conjunturas.

"Mas aqueles negros endemeninhados não estavam dispostos a deixar-me escapar tão facilmente. Eles encetaram uma espécie de dança, com saudações e reverências, rodeando-me e obrigando-me a tomar um atalho que se ia perder no meio das árvores. Era bem claro que eles não me reconheciam por um cidadão britânico, fosse qual fosse a idéia que formavam a propósito da minha pessoa, e, da minha parte, asseguro que nunca me senti menos desejoso de reclamar o prestígio da velha Inglaterra.

"Os senhores não acreditarão talvez, a menos que não estejam bem ao corrente dos costumes dos selvagens, mas aquelas criaturas ignorante e transviadas, conduziram-me diretamente à espécie de templo que possuíam, para ali me apresentarem a uma velha pedra negra. Principiei então a notar a profunda candura deles, e, logo que dei os olhos sobre aquela divindade, compreendi o que tinha a fazer. Soltei um grande brado, hu-hu, no mesmo tom, e agitei os braços quanto possível. Depois, com lentidão e cerimoniosamente, dei o idolo de lado e sentei-me em cima dele... Eu tinha uma necessidade horrível de me sentar, porquanto os escafandros formam um traje pouco próprio para os trópicos: é uma vestimenta algum tanto por demais espessa. Ao verem-me sentado sobre o seu deus, eles ficaram passados, isso era visível. Mas, em menos de um minuto, tinham tomado o seu partido sobre o caso, e acharam-se imediatamente no dever de me adorarem com máximo empenho. Posso dizer-lhes que senti alívio em verificar que tudo me ia correndo favoravelmente, e isto a despeito do peso que tinha sobre os ombros e nos pés.

"Contudo, torturava-me uma certa angústia. Que pensariam daquilo, quando voltassem, os naturais das pirogas? Se, antes de eu descer, eles me tinham avistado na barca, sem o capacete, — pois deviam ter estado a espreitar-nos desde a véspera, — era provável que interpretassem a cousa de outro modo. Tive que passar por malditos sustos, durante algumas horas, segundo me pareceu, até o

momento de ouvir o alarido que anunciava o regresso deles.

"Todos, porém, acreditaram no milagre e com eles a aldeia inteira. Conservando-me imóvel e sério, durante cerca de doze horas, imitando da melhor forma possível a atitude das estátuas egípcias sentadas, pude sair-me bem daquela primeira prova. Não imaginam quanto me custou aquilo, com aquele calor e aquele cheiro! Julgo que nenhum deles suspeitou que, por baixo daquele aparato, houvesse um homem vivo. Para eles, eu era simplesmente um maravilhoso idolo de couro, que saindo das águas lhes tinha trazido uma fortuna inesperada. Mas a fadiga, o calor, a atroz sufocação, de mistura com o cheiro repugnante de caoutchouc e de rum! E todas aquelas macaquices! No centro de uma lagoa de lava, diante de mim, eles acenderam uma fogueira sobre a qual puseram um monte de detritos sanguinolentos, restos do que devoraram lá fora, os brutos! e queimaram-nos em homenagem a mim. A fome principiava a torturar-me, mas compreendendo agora como é que os deuses conseguem viver sem comer: o cheiro nauseabundo das oferendas que lhes queimam perto do nariz é o suficiente. Os selvagens trouxeram também um bom número de objetos que haviam pilhado no brigue, e, entre outros, um instrumento cuja vista me deu prazer, isto é, a espécie de bomba pneumática que servia para encher o reservatório de ar comprimido que provia o meu aparelho. Em seguida, uma câfila de indivíduos de ambos os sexos, todos muito jovens e mais ou menos nus aproximaram-se e principiaram a dançar do modo mais indecente. Causa extraordinária, as diferentes manelras que há de testemunhar o respeito! Se eu tivesse um machado ao meu alcance, te-los-ia espancado com ele da melhor vontade, tanto eles me exasperavam! Durante todo esse tempo, eu não me mexia mais do que se fora um objeto alcochoado, pois nada melhor tinha a fazer então. Por fim, quando anoiteceu, e o seu templo de vime ficou um pouco mais escuro do que lhes convinha, — pois, como sabem, todos os selvagens têm medo do escuro, — e depois que entoei uma espécie de mugido monótono, eles acenderam lá fora grandes fogueiras e deixaram-me em paz nas trevas da minha choça, com plena liberdade de desatarrachar os vidros que me cobriam os olhos, de refletir e de me desolar até mais não poder. Ah! meu Deus, como eu me sentia desgostoso!

"Eu estava a cair de prostração e de fraqueza, e o meu espírito girava, como uma joaninha espetada num alfinete, despendendo uma atividade formidável, sem obter um resultado definitivo. Afligia-me com a sorte dos meus companheiros, uns consumidos beberões, na verdade, mas nem por isso mereciam aquele golpe da adversidade. Não me sala a idéia a imagem do jovem Sanders com a seta atravessada no pescoço. Preocupava-me igualmente o pensamento do tesouro que ficara nos despojos do "Pioneiro



O segredo do beijo...
MICHEL em seus lábios

Conheça por experiência própria as qualidades sedutoras do baton Michel... se é que deseja saber o segredo dos beijos. Os batons Michel são de uma suavidade de cetim, divinamente delicados, infinitamente mais estáveis e esquisitamente perfumados para o arrebatamento dos sentidos. O baton Michel não lambuza e nem se resseca. Peça-o pelo nome — Michel!

Michel
NEW YORK - PARIS - LONDON

BATON — PÓ — ROUGE — MÁSCARA — SOMBRA — MAQUILAGEM CAKE



QUE PENTEADO VOCÊ USA?
SISTEMA Crome Farpado?

Há muitos fixadores baratos aparentemente e que deixam o cabelo aberto ou erizado parecendo arame farpado... Use Brylcreem que, sendo produto de qualidade, não é caro porque rende muito mais! Brylcreem foi submetido a todas experiências em cerca de 60 países onde vendem mais de 27 milhões de unidades anualmente. Com Brylcreem no seu cabelo você estará sempre penteado. Fixa ao natural, sem colar ou grudar. Brylcreem doma o cabelo mais rebelde, mantendo-o suave e sedoso. Não obstrói os poros, evita a queda e a caspa. É produto científico! Não se esqueça de que a qualidade do seu penteado reflete sua distinção pessoal! Use na sua cabeça o que a sua cabeça vale!

BRYLCREEM
O mais perfeito fixador do cabelo



PÓ DE ARROZ

Anthéa

nos deliciosos perfumes
 HELIOTROPE
 VIOLETA CRAVO
 apresenta-se em 6 tonalidades:

- BLANCHE RACHEL •
- OCRE NATURELLE •



E UM PRODUTO
ROGER & GALLET

do Oceano", e eu ruminava planos para ir buscá-lo, ocul-
 ti-lo depois em um lugar mais acessível, e voltar a buscá-
 lo mais tarde, após a minha fuga.

Além disso, havia também a dificuldade de procurar
 o que comer. Em um apalavra, o meu cérebro divagava.

Eu evitava pedir por sinais que me servissem alimen-
 tos, com receio de deixar transparecer a minha condição
 humana, e, assim pois, conservei-me naquela posição,
 agulhado pela fome, até romper o dia. Só então a aldeia
 se tornou mais socegada. Incapaz de manter-me ali por
 mais tempo, sai sorratamente e dentro de um bilha des-
 cobri leite coalhado, com uma espécie de legume que pa-
 recia alcaçofra. O que restou fui por ao lado das outros
 oferendas, afim de lhes dar uma idéia do que convinha ao
 meu paladar. De manhã, eles voltaram a adorar-me, en-
 contrando-me rijo e solene, sentado sobre o ex-ídolo, tal
 qual me haviam deixado na véspera. Eu tinha-me sentado
 de modo a apoiar as costas ao pilar que havia no centro
 da choça, e, na realidade, dormitava. E aí está como me
 tornei um deus entre os pagãos, um falso deus, sem dúvi-
 da, um deus ímpio e sacrilégio, mas nem sempre se pode
 escolher.

"Não era meu intuito impor-me um valor superior aos
 meus méritos como deus, mas, o que é fato, enquanto
 exerci as funções divinas no meio daquela horda, ela obte-
 ve extraordinários triunfos e toda a sorte de prosperida-
 des. Noto bem que não me limitei a constatar um fato, a
 indicar-lhes uma coincidência. Os meus adoradores inflin-
 giram uma grande derrota a uma outra tribo, o que me
 valeu uma abundância de alimentos que aliás não me agu-
 raram apetite; efetuaram pescas miraculosas, e a colheita
 foi excepcionalmente boa. De mais a mais, eles contavam
 a captura do brigue como um dos benefícios que eu lhes
 tinha proporcionado. Cumpro confessar que não era isso
 um mau resultado para um estrelante, e, conquanto pos-
 sam hesitar em acreditá-lo, durante perto de quatro meses
 fui o deus exclusivo daqueles nauseabundos selvagens...

"Que outro emprego mais me conviria, pergunto-lhes
 eu? Mas não conservei constantemente o escafandro du-
 rante todo esse tempo. Induzi os meus neófitos a me fa-
 bricarem uma espécie de santuário, um Santo dos Santos,
 como o do tempo de Jerusalém. E grande soma de paciên-
 cia e de engenho me foi precisa para lhes meter no toutiço
 a idéia que eu queria.

"Era essa, na verdade, a maior dificuldade: pô-los
 em estado de compreenderem os meus desejos. Arriscava-
 me a pôr a descoberto o meu estratagemas, a falar confusa-
 mente a algaravia em que se exprimiam, admitindo mes-
 mo que eu conseguisse articular-lhe duas palavras, tam-
 pouco poderia, sem perigo, esmerar-me a exprimir-me por

meio de gestos. Então, tracei desenhos sobre a areia, sen-
 tei-me no chão ao lado deles e principi a dar grunhidos,
 ora negativos, ora aprovativos, como um possesso. As ve-
 zes eles executavam o que eu pedia e às vezes completa-
 mente o contrário. Em todo caso, mostravam a maior boa
 vontade possível. Entretanto, eu não cessava de torturar o
 espírito para encontrar um meio de me evadir. Todas as
 noites, antes de romper a alvorada, eu saía, aparelhado dos
 pés à cabeça, e ia ter a um ponto da praia donde a vista
 abrangia o canal em cujo fundo repousavam os destroços
 do "Pioneiro do Oceano", e, uma vez mesmo, por ocasião
 de um esplêndido luar, tentei ir a pé até junto do velho
 casco, mas as algas emaranhadas, os rochedos escorrega-
 dos e a escuridão obrigaram-me a retroceder. Quando
 saí de dentro d'água, era dia claro, e fui encontrar os
 meus idiotas de indígenas reunidos na praia, suplicando ao
 seu deus que voltasse para o meio deles. Embarçava-me
 nas pernas, tropeçava, trepava a um rochedo, tornava a
 descer para um buraco, tão desanimado e tão acabru-
 nhado que de boamente teria caído aos muros sobre eles,
 quando principiaram a dansar e a dar urros. Diabos me
 levem se fui feito para tantas cerimônias!

"Em seguida realizou-se a visita do missionário. Ah!
 aquele missionário! Foi em uma tarde torrida que ele che-
 gou. Achava-me sentado, com grande aparato, em cima
 de velha pedra negra, na parte do templo que precedia o
 meu santuário inviolável. Chegaram-me aos ouvidos uns
 ruídos desusados, bem como um sussurro de grande e ani-
 mado falatório, e ouvi a voz do missionário, na ocasião
 em que este se dirigia ao seu intérprete.

"Eles adoram ídolos de pedra e de madeira", — ex-
 plicava o intérprete. Compreendi desde logo de que é que
 se tratava. Para respirar mais desafogadamente, eu ti-
 nha mandado tirar uma das minhas janelas, mas sob o
 impulso do momento, apressei-me a contradizer, em alta
 voz, aquela audaciosa afirmação.

"— Ídolos de pedra e de madeira! — exclamei. —
 É bastante entrar para aqui, e, depois que eu lhe tiver
 puxado vigorosamente as orelhas, dir-me-á se sou de pe-
 dra ou de madeira.

"Seguiu-se a estas palavras um profundo silêncio; de-
 pois recomeçou o falatório, e o meu sujeito entrou, com
 a Bíblia na mão e com o desembaraço que todos eles têm;
 um sujeito baixo e ruivo, de óculos e trazendo à cabeça
 um barrete de cortiça. Gabo-me de que, ao ver-me sobre
 o trono, à sombra do templo, com a minha cabeça de cobre
 e os meus olhos enormes, ele pareceu prestes a cair de
 costas no chão.

"— Então! como vai o comércio da chita? — disse-lhe
 eu, pois não tenho em muita simpatia os missionários.

Paris

GUARDA SUAS TRADIÇÕES...



...e o perfumista

L. T. PIVER

as tradições de seus perfumes

RÊVE D'OR

POMPÉIA

UN PARFUM D'AVENTURE FLORAMYÉ

Perfumes que mantêm intacta a qualidade de suas essências

Continental

"Tive porém que me haver com aquele, que não tinha
 grande experiência, nem estava na altura de se medir co-
 migo. Ao ver-me ali, o seu semblante tornou-se lívido.
 Perguntou-me, gaguejando, quem eu era. Com um gesto
 majestoso, respondi-lhe que, se tinha muito empenho em
 sabê-lo, deveria ler a inscrição gravada aos meus pés.
 Ele inclinou-se para ler; vendo-o nessa posição, o intér-
 prete, tão supersticioso quanto os outros macacos, toma
 aquele movimento por um ato de adoração e atira-se im-
 petuosamente no chão de barriga para baixo. Todos os
 meus fiéis soltaram brados de triunfo, e, depois daquela
 viagem, nem ele nem os seus acólitos tiveram mais nada
 a fazer naquela tribo.

"Certamente, foi uma tolice da minha parte o despa-
 chá-lo assim em dois tempos. Se me sobrasse um pouco
 de bom senso, ter-lhe-ia contado logo a história do tesou-
 ro, propondo associá-lo à empresa, e estou bem certo de
 que aceitaria o convite. Uma criança, dispendo de algu-
 mas horas de reflexão, teria imediatamente estabelecido
 a relação entre o meu escafandro e o naufrágio do "Pio-
 neiro do Oceano", mas aquele maldito basbaque não viu
 nele senão fogo. Oito dias após a sua partida, eu avistei,
 uma bela manhã, a "Maternidade", barco de salvamento
 estacionado em Starr Race, o qual vinha subindo o canal,
 sondando a sua rota. Incontinentemente, vi baquearem por terra
 todos os meus projetos, e perdidos todos os meus esforços.
 Com mil bombas! Imaginem qual não foi então a minha
 fúria! E dizer que tudo quanto eu tinha feito durante
 quatro meses, metido naquele traje ridículo, não passaria
 agora de uma palhaçada!

Aqui chegando, o homem de pele crestada pareceu
 disposto a concluir a sua história.

— Imaginem pois! — disse ele, consentindo em fazer
 uso de uma linguagem menos imaginosa. — Imaginem
 pois! O valor de quarenta mil libras esterlinas em ouro!

— Tornou a ver o pequeno missionário? — inquiri eu.

— Oh! sim. Deus o abençoe! Ele afirmou, sob pa-
 lavra, que havia um homem no interior do deus, e, em
 grande cerimônia, tornou a voltar afim de dar a prova
 do que avançava. Mas não havia homem algum no inte-
 rior, e ele foi logrado. Sempre abominei as cenas e as
 explicações, e, muito antes do seu regresso, tinha eu já
 dado às de v'la Dlogo... Achava-me a caminho para Ba-
 nya, seguindo pelo litoral, ocultando-me nas espessuras
 durante o dia e furtando alimentos nas aldeias durante a
 noite, sem outra arma além de uma zagala, sem haveres,
 sem dinheiro, sem nada! A minha boa aparência era toda
 a minha fortuna, como dizem... pouca coisa, em troca de
 oito mil libras esterlinas em ouro, a quinta parte do te-
 souro que me cabia... Mas os naturais acharam-na má,
 e deram-no a entender ao missionário. Eles não quise-
 ram desistir da opinião de que fora ele quem tinha posto
 em fuga o deus da tribo, o qual levava consigo toda a
 prosperidade que lhe tinha trazido.

Apresentando a

FAMILIA

SHELL

**PRECIOSOS AUXILIARES PARA O
CONFORTO E BELEZA DO LAR...**



LUSTRA-MÓVEIS SHELL ★

As faces dos móveis merecem um tratamento tão carinhoso como as faces femininas. Por isso, SHELL criou o LUSTRA-MÓVEIS SHELL, um verdadeiro creme de beleza para os seus móveis. Não é um óleo comum, é um sub-produto de petróleo, alvo, cremoso, que penetra pelas fibras da madeira combatendo o cupim e evitando as rachaduras e o ressecamento, dando assim um brilho uniforme, sem atrair poeira.



TIRA-MANCHAS SHELL ★

Um dos membros mais úteis da família SHELL, é o TIRA-MANCHAS. Quando menos se espera o TIRA-MANCHAS SHELL salva um vestido, uma toalha de mesa ou outro qualquer objecto de pano, feltro, couro, etc. Não é explosivo, evapora rapidamente sem deixar o mínimo odor. A sua utilidade só pode ser avaliada no momento. Tenha-o, pois, à mão, para fazer face a qualquer emergência.



ÓLEO DOMÉSTICO SHELL ★

Com o óleo doméstico SHELL tudo desliza bem no lar. Máquinas de costura, bicicletas, fechaduras, dobradiças, enfim, toda peça pequena precisa ser lubrificada para evitar a ferrugem e não emperrar. O ÓLEO DOMÉSTICO SHELL é um fino lubrificante mineral, sempre indicado para o mecanismo delicado das pequenas máquinas.



LIMPA-VIDROS SHELL ★

O asseio dos vidros é hoje um trabalho tão fácil como um detalhe de toucador. Basta a pressão dos dedos sobre a bombinha do LIMPA-VIDROS SHELL para que os vidros brilhem como cristal. Não arranha os vidros e dispensa água, esponja, sabão e baldes. Com o emprego do LIMPA-VIDROS SHELL pode-se dar brilho aos vidros sem sequer macular as mãos ou unhas.



FLUIDO PARA ISQUEIRO SHELL ★

Quando um isqueiro falha, a elegância e o bom-humor periclitam. Acescente-se a isso o cheiro do combustível e a fumaça do pavio, e vale mais a pena não fumar. SHELL resolveu esses inconvenientes com o seu fluido para isqueiro, que acende instantaneamente, não falha nunca, não deixa cheiro. Apresentado em latinhas fáceis de manejar, facilita a operação de carregar o isqueiro e é de grande utilidade.



INSECTICIDA SHELL TOX ★

A principal característica do SHELL TOX é não tontear as moscas, pulgas e todos os outros insectos que prejudicam a saúde no lar. SHELL TOX mata-os definitivamente. Acabe com esses "hóspedes" desagradáveis, com SHELL TOX, um insecticida fulminante fabricado por processos especiais, de exclusividade da organização SHELL e submetido a constantes experiências nos Laboratórios SHELL.

PRODUTOS DE PETROLEO
GARANTIDOS PELA

SHELL-MEX BRAZIL LIMITED

A VIDA DE HOGARTH

(Continuação da pág. 53)

do espetáculo cômico. Um granadeiro bêbado junto, a uma calha, vira o rosto para um copo d'água que um amigo lhe oferece, e dá a mão a uma prostituta que lhe apresenta uma caneca de gim, com uma criança trêmula de frio nos braços, imitando-lhes os gestos. E assim por diante. Satirizou as eleições políticas, pintando um quadro lan- çante de um pensionista inválido, sem uma perna, o bra- ço esquerdo e a mão direita, de pé no começo de uma fila de eleitores de um escrutínio. Atrás dele, sentado numa ca- deira de rodas, está um idiota usando um babador; e os seguintes da fila são um moribundo numa padiola carre- guintada por uma enfermeira e um mendigo sem nariz. Um rapaz que boceja e um coxo formam a retaguarda. Ao fundo aparece uma multidão de agentes eleitorais, assal- tando, devastando e destruindo tudo, em seu caminho. No meio da multidão um coche ostentando o rótulo "Bri- tânia" está derrubado, enquanto a cocheiro e o criado sen- tam-se displicentemente junto a ele, num par de caixotes, jogam cartas. Entretanto, nenhum país será jamais aba- tidos à maneira deste coche, se der aos seus sátiros plena liberdade de expressão.

Hogarth representava todo um público rindo da peça da vida humana. Sentava-se na platéia e nunca se enver-

ganhava de bater os pés e de gritar sua aprovação ou desaprovação diante do grotesco das peças, dos atores e dos espectadores, inclusive ele mesmo. E quando, em 1764, chegou a hora de deixar o teatro, depois de um desempe- nho de sessenta e sete anos, abandonou a cadeira com o sentimento de que o drama, apesar de suas muitas imper- feições, foi, no todo, dignamente escrito e bravamente repre- sentado. E quando saiu do teatro e foi para casa, descan- sar em seu último sono, David Garrick subiu ao palco e disse as palavras finais sobre o seu mais severo crítico e mais querido amigo:

**Farewell, great painter of mankind,
Who reached the noblest point of art.
When pictured morals charm the mind,
And through the eye correct the heart.**

**If genius fire thee, Reader, stay:
If nature touch thee, drop a tear;
If neither move thee, turn away,
For Hogarth's honored dust lies here. (*)**

(*) Adeus, grande pintor da humanidade, que alcançou o objetivo mais nobre da Arte. Quando retratava a moral, encantava o espírito, e através dos olhos corrigia o coração. Se o gênio te incendeia, Leitor, fica; se a natureza te comove, derrama uma lágrima; se nada te entenece, volta porque as honradas cinzas de Hogarth estão aqui.

V. S. PODE APRESENTAR-SE PARA O FILM

Grande Film de Revista Americana procura 400 (girls) artistas. As ofertas de- vem ser acompanhadas pela fotografia, tamanho no mínimo de 8 x 11 centímetros. Endereço da AGENCIA DO FILME, Caixa Postal 76 ("LAPA") — RIO DE JANEIRO.

O HOMEM QUE...

(Conclusão da pág. 11)

na precipitação de uma saída. "...és a mais bela e a mais querida das mulhe- res..."

Tertuliano viu Sinhá crescer na sua ad- miração e no seu desejo. Era, para o outro a mais bela das mulheres! Sentia-a valorizada, colocada muito alto, quase intangível ao seu desespero de amoroso bizarro. Mas Gastão, impetuoso e irasci- vel, não atendendo às razões que ela pu- nha na polpa dos seus lábios quando a enlaçava com seus braços e suplicava com os olhos cheios de pranto, apitou como contra-regra para precipitar o desfecho do drama:

— Ou você fica comigo ou fica com ele...

— Mas Gastão...

— Matome! Dou um tiro na cabeça!

— Mas Gastão...

Crise. Beijos. Promessas. Decisão. Juramento. Detalhes...

Tertuliano, em lugar de Sinhá encon- trou na manhã seguinte este bilhete:

O destino me chama a outra parte. Perdoa-me. Adeus para sempre.

SINHÁ.

Foi uma volúpia longa a que o largou supino na cama, garganta em soluços, mãos crispadas nos cabelos. Percebeu que nunca a amara como nesse instante. As memórias, pérfidas, vieram uma a uma:

"Lembra da molta fulva que tinha sob a axila? Parecia fumo turco desfiado, com o mesmo aroma entorpecente..." Veio outra e disse: "E o delta macio que acolchoava, com retrôz dourado, a junção das coxas perfeitas?" E a outra: "Sabe quem está desfrutando esse tesouro? Imagina o gesto do primeiro beijo furtado logo após o terror da fuga..."

Ele chicoteou-se com o látigo de fogo de cenas lúbricas. Fez com pincéis de memórias um indecoroso painel na tela aflita da sua imaginação doente. Desen- nhou o corpo de Sinhá em todas as atitu- des. Amava-a — agora que não a pos- suía mais — com verdadeiro desespero.

Pôs-se a procurar os fugitivos. Uma semana de buscas, de pesquisas com cor- rupção de criados, com o concurso de se- cretas no S. Paulo babilônico do Braz e da Lapa, do Ipiranga e dos Pinheiros. Pare- cia que se haviam evaporado Gastão e Sinhá. Um dia, porém, teve notícias exa- tas. Havião sido identificados na...

— Rua dos Caíres número 26, casa amarela, perto da esquina, venezianas verdes, portãozinho de ferro. Tertuliano engraxou o revólver. E foi lá.

— ... absolutamente! Foi-se embora ante-ontem. Nossa vida era um inferno. Não quero saber mais dela.

Tertuliano sentiu que o esburacavam por dentro. Vinha reclamar de Gastão sua esposa e este, já enfiado, a botara no olho da rua! Sinhá, bruscamente, como um balão que desincha ficou reduzida a um trapo no seu espírito. Sentiu-se rou- baço. Já não amava mais. Esse pobre frangalho de mulher desprezada e enxota- da parecia-lhe uma coisa ridícula e humi- lhante.

— Mas o senhor teve a audácia de raptá-la! E' um miserável!

— Não seja tolo, homem... Por quem o senhor me está tomando? Todo o mundo já conhece a sua história e a da sua mulher... Nem o senhor, nem ela, nem eu somos ingênuos...

Tertuliano sentiu-se desarmado. Era como se uma tesoura lhe cortasse um por um os tendões e os nervos. Tudo se arra- sava: seu amor e sua vingança...

Brusca uma revolta flamejou nele. "Era demais! Gastão lhe roubara Sinhá e agora, farto da colada, atirava a para aí e ele que a aguentasse..." Sacou do revólver e, com chispas nos olhos, encos- tou o níquel gelado na garganta do ou- tro.

— Canalha, agora o senhor fica com ela quer queira, quer não!

Gastão aterrorizado mediu a iminência do perigo.

— Que é isso?

— Não tem isso, nem meio isso... Fica com a mulher!

— Mas...

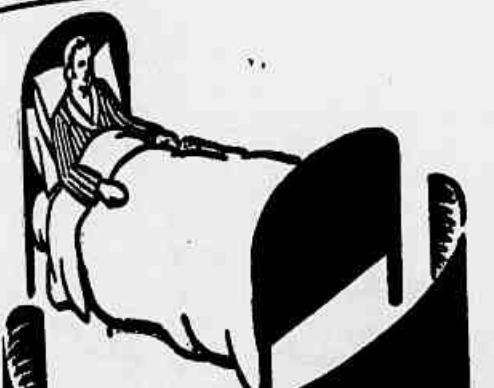
— Fica, ora se fica... Por que então veio arrancá-la da minha casa?

Quando teve absoluta certeza de que o outro ficava com Sinhá, saiu. Na rua parou bruscamente e pôs-se a respirar em grandes haustos.

— Puxa!

Sentiu-se absurdamente feliz. E reto- mando seu caminho para descarregar os nervos — "Ele fica com ela, pilulas! Es- tou cansado de bancar o marido. E' ne- cessário de quando em quando, trocar os papéis. Depois, quando eu quiser..."

E pensou que viria buscar Sinhá na casa do outro, num taxi fechado, como quem esconde ao mundo o escândalo de um adultério.



ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA E APERITIVA

NA ANEMIA CLOROSE E CONVALESCENÇAS

T. TARGUINO

DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

e sairá da cama disposto para tudo. Do fígado deve fluir para os intes- tinos, aproximadamente, um litro de suco biliar por dia. Se este suco não correr livremente, V. não pode digerir bem os alimentos e estes fermentam nos intestinos. Então so- brevem a sensação de fatura, seguida pela prisão de ventre. V. se sente de- primido, desanimado e de mau humor. V. precisa das Pímulas Carter para o Fígado, para fazer com que esse litro de suco biliar corra livremente e V. se sinta realmente bem. Compre um vidro hoje mesmo. Tome-as conforme as instruções. São efica- zes para fazer a bilis fluir livremente. Peça Pímulas CARTER para o Fígado. Tamanho econômico: Cr\$ 3,50.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Isso é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra- concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de natu- ralidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e tor- cea horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e impurezas e a tendência para pigmen- tação.

O tipo, o brilho de uma pele ativa e saudável volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

DENTIFRÍCIOS PANNAIN



VINHO DA MADEIRA

ILM BORGES, SUCCS LTDA

Estabelecido desde 1871 - Rua da Madeira

Am

numero para



VINHO DA MADEIRA

ILM BORGES, SUCCS LTDA

Estabelecido desde 1871 - Rua da Madeira

cacha

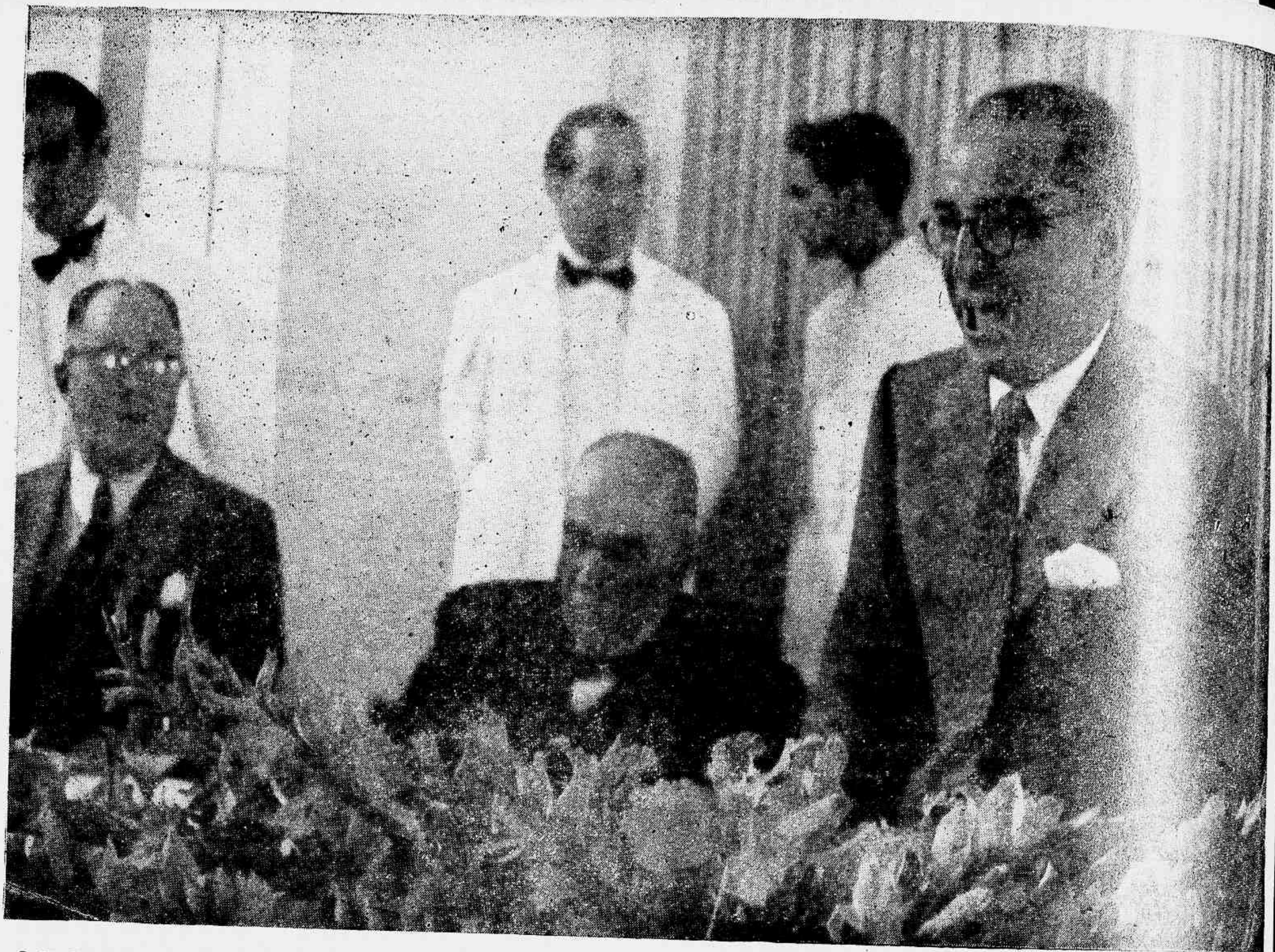
paladar



VINHO DA MADEIRA

ILM BORGES, SUCCS LTDA

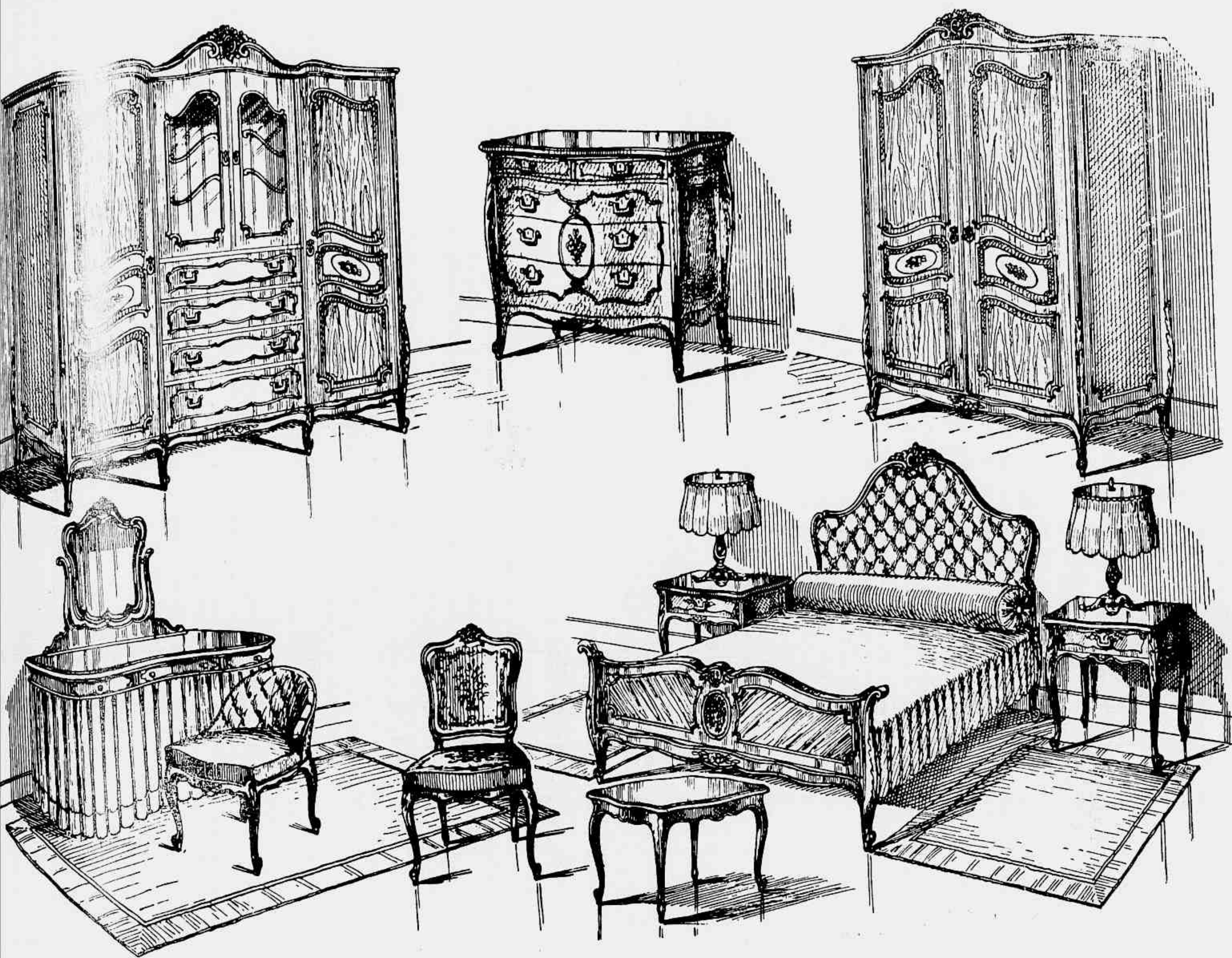
Estabelecido desde 1871 - Rua da Madeira



JOCKEY CLUB MUNDANO

Na tarde de 17 de novembro o Jockey Club Brasileiro prestou expressiva homenagem a imprensa carioca. Além do Clássico "Imprensa", o Jockey ofereceu aos cronistas um banquete, ao qual compareceram pessoas destacadas da nossa sociedade. Nesta página estampamos um aspecto do referido almoço, vendo-se o Sr. Filadelfo de Azevedo quando usava da palavra, e dois flagitantes colhidos na "pelouse" da Gávea durante os intervalos das corridas.





DORMITÓRIO

"LUIZ XV"

Reproduzimos nesta página um sugestivo modelo para a decoração do seu lar. Trata-se de um maravilhoso dormitório Luiz XV, em jacarandá ou pau marfim ricamente esculpado.

O mobiliário é composto de um amplo guarda-vestidos, cômoda, guarda-casaca, mesinhas de cabeceira, penteadeira, uma pequena mesinha e uma cadeira estofada com tecido Gobelins.

A cabeceira da cama tem o seu painel estofado à cetineta com "capitoné", o que longe de dar uma nota espalhafatosa, condiz perfeitamente com a harmonia do mobiliário. Cetineta idêntica deve ser empregada no forro da penteadeira, cuja banquetta é estofada com pelúcia.

MOBILIÁRIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA

MARCA

UNES

REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

7 QUALIDADES QUE JUSTIFICAM A SUA PREFERÊNCIA...



MIDO MULTIFORT, algo de mágico em um presente de festas... O relógio revolucionário, planejado para o homem de ação e a mulher moderna. Cada uma de suas 7 qualidades extraordinárias representa mais um motivo de variedade para quem o recebe e aviva a recordação de quem o oferece.

- ★ 100% IMPERMEÁVEL
- ★ SUPER-AUTOMÁTICO
- ★ PARA-CHOQUES
- ★ PRECISO
- ★ LUMINOSO
- ★ INOXIDÁVEL
- ★ ANTI-MAGNÉTICO

Mido
MULTIFORT

RELÓGIO SUÍÇO COM 17 RUBIS



O novo estôjo MIDO-MULTIFORT